

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

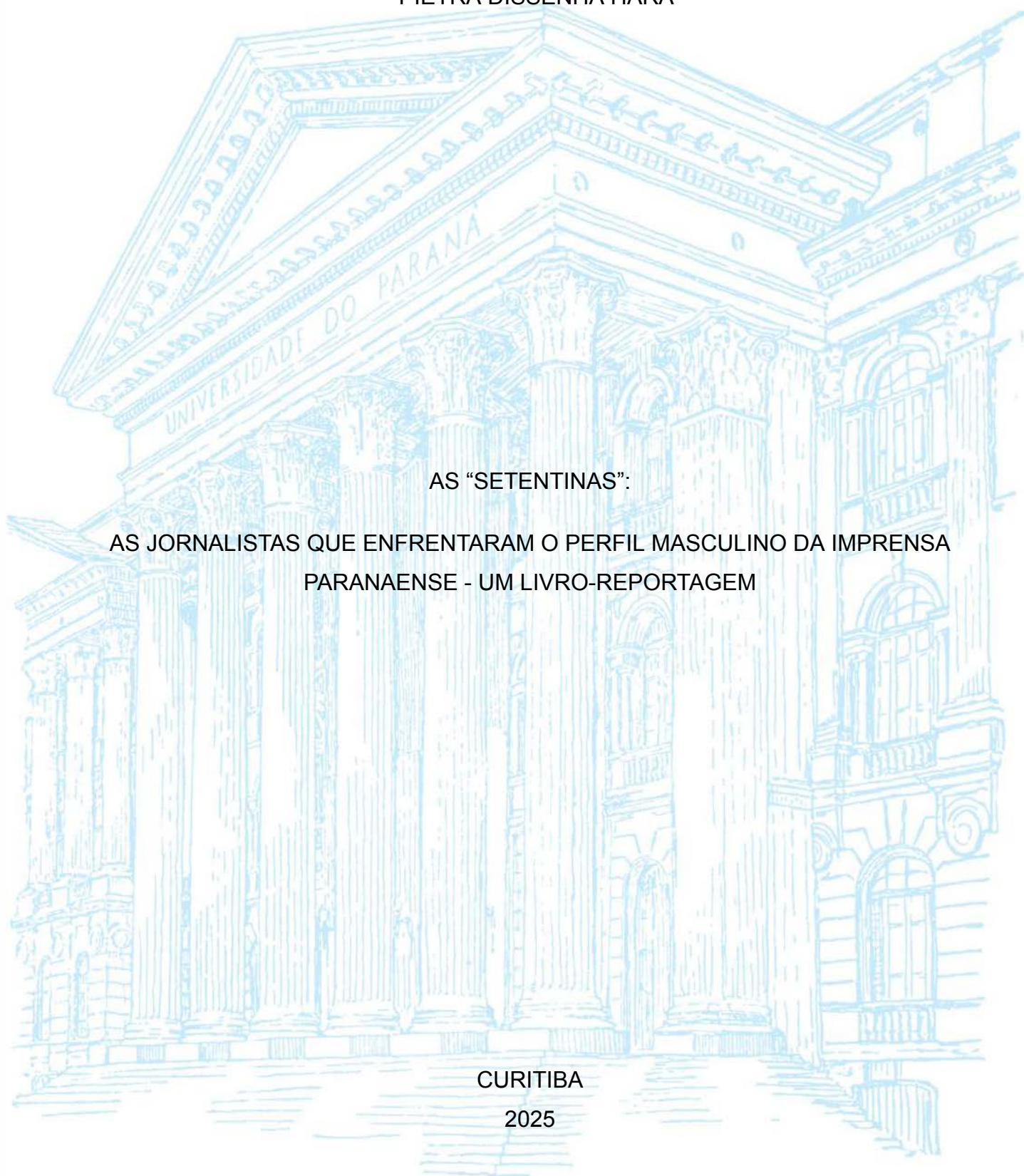
PIETRA DISSENHA HARA

AS “SETENTINAS”:

AS JORNALISTAS QUE ENFRENTARAM O PERFIL MASCULINO DA IMPRENSA
PARANAENSE - UM LIVRO-REPORTAGEM

CURITIBA

2025



PIETRA DISSENHA HARA

AS “SETENTINAS”:
AS JORNALISTAS QUE ENFRENTARAM O PERFIL MASCULINO DA IMPRENSA
PARANAENSE - UM LIVRO-REPORTAGEM

Trabalho apresentado como requisito parcial
para aprovação no curso de Jornalismo,
Setor de Artes, Comunicação e Design, da
Universidade Federal do Paraná (Sacod
UFPR).

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Fernandes

CURITIBA

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Rua Bom Jesus, 650, - - Bairro Juvevê, Curitiba/PR, CEP 80035-010
Telefone: 3360-5000 - <https://ufpr.br/>

ATA DE REUNIÃO

ATA DA BANCA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

No dia 11/12/2025, às 18 horas, os membros da banca de avaliação reuniram-se no Departamento de Comunicação Social da UFPR, com a finalidade de avaliar a aluna **PIETRA DISSENHA HARA** que apresentou o trabalho de conclusão de curso em jornalismo intitulado: **AS "SETENTINAS": AS JORNALISTAS QUE ENFRENTARAM O PERFIL MASCULINO DA IMPRENSA PARANAENSE - UM LIVRO-REPORTAGEM**. Após informar as normas do exame de avaliação, o orientador passou a palavra para que a aluna realizasse a apresentação. Finalizada a exposição, a aluna foi arguida pelos membros da banca que atribuíram as seguintes notas:

Professora	Nota	Assinatura
JOSÉ CARLOS FERNANDES	100	José Carlos Fernandes
MYRIAN REGINA DEL VECCHIO DE LIMA	100	Myrian Reg Del Vecchio
PRISCILA TOBLER MURR	100	Priscila Murr

Sendo assim, a média aritmética atribuída à aluna na defesa de seu Trabalho de Conclusão de Curso, foi _____, nota que será lançada no SIGA pelo Professor Orientador somente após realizadas as considerações sugeridas pela banca. A aluna foi considerada aprovada na disciplina e deverá entregar o trabalho com alterações sugeridas pela banca em até 10 dias.


JOSÉ CARLOS FERNANDES
Professor Orientador

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo propõe a criação de um livro-reportagem digital sobre o resgate da vivência jornalística em veículos de comunicação paranaenses, na visão das mulheres jornalistas que atuaram no estado, entre o final da década de 60 e início da de 80. Ao ter como objetivo resgatar e viabilizar a divulgação de um olhar com pouco espaço nos registros da memória regional, a pesquisa busca trabalhar com a inserção das mulheres no cenário do jornalismo profissional, assim como apontar as barreiras e caminhos que precisaram transpor até se consolidarem em uma imprensa majoritariamente masculina. A teoria se baseia nos estudos de gênero e relações de trabalho, na procura de entender as razões pelas quais as mulheres jornalistas têm um passado com menos registros que seus contemporâneos homens. A metodologia fundamenta-se em pesquisa bibliográfica e de obras de inspiração, entrevistas em profundidade e memória oral. O projeto busca revelar como ser mulher afetou a inserção das repórteres, âncoras e fotojornalistas no mercado de trabalho da comunicação regional, além de identificar novas formas de jornalismo que surgem com o início da relação entre mulheres e a imprensa. O produto pretende contribuir para uma compreensão aprofundada do papel das mulheres no jornalismo regional e trazer à tona histórias que se perderam no tempo de mulheres que atuaram e ainda atuam nas redações paranaenses.

Palavras-chave: Mulheres Jornalistas; História do Jornalismo; Gênero e Jornalismo; Imprensa Regional; Livro-Reportagem.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de idade dos participantes.....	32
Tabela 2 – Jornalistas esportivos mais mencionados.....	33
Tabela 3 – Top 10 Jornalistas Políticos/Econômicos Mais Mencionados.....	34
Tabela 4 – Top 10 Jornalistas de Variedades Mais Mencionados.....	35
Tabela 5 – Top 10 Âncoras/Apresentadores Mais Lembrados.....	36
Tabela 6 – Top 10 Jornalistas Mulheres Mais Lembradas.....	36
Tabela 7 – Top 10 Jornalistas Mulheres Mais Lembradas (Ascensão após os anos 2000)...	37
Tabela 8 – Crença sobre Mudanças na Profissão devido à Entrada de Mulheres.....	38
Tabela 9 – Percepção sobre Oportunidades Iguais no Jornalismo.....	38
Tabela 10 – Percepções sobre como ser homem contribui para uma maior visibilidade no jornalismo.....	39
Tabela 11 – Percepção sobre Interferência do Gênero na Produção Jornalística.....	39
Tabela 12 – Percepção sobre a Importância do Estudo da Influência do Gênero nas Carreiras Jornalísticas.....	40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. SER MULHER NA SOCIEDADE: APAGAMENTOS, ENTRADA NO MERCADO DE TRABALHO E NO JORNALISMO.....	21
2.1 O APAGAMENTO DAS MULHERES NA HISTÓRIA.....	21
2.2 A PRESENÇA NO MERCADO DE TRABALHO E O INÍCIO DA APARIÇÃO FEMININA.....	23
2.2 BARREIRAS E DESAFIOS.....	25
2.3 INTERSECCIONALIDADE.....	26
3. GÊNERO, IMPRENSA E A CONSTRUÇÃO DO JORNALISMO MODERNO.....	28
3.1 A EXCLUSÃO HISTÓRICA E A IMPRENSA FEMINISTA.....	28
3.2 A MIGRAÇÃO DO JORNALISMO ROMÂNTICO PARA O MODERNA.....	29
3.3 O CONTEXTO PARANAENSE E A INVISIBILIDADE DO PROTAGONISMO.....	32
4. A NARRATIVA DA MEMÓRIA: JORNALISMO LITERÁRIO E O LIVRO REPORTAGEM.....	34
4.1 O JORNALISMO LITERÁRIO.....	34
4.2 O LIVRO-REPORTAGEM.....	36
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, REFERÊNCIAS E O PRODUTO.....	38
5.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	38
5.2 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE E MEMÓRIA ORAL.....	40
5.3 OBRAS QUE INSPIRAM.....	41
5.4 O LIVRO DAS “SETENTINAS”.....	42
5.4.1 A estrutura do livro.....	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE PESQUISA DE OPINIÃO.....	52

1. INTRODUÇÃO

Ao pensarmos na história do jornalismo brasileiro, a temática da participação feminina apenas começou a ser vastamente explorada em estudos da comunicação a partir dos anos 2000. Essas pesquisas recentes revelam que, embora a consolidação profissional da mulher tenha ocorrido no final dos anos 1960, suas primeiras atuações remontam ainda ao século XIX. Um exemplo precursor é o *Jornal das Senhoras*, periódico da imprensa alternativa dirigido por Joana Paula Manso de Noronha, entre 1852 e 1854 (Barbosa, 2007; Casadei, 2012).

Até a chegada efetiva de mulheres no mercado da informação, que se iniciou em meados do século XX, as redações jornalísticas eram praticamente compostas por homens. Relatos encontrados em livros de memória e pesquisas sobre o jornalismo brasileiro mostram como o jornalismo não era pensado para a inserção do público feminino em seu meio, e, contextualizando com a época, trazia um reflexo da sociedade para as redações: a mulher era reduzida para um segundo nível de importância (Lima; Fernandes, 2015; Ribeiro, 1998).

Percebe-se que a inserção tardia de mulheres trabalhando com a mídia informativa moldou, inclusive, a produção de materiais de valorização da memória e do processo de criação da imprensa nacional – fenômeno que também é presente nos estudos de resgate de outras profissões, do contexto patriarcal de valorização de conquistas masculinas que cercaram a história dos últimos séculos.

São poucos os nomes femininos lembrados em estudos e obras da história da comunicação brasileira, se compararmos com produtos relacionados aos escritores e repórteres que marcaram os mesmos períodos. Mas, e se esses diversos nomes lembrados fossem, na verdade, de mulheres? Será que essas produções teriam a mesma proporção?

Pensando no jornalismo paranaense, nomes como Rosy de Sá Cardoso, Elvira Alegre, Vania Mara Welte e Celina Luz são algumas das inúmeras assinaturas de pioneiras que criaram uma nova face para a produção da informação regional, mas que sofreram com o esquecimento de pesquisadores e historiadores da comunicação com o passar dos anos. O que essas mulheres enfrentaram ao chegarem em um ambiente tipicamente masculino? Houve um direcionamento para o tipo de produção em que elas atuariam? Como elas ultrapassaram as barreiras do machismo e conseguiram avançar em suas carreiras?

Nesse sentido, o presente trabalho serve de base para a fundamentação de um livro-reportagem digital intitulado *"Setentinas": As jornalistas que enfrentaram o perfil masculino da imprensa paranaense na segunda metade do século 20 - reportagem, depoimentos e pesquisa*. O material foi pensado para compartilhar a história do jornalismo paranaense na visão de um dos primeiros grupos de mulheres que fizeram parte das redações locais, especialmente as apelidadas, durante a pesquisa de fundamentação deste produto, de "setentinas" – mulheres, agrupadas neste estudo por este nome – que estudaram ou ingressaram na imprensa paranaense, como repórteres, colunistas e fotojornalistas, entre o final dos anos 1960 e início de 1980.

Em busca de fundamentar o livro-reportagem, focou-se nos estudos de gênero e as razões pelas quais a visão feminina na história da imprensa, assim como de outras profissões, ser deixada de lado – explorando termos teóricos como a micro-história, de Ronaldo Vainfas (2002) –, questões sobre a entrada da mulher no mercado de trabalho e do processo de alfabetização desse grupo, ambos tardios e marcados pelo patriarcado e o processo de transição do jornalismo romântico para o moderno, também marcado pelo início de atuação das mulheres nas redações. Procurou-se entender, por meio de autores e de uma pesquisa de opinião, como o produto deveria ser realizado e o interesse que uma iniciativa como essa geraria ao público.

A ideia de um produto jornalístico e não de uma monografia surge, principalmente, pela questão de facilitar o acesso à informação sobre tais mulheres. O direcionamento para que ele seja uma mídia digital também está relacionado à democratização do acesso à informação, visto que grande parte da população mundial busca saber mais sobre algo ou alguém acessando a internet na atualidade. Com uma grande quantidade de documentos disponíveis, é comparada a uma biblioteca digital, com mais pessoas tendo acesso a dados se comparados a uma tiragem fixa de livros físicos (Teixeira; Brandão, 2002).

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem, como objetivo central, criar um livro-reportagem para contar a história da imprensa paranaense na versão do grupo que iniciou e ampliou a presença feminina nas redações locais, as jornalistas, colunistas e fotojornalistas da década de 1970. Para que o objetivo central possa se concretizar, alguns objetivos específicos foram estabelecidos, sendo eles:

1. Resgatar histórias sobre mulheres que participaram do processo de estruturação da imprensa;
2. Discutir a inserção das mulheres no mercado de trabalho do jornalismo;
3. Promover o debate acerca das questões de gênero que permeiam o mercado jornalístico regional, do princípio até a atualidade;
4. Contribuir para a pesquisa sobre a história do jornalismo local.

A justificativa da produção proposta como Trabalho de Conclusão de Curso se dá por motivos de interesses pessoais, principalmente.

Durante o primeiro ano participando da Iniciação Científica: “Jornalismo e ditadura militar no Paraná - Fase 2”, que coincidiu com o primeiro ano no curso de jornalismo, foi encontrado, junto de demais colegas, mais de 320 textos, entre colunas e reportagens, publicados com a assinatura de Celina Luz, no jornal *Última Hora* Curitiba – periódico fundado em 1951, que é considerado um divisor de águas para a imprensa nacional (Wainer, 1988).

Os textos, com temas variados, foram produzidos pela jornalista em um pouco menos de dois anos de atuação na redação local do periódico – sendo Celina, inclusive, a única mulher que atuou na redação do jornal nos anos de funcionamento da sede na capital do Paraná, entre 1959 a 1964 (Hara, *et al.*, 2024). A escrita da autora chamou a atenção, portanto iniciou-se a busca de mais alguma informação sobre a jornalista em buscadores digitais e bibliotecas físicas.

Porém, uma surpresa: nenhum resultado encontrado, a não ser por pequenas aparições nas listas de repórteres que fizeram parte do *Última Hora*. Nada mais. Constatou-se que muitas pessoas, inclusive pesquisadores do jornalismo local, não tenham ouvido sequer falar em seu nome ao longo dos anos. Isso gerou um certo inquietamento, direcionando o grupo a produzir um *e-book* para disciplinas da graduação. O material contém textos selecionados da jornalista, um depoimento de um dos contemporâneos de Celina Luz, e uma breve biografia, costurada a partir dos resultados da pesquisa até o momento.

Um estudo à parte sobre a jornalista ainda está em andamento, no mesmo grupo de Iniciação Científica, e agora sabemos por onde ela passou após sua contribuição ao *Última Hora*. A carreira de Celina tem como destaques a cobertura de eventos internacionais de cinema, entrevistas com personalidades da 2ª Guerra Mundial e até a abertura e direção de uma revista brasileira, mostrando uma trajetória interessante de ser analisada, porém pouco explorada até então.

Essa história poderia servir de inspiração para que muitas meninas se interessassem pelo jornalismo há muito tempo. Porém, o resgate está em realização há um curto período, sendo fruto dos estudos de três estudantes do curso de Jornalismo da UFPR – o que priva alguns dos caminhos que poderiam ser possíveis caso um grupo maior de pessoas, ou até mesmo entidades se interessasse pela temática. Essa busca, que continua em andamento, é um dos principais pilares para o direcionamento deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Celina Luz é só um dos exemplos que identificam essa falta de informação e produções sobre mulheres jornalistas, fazendo com que suas histórias se perdessem no tempo. Portanto, a ideia e possibilidade de se fazer um livro-reportagem sobre tal temática, trabalhando com jornalismo de memória e literário, áreas de interesse da autora deste trabalho desde antes da chegada ao curso de jornalismo, foi muito presente desde o início.

Partindo do pressuposto de que um livro-reportagem é feito para contar histórias, por que não resgatar vivências de personalidade femininas e proporcionar uma nova visão da evolução do jornalismo local, a partir do olhar das mulheres que tiveram seus lugares de fala pouco explorados até o momento e da premissa que elas fizeram a diferença nas transformações estruturais do jornalismo? Passar pelas pioneiras, suas vivências, obstáculos e aprendizados seria interessante para discutir questões de gênero, quais foram os momentos iniciais das carreiras e o que mudou no jornalismo local com o passar das décadas.

Além disso, o produto é fruto de discussões sobre as inovações advindas da chegada das mulheres no jornalismo, mostrando as evoluções que podem ser atreladas a essas personalidades no campo. Por esses motivos, este documento teórico-metodológico, além de *Introdução*, conta com mais cinco partes, além das considerações finais e um apêndice com as perguntas de um formulário elaborado pela autora para auxiliar no planejamento do livro produzido.

O segundo capítulo, intitulado *Ser Mulher na Sociedade: Apagamentos, Entrada no Mercado de Trabalho e no Jornalismo*, contextualiza a invisibilidade histórica feminina e as barreiras enfrentadas para a ocupação do espaço público. O texto discute os mecanismos sociais que relegaram as mulheres ao ambiente doméstico, os desafios da inserção no mercado de trabalho e a importância da interseccionalidade para compreender as múltiplas camadas de opressão, utilizando a micro-história como ferramenta de resgate.

No terceiro capítulo, *Gênero, Imprensa e a Construção do Jornalismo Moderno*, traça-se um panorama da evolução da participação feminina na mídia. A abordagem percorre desde a imprensa feminista do século XIX até a transição do jornalismo romântico para o moderno, entre as décadas de 1950 e 1970, destacando como a profissionalização, a tecnologia e a exigência do diploma impactaram a entrada das mulheres nas redações, com ênfase no contexto paranaense.

O quarto capítulo, *A Narrativa da Memória: Jornalismo Literário e o Livro-Reportagem*, estabelece a fundamentação teórica que sustenta obra. Nele, são explorados os conceitos de Jornalismo Literário e do formato livro-reportagem como veículos ideais para conferir profundidade e perenidade às histórias resgatadas, permitindo uma narrativa humanizada, que une a veracidade dos fatos à estética literária.

Seguindo para a prática, o quinto capítulo, *Procedimentos Metodológicos, Referências e o Produto*, detalha o percurso de produção do projeto. São descritas as etapas de pesquisa bibliográfica para o mapeamento das jornalistas, a aplicação da metodologia de história oral através de entrevistas em profundidade com as "setentinas" selecionadas, o uso de uma pesquisa de interesse do público para identificar a presença das mulheres jornalistas na imprensa e a percepção da sociedade acerca da temática e a análise das obras de referência biográficas e jornalísticas que serviram de inspiração para a construção do produto. O capítulo também conta com a subdivisão *O Livro das "Setentinas"*, apresenta o produto final deste Trabalho de Conclusão de Curso. O texto descreve a estrutura do livro-reportagem digital, justificando as escolhas editoriais, a organização dos depoimentos e a identidade visual, demonstrando como a pesquisa teórica e metodológica se materializou, na obra que resgata a memória das pioneiras da imprensa do Paraná.

Finalizando o documento, as *Considerações Finais* trazem reflexões acerca dos estudos compilados e demonstram como um produto como o proposto tem o potencial de ser fonte de inspiração para mulheres que buscarem se aventurar no campo da comunicação futuramente.

2. SER MULHER NA SOCIEDADE: APAGAMENTOS, ENTRADA NO MERCADO DE TRABALHO E NO JORNALISMO

Este capítulo discute as estruturas sociais que historicamente invisibilizaram a atuação feminina, partindo do apagamento historiográfico até a inserção no mercado de trabalho contemporâneo. Analisa-se aqui o paradoxo da qualificação: embora as mulheres tenham superado os homens em escolaridade, as disparidades salariais e de poder persistem, agravadas por recortes de raça e classe.

2.1 O APAGAMENTO DAS MULHERES NA HISTÓRIA

O apagamento das mulheres na história é um fenômeno persistente que se manifesta tanto na ausência de registros quanto na desvalorização simbólica das experiências femininas. Durante séculos, a história foi escrita por homens, sobre homens, para homens. Como consequência, as trajetórias femininas foram sistematicamente ignoradas, distorcidas ou relegadas ao plano secundário, reforçando a ideia de que as mulheres seriam naturalmente apolíticas, passivas e confinadas ao espaço doméstico.

Michelle Perrot (2017), uma das principais historiadoras dedicadas à recuperação da história das mulheres, afirma que “a ausência das mulheres na história não significa que elas não estivessem presentes, mas que seus rastros foram apagados, suas vozes silenciadas e seus feitos considerados irrelevantes” (Perrot, 2017, p. 10). A construção da memória histórica, portanto, foi atravessada por uma lógica patriarcal, em que apenas os feitos públicos — guerras, revoluções, política e ciência — eram considerados dignos de registro, excluindo tudo aquilo que fosse relacionado à vida cotidiana, aos afetos e ao trabalho invisível das mulheres.

Essa lógica de exclusão se tornou especialmente contundente no campo historiográfico. Joan Scott (1995) propôs o uso do gênero como categoria analítica justamente para romper com essa tradição excludente. Para a autora, o gênero não apenas revela como as relações entre homens e mulheres foram construídas historicamente, mas também mostra como o poder operou para definir o que é considerado conhecimento válido. O apagamento das mulheres na história, portanto, não é acidental, mas um dispositivo de poder que organiza a produção do saber.

O apagamento ou a sub-representação das mulheres não se restringe ao

campo da imprensa, mas reflete uma estrutura social patriarcal mais ampla, na qual as mulheres foram sistematicamente impedidas de ocupar posições de poder e visibilidade. Alice Mitika Koshiyama (2001) observa como essa omissão das mulheres se manifesta nos registros históricos, evidenciando uma lógica de exclusão que atravessa diferentes esferas da sociedade:

Os estudos históricos não privilegiam o olhar sobre as mulheres. Fazer de conta que as mulheres não existiam é um comportamento que ajudava a construir a história das mulheres como seres que não tinham identidade própria, reforçando a visão da mulher complemento do homem, Eva costela de Adão. (Koshiyama, 2001, p. 2).

No contexto brasileiro, esse apagamento é agravado pelas múltiplas desigualdades que atravessam o país: raça, classe, religião e acesso à educação formal. Durante o período colonial e imperial, o índice de analfabetismo entre mulheres era bastante elevado, especialmente entre as populações negras e indígenas, o que limitava a produção de registros escritos de autoria feminina. Mesmo aquelas que escreveram — como poetisas, educadoras ou articulistas — foram frequentemente desqualificadas ou ignoradas nos cânones literários e históricos (Del Priore, 2014).

A micro-história, abordagem defendida por historiadores como Ronaldo Vainfas (2000), surge como estratégia para enfrentar esse silenciamento. Ao priorizar a escuta dos sujeitos anônimos, dos registros fragmentados e das experiências não normativas, a micro-história possibilita resgatar vozes apagadas e revelar a pluralidade de vivências que constituem o tecido histórico. Vainfas (2000) afirma que “é preciso dar vida a personagens esquecidos e revelar enredos e sociedades ocultas da história geral” (Vainfas, 2000, p. 103), defendendo a centralidade de histórias pequenas para a compreensão dos grandes processos.

Essa mudança de paradigma historiográfico oportunizou, nas últimas décadas, o surgimento de estudos que investigam as práticas cotidianas das mulheres, seus modos de resistência, seus espaços de sociabilidade e sua atuação política informal. Mesmo quando silenciadas nos registros oficiais, as mulheres sempre encontraram maneiras de agir, escrever, ensinar, mobilizar e transformar o mundo à sua volta (Telles, 1997; Perrot, 2017).

Por outro lado, é importante reconhecer que o apagamento histórico não se limita à ausência de nomes femininos nos livros. Ele também se manifesta na

desqualificação dos saberes femininos, na estigmatização de suas práticas culturais e na marginalização de suas contribuições. Mesmo as mulheres que desafiaram as normas e atuaram publicamente tenham sido frequentemente rotuladas como “imorais”, “desviantes” ou “excêntricas”, evidenciando os mecanismos de punição simbólica que sustentaram o silenciamento feminino (Rago, 1997).

Dessa forma, o resgate da história das mulheres não é apenas uma tarefa de reconstrução factual, mas um projeto político e social. Implica desconstruir os critérios que definem o que é relevante na história e reconhecer a multiplicidade de sujeitos que constroem o passado. Trata-se, como escreve Scott (1995), de tornar visível o que tornaram invisível, não como exceção, mas como parte integrante e fundamental da experiência humana.

2.2 A PRESENÇA NO MERCADO DE TRABALHO E O INÍCIO DA APARIÇÃO FEMININA

A entrada das mulheres no mercado de trabalho é um marco central na luta por igualdade de direitos e de início da visibilidade em registros históricos. Entretanto, também é uma das arenas onde as contradições de gênero se manifestam com mais intensidade, visto que, para serem legitimadas, precisaram recorrer à escolarização – algo que muitas só tiveram direito a partir de meados do século XX.

Historicamente, o trabalho feminino sempre existiu — especialmente entre as mulheres pobres, negras, indígenas e mestiças —, porém, ele foi desvalorizado, invisibilizado e sistematicamente excluído do conceito de “trabalho produtivo” (Rago, 1997). Durante o período colonial e imperial, mulheres escravizadas exerciam funções domésticas e agrícolas, além de participarem ativamente da economia urbana como quituteiras, vendedoras e amas de leite. No entanto, essas atividades eram compreendidas não como ocupações legítimas, mas como extensões da servidão ou da subalternidade (Rago, 1997).

A industrialização, iniciada no final do século XIX, proporcionou novas oportunidades para mulheres urbanas, principalmente brancas e imigrantes. Elas passaram a atuar nas fábricas, na costura, no comércio e no magistério (Telles, 1997). Contudo, essas atividades ainda eram vistas como “complementares” à renda familiar, e não como carreiras legítimas. As operárias eram representadas como

frágeis, desprotegidas e perigosamente sexualizadas — o que justificava tanto a exploração quanto a vigilância sobre seus corpos (Perrot, 2017; Del Priore, 2014).

O ideário dominante sobre o papel feminino — centrado na maternidade, na domesticidade e na dependência econômica — foi sustentado por discursos médicos, jurídicos e religiosos. No Brasil republicano, políticas públicas de proteção à maternidade e ao trabalho feminino eram, ao mesmo tempo, avanços legais e formas de controle, como no caso das proibições ao trabalho noturno ou à entrada de mulheres em determinadas profissões – algo destacado como uma “ameaça à honra feminina” (Priore, 2014).

Muitos acreditavam que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitava a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das Mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se fossem trabalhar fora do lar. (Rago, 1997, p. 585).

Mesmo nas classes médias, o ingresso no mercado de trabalho era visto com ressalvas. A mulher que saía para trabalhar era tida como “egoísta” ou “imoral”, especialmente se fosse casada ou mãe. A tensão entre trabalho remunerado e dedicação ao lar ainda persiste, revelando que os estigmas culturais que cercam a mulher trabalhadora se mantêm desde esse período (Del Priore, 2014).

O século XX testemunhou conquistas importantes, como o direito ao voto, o acesso à educação superior e a profissionalização feminina em áreas como o magistério, a enfermagem e, mais recentemente, jornalismo, direito, medicina e engenharia. No entanto, essas conquistas ocorreram de forma desigual, condicionadas por classe, raça e local de origem.

Passando para os dias atuais, pode-se perceber que o processo de equidade no mercado de trabalho ainda é longo. Mulheres seguem ocupando funções com menor remuneração, prestígio e estabilidade, além de enfrentarem a dupla jornada e o assédio institucional.

Dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam um fenômeno importante: as mulheres são hoje mais escolarizadas que os homens. Cerca de 21,3% das mulheres brasileiras possuem ensino superior completo, contra apenas 16,8% dos homens. Contudo, essa qualificação acadêmica não se traduziu automaticamente em equidade salarial ou de poder (CNN Brasil, 2024).

Apesar dos avanços, o mercado de trabalho brasileiro é marcado por barreiras estruturais de gênero, evidenciando uma persistente desigualdade. A sub-representação feminina em posições de alto escalão é notável: os homens ocupam 60,7% dos cargos de gerência. A disparidade se agrava no âmbito salarial. Para as mesmas funções, a remuneração média das mulheres em posições de liderança se encontra 21,8% abaixo do valor recebido pelos homens, sublinhando uma profunda desigualdade salarial de gênero no país – mantida mesmo com os altos níveis de escolaridade e instrução feminina (CNN Brasil, 2024).

2.2 BARREIRAS E DESAFIOS

A trajetória das mulheres na vida pública e profissional sempre foi acompanhada por múltiplas barreiras — estruturais, simbólicas e institucionais. A inserção feminina em espaços tradicionalmente masculinos não apenas exigiu rupturas com padrões culturais enraizados, como também implicou enfrentar resistências sociais que legitimavam a exclusão com base em argumentos morais, biológicos e religiosos.

Durante o século XIX, por exemplo, era amplamente difundida a ideia de que a mulher era naturalmente inclinada à emotividade, à fragilidade física e à dependência moral. Esses discursos — sustentados por pseudociências como o determinismo biológico — embasaram a exclusão das mulheres da vida pública e da esfera produtiva formal. O raciocínio circular predominava: as mulheres não participavam da vida política ou intelectual porque não eram preparadas; e não eram preparadas porque não participavam dela (Priore, 1997).

No campo educacional, as mulheres enfrentavam restrições significativas. A alfabetização feminina era vista como desnecessária ou mesmo perigosa, pois poderia levá-las a questionar a autoridade masculina no lar. Apenas no final do século XIX e início do XX, algumas mulheres das elites urbanas passaram a frequentar escolas e, posteriormente, universidades. Mesmo nesses espaços, eram minoria e frequentemente vigiadas em sua conduta moral e aparência (Perrot, 2017).

No mundo do trabalho, as barreiras foram ainda mais evidentes. As operárias do início do século XX eram submetidas a jornadas exaustivas, baixos salários, ausência de direitos trabalhistas e forte controle sobre seu comportamento. Ao mesmo tempo, eram excluídas das instâncias de organização sindical e política,

sendo vistas como “menos combativas” ou “menos conscientes” que os homens (Rago, 1997).

No campo do jornalismo, o ingresso das mulheres nas redações enfrentou o preconceito institucional e a estigmatização do “jornalismo feminino”. A divisão sexual do trabalho reduziu suas possibilidades de ascensão, confinando-as – inicialmente – a editoriais de sociedade ou comportamento, enquanto os cargos de chefia, as pautas políticas e o jornalismo investigativo eram reservados aos homens. Essa divisão hierárquica e simbólica é uma das formas mais persistentes de desigualdade de gênero nas mídias (Alves, 2019; Escosteguy, 2020).

As barreiras, no entanto, não foram apenas externas. As mulheres também enfrentaram conflitos internos, psicológicos e subjetivos. O sentimento de inadequação, a culpa por deixar o lar, a dúvida sobre suas capacidades — tudo isso foi alimentado por séculos de doutrinação que ensinava às meninas que seu lugar era a esfera privada. A superação dessas barreiras implicou, muitas vezes, não apenas esforço intelectual ou profissional, mas um processo de reconstrução identitária (Del Priore, 2014).

Mesmo nos contextos de maior liberdade formal, como a redemocratização brasileira a partir de 1985, as mulheres seguiram enfrentando obstáculos para ocupar espaços de decisão e visibilidade. A persistência do assédio moral e sexual, a desvalorização das suas produções intelectuais, a baixa presença nos postos de comando e o teto de vidro são algumas das expressões contemporâneas das barreiras estruturais que ainda limitam o protagonismo feminino. Mesmo com todos os desafios, atualmente, as mulheres são 58% dos jornalistas no Brasil (UFSC, 2023), dado que revela que, mesmo com as diversas barreiras, que principalmente as pioneiras nas redações tiveram que passar, as mulheres seguiram na busca de seu espaço na imprensa – e seguem até hoje.

2.3 INTERSECCIONALIDADE

A compreensão das desigualdades de gênero no Brasil exige uma abordagem interseccional. O conceito de interseccionalidade, desenvolvido por Kimberlé Crenshaw (1989), revela como diferentes formas de opressão — como gênero, raça, classe, sexualidade, geração e regionalidade — interagem simultaneamente, produzindo experiências sociais distintas. No caso das mulheres

brasileiras, é impossível desassociar as relações de gênero das marcas históricas da escravidão, do colonialismo e da desigualdade social.

O feminismo branco e de classe média, hegemônico em muitos momentos da história, produziu discursos e reivindicações que nem sempre representaram as realidades das mulheres negras, indígenas ou periféricas. Enquanto as primeiras lutavam pelo acesso à educação ou à participação política, as outras buscavam o direito básico à sobrevivência, ao reconhecimento humano e à proteção contra a violência institucional.

O imaginário dominante construiu imagens distintas da mulher: a senhora burguesa, educadora e moralizante, era exaltada; enquanto a trabalhadora pobre e racializada era descrita como vulgar, promíscua ou perigosa. Essa dicotomia reforçou a exclusão simbólica das mulheres negras e populares da categoria de “mulher respeitável” — negando-lhes, inclusive, o direito à feminilidade (Rago, 1997; Del Priore, 2014).

Na imprensa, essa interseção de opressões também se manifesta. As jornalistas negras e periféricas são minoria nas redações e quase invisíveis nas posições de comando. A abordagem interseccional, nesse sentido, oferece ferramentas para repensar tanto a produção quanto a representação no jornalismo. Ela permite identificar como as estruturas de poder atuam em camadas e como a opressão de gênero não é homogênea. Reconhecer a interseccionalidade é, portanto, um passo fundamental para construir uma história das mulheres que seja plural, crítica e comprometida com a justiça social.

3. GÊNERO, IMPRENSA E A CONSTRUÇÃO DO JORNALISMO MODERNO

Atualmente, o jornalismo já se converteu numa profissão majoritariamente feminina no Brasil e no mundo. No cenário nacional, essa escalada das mulheres na profissão passou por com muitos problemas e desafios, como o fato de que, até meados do século XX, mulheres eram consideradas incapacitadas intelectualmente de alcançarem profissões que dependem da racionalidade.

A relação entre gênero e jornalismo é atravessada por disputas simbólicas, barreiras institucionais e resistências construídas historicamente pelas mulheres. O jornalismo, enquanto prática social e campo profissional, foi estruturado com base em valores masculinos que definiram o que era notícia, quem tinha autoridade para narrá-la e quais temas eram dignos de cobertura. Dentro dessa lógica, o gênero operou como categoria organizadora das funções nas redações e dos papéis atribuídos às mulheres no processo de produção da informação.

Algumas conseguiram participar de forma ativa um pouco antes, com a criação dos jornais produzidos inteiramente por mulheres – desvalorizados pelo restante da sociedade. Outras esperaram mais tempo, até que mudanças estruturais e legislativas acontecessem na imprensa brasileira, as quais serão trabalhadas a seguir.

3.1 A EXCLUSÃO HISTÓRICA E A IMPRENSA FEMINISTA

No século XIX, mesmo quando as mulheres começaram a acessar os espaços de escrita, seus textos eram, em grande medida, tolerados apenas em gêneros considerados secundários — como crônicas, cartas, ensaios sentimentais, poesias ou folhetins. Além disso, foram pouquíssimas as mulheres que puderam adentrar nas tradicionais redações desse período, ficando restritas à imprensa feminina da época, com jornais criados e produzidos inteiramente por mulheres — que, além de tudo, tinham recursos financeiros e letramento, fator por muito tempo privado às elites, para divulgarem suas ideias para o mundo externo ao de suas residências (Barbosa, 2007; Casadei, 2012; Del Priore, 2014; Duarte, 2016).

Michelle Perrot (2017) explica que “as mulheres escreveram desde cedo, mas raramente foram consideradas escritoras” (Perrot, 2017, p. 35), numa analogia que se estende ao jornalismo: as mulheres sempre estiveram envolvidas com a palavra, mas sua autoria era frequentemente deslegitimada ou desconsiderada.

Ainda que de forma restrita e marginal, a presença feminina nos periódicos marca um ponto de inflexão nas possibilidades de produção simbólica no Brasil. O *Jornal das Senhoras* (1852), considerado o primeiro periódico feminino do país, teve entre suas idealizadoras e redatoras mulheres instruídas que viam na palavra escrita um instrumento de formação cívica e moral (Casadei, 2012).

Outros exemplos, como *Quinze de Novembro do Sexo Feminino* (1889-1890), *Echo das Damas* (1879-1888) e *A Família* (1888-1894), traziam reflexões e lições para leitoras no Rio de Janeiro. Esses impressos buscavam instruir, moralizar e informar, mas também construir uma rede de sociabilidade feminina que escapasse do controle masculino, abrigando embriões de consciência feminista (Del Priore, 2014; Duarte, 2016; Carula, 2016).

No entanto, esses periódicos obtinham pouco espaço na imprensa brasileira, com baixos níveis de circulação. Até o início do século XX, as mulheres desempenhavam majoritariamente outro papel na imprensa: o de consumidoras de notícias, um público rentável interessado em colunas culturais, moda e folhetins (Abreu, *et al.*, 1996; Barbosa, 2007).

No Brasil, o avanço do jornalismo profissional nas décadas de 1930 a 1950 não alterou substancialmente esse quadro. A imprensa continuou sendo um ambiente masculino. De acordo com José Hamilton Ribeiro, em sua obra *Jornalistas: 1937 a 1997*, na década de 1930, “As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino” (Ribeiro, 1988, p. 31). No Paraná, a problemática de falta de espaços para mulheres nos veículos de comunicação persistiu até os anos 1960, até que elas conseguiram reivindicar seus lugares nesses locais (Lima; Silva; Raseira, 2016; Fernandes, 2010).

Tais relatos mostram que a mulher era reduzida a um segundo nível de importância, um o segundo plano das redações, o distinto desvalorizado e contrastante do masculino – o “normal” para o momento –, seguindo a ideia de sub representação do “outro”, presente em estudos de gênero franceses (Beauvoir, 1980).

3.2 A MIGRAÇÃO DO JORNALISMO ROMÂNTICO PARA O MODERNA

A mudança estrutural necessária para a entrada das mulheres começou a se desenhar entre as décadas de 1950 e 1970, quando os periódicos brasileiros

migraram do jornalismo romântico — oriundo de escolas europeias, focado em crônicas e literatura — para o jornalismo moderno, influenciado pelas práticas norte-americanas (Abreu, 2002; Barbosa, 2024; Romancini; Lago, 2007).

Entre as décadas de 1950 e 1970, os periódicos brasileiros passaram por grandes mudanças, dentre elas, a migração do jornalismo romântico – oriundo de escolas europeias, principalmente a francesa – para o jornalismo moderno, com ideais extraídos de práticas dos Estados Unidos da América. Esta evolução marcou a imprensa nacional para que ela começasse a se moldar e se relacionar ao jornalismo atual, voltado a dar mais valor à pluralidade e crítica, e menos ligados à opinião dos próprios repórteres (Abreu, 2002; Barbosa, 2024; Romancini; Lago, 2007).

Em meados do século XX, a imprensa brasileira ainda era marcada por práticas herdadas do tradicional jornalismo europeu. Escritos para e pelas elites intelectuais locais, os jornais afastaram boa parte de um possível público com edições rebuscadas e linhas de pensamento difíceis de acompanhar. Os periódicos privilegiaram conteúdos como crônicas, folhetins e contos, em detrimento de notícias objetivas. Redações como as de *O Jornal*, *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias* possuíam suplementos literários e culturais que concentravam boa parte das produções editoriais da época. Esse cenário favoreceu a presença de intelectuais e escritores nas redações, afastando o foco informativo que viria a dominar o campo mais adiante (Abreu *et al.*, 1996).

Mas, em 1950, as transformações na imprensa brasileira começam a se configurar. Com inspirações no jornalismo norte-americano, impulsionadas pelo desenvolvimento das tecnologias, a urbanização das cidades, a democratização da vida política e os avanços da instrução acadêmica básica – antes privilégios das elites locais, chegam ao país os ideais da informação de fácil acesso em primeiro lugar. O *Diário Carioca*, clássico periódico brasileiro, é o primeiro a utilizar a estrutura do lide jornalístico e da pirâmide invertida nas redações brasileiras. Por iniciativa do jornalista Pompeu de Souza, em março de 1950 é lançado o manual de redação e estilo do periódico, a primeira de todas as normativas do jornalismo brasileiro (Costa, 2011).

Ao deixar de ser um espaço de opiniões e começar a ser um produto informativo, a rentabilidade dos periódicos também começa a ser levada em conta. É nessa época que a imprensa inicia o processo de capitalização efetiva dos jornais,

com redução dos valores de venda das edições e da criação e inserção da publicidade e propaganda nas páginas dos informativos (Abreu, 2002). A partir daí, as redações tradicionais passam a focar na transmissão da informação e começam a deixar de lado as amarras do jornalismo romântico.

Conforme destaca Alzira Alves de Abreu (2002), a modernização da imprensa iniciou-se nessa década. Entretanto, esse processo, impulsionado desde o governo de Juscelino Kubitschek, ganha força com as mudanças políticas e sociais que se intensificam a partir do regime militar instaurado em 1964 (Romancini; Lago, 2007).

As décadas de 1960 e 1970 marcam um período crucial de efetivação da transformação do jornalismo brasileiro, caracterizado por uma profunda reestruturação editorial, profissional e tecnológica. A imprensa nacional já deixou suas características românticas, fortemente influenciada por modelos literários e subjetivos, para adotar padrões mais técnicos, voltados para a objetividade e a eficiência informativa. Esse processo acompanha o desenvolvimento industrial, a expansão da publicidade e a crescente influência do modelo jornalístico norte-americano nas redações do país.

Aliada à capitalização da informação e aos avanços tecnológicos que marcam o período, a consolidação desse novo modelo se articula com a expansão do ensino superior em comunicação, que contribui para a profissionalização da atividade jornalística e para a reformulação das redações. O Decreto-Lei nº 972, de 1969, e posteriormente o Decreto nº 83.284, de 1979, instituíram a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalista, medida que teve impacto direto sobre a composição e a lógica produtiva da imprensa (Barbosa, 2007; Barbosa, 2024; Melo, 2003).

Esses fatores fizeram com que se expandisse a gama de universidades de Jornalismo e Comunicação Social no Brasil, além de trazer ainda mais normatividade para a profissão de jornalista, fator que impactou o tradicionalismo de algumas redações importantes do país, que ainda resistiam às mudanças na área, e trouxe conflitos geracionais na imprensa nacional (Barbosa, 2024).

Depois dos primeiros cursos para a formação de jornalistas, como o pioneiro, da efêmera Universidade do Distrito Federal, criado em 1935, e os da escola de jornalismo Cásper Líbero (1947) e da Universidade do Brasil (hoje, UFRJ), em 1948, a área passou a ter 58 cursos de comunicação, na década de 1970. (...) Seria também durante o regime militar, em 1969, que a profissão de jornalista receberia a sua primeira regulamentação, com o decreto-lei nº 972. Em 1970, o diploma passou a ser exigido para o

exercício profissional dos que ainda não trabalhavam na imprensa (os que já trabalhavam puderam obter o registro, mesmo sem ter curso universitário). (Romancini; Lago, 2007, p.121).

Essa visão mais pragmática do sistema de trabalho fez com que as mulheres, advindas de cursos e de universidades de Comunicação Social e Jornalismo, pudessem se inserir no ambiente anteriormente masculinizado. Nas redações do início dos anos 60, elas ainda eram raras, mas o diploma de graduação fez com que entrassem e comesçassem a exhibir suas vozes nos periódicos, mesmo que ainda pouco valorizadas. (Abreu, 2002; Barbosa, 2024; Melo, 2003). Com a valorização do diploma acadêmico e a profissionalização da atividade, a maior inserção das mulheres no mercado jornalístico, ainda que com desafios, é finalmente impulsionada nas redações brasileiras a partir desse período de modernização.

A porta de entrada da mulher no mercado de trabalho do jornalismo foi a universidade. Mais especificamente: a escola do jornalismo. Ao conferir diplomas profissionais às jovens que estudavam os fenômenos noticiosos, as Universidades as habilitaram para disputar espaços na sociedade da informação. (Melo, 2003, p. 122).

Assim, o jornalismo da década de 1970 não apenas reformula sua linguagem e seu modo de produção, como também reposiciona seus profissionais, abrindo espaço – ainda que limitado – para novos atores, como as mulheres, anteriormente impedidas de atuarem no campo da informação.

3.3 O CONTEXTO PARANAENSE E A INVISIBILIDADE DO PROTAGONISMO

A história da imprensa paranaense também oferece um campo rico para a análise, sendo importante considerar estudos locais que abordam a formação e a evolução das redações regionais. Nesse sentido, relatos históricos de jornais regionais fornecem dados significativos para traçar o contexto em que as jornalistas paranaenses iniciaram suas trajetórias e as transformações subsequentes.

Estudos sobre a presença feminina no jornalismo local argumentam que mulheres pioneiras da redação do jornal curitibano *Gazeta do Povo* conseguiram adentrar nas camadas de poder da instituição e realizar mudanças no periódico, mas que muitas delas apresentam dificuldades de reconhecer tal feito ou se reconhecem, não destacando seus feitos por serem mulheres.

Podemos perceber um padrão com relação ao protagonismo destas

jornalistas. As pioneiras, que entraram no jornal e realizaram mudanças editoriais, não conseguem perceber seu próprio protagonismo. Sentem que fizeram o que qualquer jornalista faria. Já aquelas contratadas nos finais dos anos 1990, percebem claramente esse protagonismo; mas não necessariamente se enxergam como mulheres que fizeram a diferença para o jornal por si – entendem que foram protagonistas por estar em cargos de chefia, historicamente pouco ocupados por mulheres, ou por “agarrarem” as oportunidades. (Lima; Silva; Rasera, 2023, p. 18-19).

Tais pesquisas mostram que as perspectivas de gênero são necessárias para compreender as múltiplas camadas de opressão e resistência vivenciadas por mulheres jornalistas nas redações brasileiras, exemplificando como as pioneiras do jornalismo nacional demonstram dificuldade em – inclusive – valorizar as mudanças estruturais no jornalismo, o que pode estar atrelado às inúmeras dificuldades que passaram para chegarem em suas posições.

Com a premissa de que a presença feminina nas redações dos jornais continuou o processo de modernização da imprensa que o grupo de pioneiras no jornalismo local foi o escolhido para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso, cuja metodologia escolhida para a fundamentação do produto será aprofundada na sequência.

4. A NARRATIVA DA MEMÓRIA: JORNALISMO LITERÁRIO E O LIVRO REPORTAGEM

A recuperação histórica da presença feminina na imprensa paranaense exige um tratamento que transcenda a simples compilação de dados ou a noticiabilidade efêmera. As trajetórias de mulheres que romperam barreiras em redações masculinizadas carregam uma densidade humana e social que o modelo convencional do jornalismo diário, pautado pela pirâmide invertida e pela objetividade estrita, muitas vezes não consegue abarcar em sua plenitude.

É nesse cenário que este trabalho encontra seu alicerce teórico no jornalismo literário e no livro-reportagem, permitindo a união entre a veracidade dos fatos, aspectos da narrativa literária e a profundidade de produção de um material fora dos prazos de produção da mídia tradicional para a reconstrução de atmosferas e subjetividades. Para sustentar essa escolha, o presente capítulo recorre aos conceitos de autores como Felipe Pena (2007), Lara Mireny Freitas Patrocínio e Valmir Matiazzi (2021), Gustavo de Castro (2010), Rogério Borges (2013) e Edvaldo Pereira Lima (2009).

4.1 O JORNALISMO LITERÁRIO

A compreensão do jornalismo literário transcende uma categorização estética, buscando uma localização autônoma entre a objetividade da notícia e a subjetividade da arte. Gustavo de Castro (2010, p. 5) define o estilo como a "conjunção de conhecimentos, saberes, savoir-faire, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem) estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas". Essa caracterização traz à tona a força que tal gênero de produção jornalístico tem, por abranger as mais diversas maneiras de se trabalhar e transmitir a informação, com o intuito de realizar apurações aprofundadas de temáticas com pouco espaço no jornalismo tradicional (Borges, 2013; Castro, 2010; Patrocínio; Matiazzi, 2021; Pena, 2007).

A união da literatura com o jornalismo é um artifício utilizado a muitos anos que segue obtendo sucesso. A partir do século XVII, jornais literários na Europa misturavam crônicas, artigos filosóficos, relatos de viagem e ficção, evidenciando uma "imprensa literária" em desenvolvimento. No século XIX, Honoré de Balzac,

Charles Dickens, Mark Twain e Fiódor Dostoiévski, ao incorporar elementos literários em seus trabalhos jornalísticos, não apenas aumentaram as vendas de periódicos, mas também trouxeram sensos psicológicos, históricos, econômicos e sociais para seus textos (Castro, 2010).

O Jornalismo Literário não abandona o rigor da apuração. Ele mantém a missão de responder às mesmas perguntas do *lead* tradicional (o quê, quem, quando, onde, como e por quê), mas difere na forma de desenvolvimento. O texto literário propõe-se a contar a história de maneira próxima à literatura, permitindo ao jornalista ir além das publicações cotidianas a partir de uma nova perspectiva. O gênero é um dos meios em que os comunicadores conseguem dar mais atenção para aspectos normalmente pouco noticiados pelo jornalismo do cotidiano, mesclando subentendimentos do escritor aos testemunhos e fatos coletados para tal produção (Borges, 2013; Conceição, 2020).

Felipe Pena (2007) também reforça a ideia de que o Jornalismo Literário é uma abordagem rica para quem busca trazer uma outra forma efetiva de se trabalhar com a informação.

Afinal, o que é jornalismo literário? Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (Pena, 2007, p.48).

A busca pela perenidade, em particular, é um objetivo central. Muitos sugerem que "um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos" (Pena, 2007, p. 50). Ao documentar a história dessas mulheres jornalistas, o projeto de TCC proposto objetiva se tornar um registro duradouro, capaz de inspirar futuras gerações e preencher lacunas na historiografia do jornalismo paranaense e das mulheres jornalistas que o compuseram.

A potencialização dos recursos jornalísticos significa que, embora utilizemos

técnicas literárias, a apuração rigorosa, a observação atenta e a abordagem ética, elementos essenciais do jornalismo diário, são mantidas nessas produções (Castro, 2010; Pena, 2007). A superação dos limites do acontecimento cotidiano e da periodicidade oportuniza uma pesquisa aprofundada, sem as amarras do *deadline*. A contextualização da informação será abrangente, na procura de "mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração" (Pena, 2007, p. 47). A valorização das fontes – até o momento – "anônimas" e das "lacunas", garante uma visão mais completa e menos dependente dos "definidores primários" (Pena, 2007, p. 50).

O jornalismo literário nos permite ir além do esquema racionalista e simplificado, e oferecer uma experiência genuína de descoberta das esferas que compuseram o jornalismo paranaense da década de 1970, sob a perspectiva das mulheres jornalistas, tornando o TCC uma obra de pesquisa, informação, literatura e arte.

4.2 O LIVRO-REPORTAGEM

O livro-reportagem, por sua vez, é um caminho do jornalismo para desmembrar pautas e análises que muitas vezes não têm lugar nas mídias tradicionais. Para Lima (2009), o livro-reportagem tem a função de adicionar conhecimentos aos vazios deixados pelos jornais, revistas e emissoras de rádio e televisão, por conseguir alcançar campos tratados superficialmente pelos meios de comunicação. Portanto, é um aliado para a divulgação de histórias pouco ouvidas com maior profundidade – justamente o intuito deste projeto de TCC.

A gênese desse formato, conforme observado na trajetória do New Journalism norte-americano na década de 1960, demonstra a viabilidade comercial e intelectual de obras que utilizam gêneros literários para abordar investigações jornalísticas. O clássico *A Sangue Frio* (1966), de Truman Capote, permanece como o exemplo seminal de como a reportagem pode transcender a efemeridade e habitar o universo dos livros.

Nesse sentido, Edvaldo Pereira Lima (1995, *apud* Borges, 2013) define o livro-reportagem como um veículo de comunicação jornalística não periódica que penetra em campos desprezados ou insuficientemente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem

pelo conhecimento da contemporaneidade. Essa não-periodicidade é a chave que liberta o autor da ditadura do *deadline*, permitindo a maturação do texto e a reflexão sobre a contemporaneidade. Tal característica também fundamenta o produto proposto, por se traduzir na oportunidade de preencher uma lacuna na historiografia do jornalismo paranaense, explorando as experiências das mulheres jornalistas de forma aprofundada e contextualizada.

Sob essa ótica, o livro-reportagem pode ser compreendido como um subsistema híbrido, que transita com fluidez entre o sistema jornalístico e o sistema editorial. Pensando nisso, a história oral é um recurso utilizado na imprensa tradicional e desempenha um papel de destaque na escrita do livro-reportagem, pois o formato permite capturar subjetividades, memórias e vozes esquecidas.

Quanto à definição dos tipos de livro-reportagem, alguns autores desenvolvem classificações. Lima (2009), por exemplo, trabalha com as categorias livro-reportagem-histórica, que aborda alguma temática do passado relacionando-a com o presente, mantendo o interesse jornalístico, e o livro-reportagem-perfil, que evidencia a figura de alguma ou algumas personalidades, tornando-as o foco da apuração e interessantes para o leitor.

Como um formato que garante a introdução de recursos da história e da literatura para a construção informativa, o livro-reportagem é um artifício vital para o projeto, pois a história das mulheres no jornalismo paranaense nos anos 70 não pode ser contada apenas com fatos secos e dados estatísticos; ela exige a riqueza de detalhes, a emoção e a sensibilidade da narrativa literária.

O gênero permite que o material tenha como características narrativas envolventes, que atraem o interesse para pesquisas em profundidade sobre os mais diversos temas, mesclando o livro-reportagem-histórica com o livro-reportagem-perfil (Borges, 2013). Embora o foco principal seja o realismo crítico, a possibilidade de incorporar elementos narrativos torna as experiências dessas mulheres mais vívidas para os leitores.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, REFERÊNCIAS E O PRODUTO

A materialização do livro-reportagem "Setentinas" exigiu um percurso metodológico rigoroso, capaz de articular a pesquisa documental com a sensibilidade da história oral. Se o jornalismo literário e o livro reportagem fornecem a lente para enxergar as nuances da realidade por meio da teoria jornalística, é a metodologia de pesquisa que garante a solidez das informações narradas.

Este capítulo descreve as etapas percorridas para a fundamentação do projeto, partindo do levantamento bibliográfico inicial e da seleção das personagens, passando pela execução das entrevistas em profundidade — alicerce central da obra — e de uma pesquisa de interesse público, com caráter de enquete, para identificar o interesse da sociedade na temática, até chegar na análise das obras de referência que inspiraram a construção estética e editorial do produto final.

5.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Para o resgate das histórias das mulheres jornalistas, foi realizada a busca de materiais produzidos sobre essas personagens em acervos digitais entre abril e junho de 2025, utilizando buscadores on-line, como Google, Scielo e Periódicos Capes. Os termos utilizados foram os nomes de algumas jornalistas – um grupo delimitado a partir de brainstorm– adicionando os termos “jornalista Paraná” ou “mulheres no jornalismo” ou “imprensa paranaense”. Logo, o grupo selecionado para esta pesquisa inicial foi o seguinte:

- **Adélia Lopes:** Jornalista que conquistou seu espaço por meio do jornalismo popular e comunitário, focando em temas sociais e direitos das minorias;
- **Alice Varajão:** Fotógrafa dedicada ao fotojornalismo social, focando em causas culturais e comunitárias no Paraná;
- **Dinah Ribas Pinheiro:** Jornalista e escritora, especialista em Jornalismo Cultural. Trabalhou por duas décadas na Assessoria de Imprensa da *Fundação Cultural de Curitiba*;
- **Elvira Alegre:** Fotojornalista paranaense. Com 19 anos, em outubro de 1975, Elvira Alegre foi a única repórter-fotográfica que registrou o velório de Vladimir Herzog;
- **Elza de Oliveira Filha:** Professora universitária da comunicação que iniciou carreira em veículos paranaenses na década de 1970;

- **Fernanda Castro:** Jornalista e fotojornalista, destaca-se pela abordagem social e o foco em comunidades negras e marginalizadas do Paraná;
- **Karin van der Broocke:** Fotojornalista atuante em Curitiba e região, com registros visuais de manifestações culturais e sociais;
- **Laís Mann:** Jornalista, radialista e âncora da extinta *TV Iguaçu*;
- **Leonor Demeterco:** Jornalista atuante desde os anos 60, foi cronista em jornais como a *Gazeta do Povo* e *O Estado do Paraná*, com os pseudônimos Francisca Lemos e Conceição Menezes;
- **Lina Faria:** Fotojornalista pioneira no Paraná, reconhecida por seu trabalho documental que ajudou a construir a memória visual do estado;
- **Lucília Guimarães:** Jornalista e fotógrafa paranaense.
- **Maí Nascimento:** Jornalista e educadora, participou da formação de vários profissionais no estado. Atuou também em projetos culturais ligados ao jornalismo;
- **Marian Guimarães:** Jornalista responsável pela concepção da editoria de gastronomia da *Gazeta do Povo* há 30 anos;
- **Marilu Silveira:** Jornalista e criadora, junto com Reynaldo Jardim, do suplemento Pólo Cultural, uma publicação revolucionária de arte e cultura no Paraná.
- **Marisa Valério:** Jornalista que chegou em 1989 a Curitiba, onde fez carreira como repórter da sucursal do Jornal do Brasil e editora executiva da *Gazeta do Povo*;
- **Martha Feldens:** Jornalista, colunista de Política no *Bem Paraná*, iniciou carreira na década de 1980;
- **Mirian Gasparin:** Jornalista com mais de 50 anos na área econômica, com trabalhos pela *Rádio Cultura de Curitiba*, *Jornal Indústria & Comércio* e *Gazeta do Povo*;
- **Nereide Michel:** Jornalista e editora do suplemento “Viver Bem” da *Gazeta do Povo* até 2003, iniciou sua carreira no jornal em 1983;
- **Rosana Milani:** Jornalista com atuação significativa em veículos locais, destacando-se pela cobertura cultural e social;
- **Roseli Valério:** Jornalista profissional, repórter, editora de várias áreas em jornais diários, de Curitiba e interior, incluindo Editoria de Economia, de Nacional, Internacional e Chefia de Reportagem.

- **Tonica Chagas:** Jornalista atuante desde os anos 70, com destaque para o jornalismo investigativo e de interesse público no Paraná;
- **Vania Mara Welte:** Jornalista do jornal curitibano *Hora H*. Sua série de reportagens intitulada “As Bruxas de Guaratuba” lhe renderam o *Prêmio Esso* de jornalismo em 1996.
- **Vilma Slomp:** Fotógrafa documental, é uma das pioneiras do fotojornalismo feminino da capital paranaense;

Nesse processo, não foram obtidos muitos resultados, além de obituários e páginas digitais com pequenas citações sobre algumas dessas figuras. Isso reflete uma característica sobre as produções de estudos do campo da comunicação: percebe-se que elas são numerosas, mas que priorizam destacar homens ao invés de mulheres, em registros sobre feitos e acontecimentos considerados históricos para a fundamentação da imprensa (Abreu; Rocha, 2006). A partir dos resultados, foi delimitado que, a não ser algumas mulheres que tiveram experiências no jornalismo anteriores às desse grupo, o foco do trabalho seria nas jornalistas que ainda estão vivas, por conta do interesse em se trabalhar com a história oral.

Além de focar nas repórteres e colunistas, foram realizadas pesquisas para fortalecer os estudos acerca de como o gênero afetou as condições de trabalho dessas personagens nas redações – contribuindo para a fundamentação teórica deste trabalho e para uma melhor preparação para as entrevistas em profundidade, metodologia a ser explorada a seguir –, além de buscas de materiais sobre jornalismo literário e livro-reportagem para auxiliarem na composição estrutural do produto.

5.2 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE E MEMÓRIA ORAL

Sendo um trabalho atrelado a memórias, o uso da história oral por meio de entrevistas de profundidade se torna valioso para trazer sensibilidade e subjetividade ao trabalho. O uso da entrevista jornalística traz percepções aprofundadas sobre o perfil de cada uma dessas mulheres, por conta da análise não apenas de suas falas, mas também da linguagem corporal e do contato próximo às fontes, conseguindo captar as nuances das histórias investigadas (Alberti, 2013; Duarte, 2010).

As entrevistas abordaram temas como o porquê de essas mulheres escolherem o jornalismo como profissão, vivências acadêmicas, primeiros trabalhos,

como era a rotina nas redações e veículos de comunicação, os desafios de ser mulher ocupando esses espaços, além das conquistas e experiências mais marcantes de suas trajetórias.

Após as pesquisas iniciais sobre algumas das jornalistas que atuaram no período estudado, o foco deste trabalho foi delimitado para entrevistar doze mulheres que têm fortes relações com o jornalismo desde o início de suas juventudes, e que seguiram carreira nos mais diversos campos da imprensa. Os nomes selecionados que participaram deste trabalho foram, portanto, **Adélia Lopes, Dinah Ribas Pinheiro, Elvira Alegre, Elza de Oliveira Filha, Fernanda Castro, Laís Mann, Mara Cornelsen, Martha Feldens, Nereide Michel, Tonica Chagas e Vania Mara Welte.**

5.3 PESQUISA DE INTERESSE

O processo de de montagem deste TCC resultou na identificação de que a temática da interferência do gênero na consolidação das carreiras jornalísticas é de apreço do público geral. Para basear essa conclusão, apresenta-se a seguir os resultados da pesquisa produzida com o intuito de aprofundar a compreensão sobre as percepções sociais a respeito do papel das mulheres no jornalismo, e servir como base norteadora para a construção do livro-reportagem proposto neste estudo.

Os dados foram adquiridos por um formulário elaborado com 12 perguntas na plataforma *Google Forms* (**Apêndice A**). Ele esteve ativo entre os dias 07 de maio de 2025 e 16 de maio de 2025, totalizando nove dias de circulação. Ao todo, foram obtidas 252 respostas válidas.

Embora o foco final da obra esteja centrado na trajetória de mulheres jornalistas que atuaram no Paraná, a pesquisa foi estruturada de forma ampla, sem delimitação geográfica e de público, com o intuito de alcançar um número expressivo de participantes e obter um panorama mais abrangente sobre como diferentes pessoas — entre profissionais da área, estudantes e a comunidade em geral — percebem a presença feminina na profissão jornalística, sendo divulgado em redes sociais, como WhatsApp e perfil pessoal do Instagram da autora, além da divulgação em universidades e grupos de trocas de mensagens.

As perguntas foram formuladas de modo a explorar tanto aspectos objetivos, como lembrança de nomes de jornalistas por área de atuação, quanto subjetivos, como a percepção sobre oportunidades, visibilidade e a importância do estudo de

gênero na formação e exercício da profissão. Para embasar a construção do questionário, foram utilizados dados e apontamentos do estudo *Perfil do Jornalista Brasileiro 2021*, promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e divulgado em 2023.

O formulário foi dividido em três blocos. O primeiro buscou mapear a idade dos respondentes. O segundo, formulado com seis perguntas dissertativas abertas e uma pergunta com alternativas de “sim” e “não” – com a abertura de um espaço para justificativas da escolha, buscava trabalhar com a lembrança pessoal de jornalistas em diferentes editorias (esportiva, política/econômica, variedades, apresentadores/âncoras), e a percepção sobre a presença feminina na profissão, incluindo questões relacionadas a oportunidades, visibilidade e à importância do estudo de gênero no jornalismo. As respostas das perguntas destes dois primeiros blocos foram analisadas quantitativamente, empregando-se métodos estatísticos descritivos, como contagem de frequência e distribuição percentual. Para as questões abertas referentes aos nomes de jornalistas, foi realizada uma padronização manual para agrupar variações de grafia (ex: “Glória Maria” e “Gloria Maria”; “William Bonner” e “Willian Bonner”) sob um único nome e, posteriormente, aplicar a capitalização correta.

O terceiro e último bloco contou com quatro questionamentos sobre a presença feminina no jornalismo e estudo da história das mulheres jornalistas, a serem respondidos a partir da análise da Escala Likert – procedimento empregado para captar e verificar as percepções das pessoas em um contexto específico, proporcionando entendimentos por meio de avaliações qualitativas do grupo estudado (Da Costa Junior *et al.*, 2024) – foram interpretadas com 1 indicando “Discordo Totalmente” e 5 “Concordo Totalmente”.

A análise dos dados também incluiu a segmentação dos resultados por faixas etárias, permitindo identificar padrões e diferenças nas percepções entre os grupos. Os dados demográficos mostraram que 90 pessoas entre 18 e 24 anos responderam isso, representando mais de um terço dos respondentes. Esse público foi seguido por pessoas entre 25 a 34 anos (46 respostas), 45 a 54 anos (40 respostas) e 35 a 44 anos (29 respostas). Os grupos de respondentes mais novos (até 18 anos) e mais velhos (65 anos ou mais) foram as parcelas menos alcançadas (**Tabela 1**).

Tabela 1 – Distribuição de idade dos participantes

Faixa etária	Número de participantes
Até 18 anos	7
18 a 24 anos	90
25 a 34 anos	46
35 a 44 anos	29
45 a 54 anos	40
55 a 64 anos	27
65 anos ou mais	13

Fonte: Formulário elaborado pela autora (2025).

Em seguida, iniciou-se a análise das respostas das perguntas abertas, na procura de identificar quais são os jornalistas lembrados. As **Tabelas 2 a 7** apresentam os dez jornalistas mais lembrados em cada categoria profissional, com os nomes já padronizados e capitalizados para refletir o total de menções, independentemente de pequenas variações na grafia original. Também foram incluídos nas tabelas os nomes mais mencionados pelos respondentes mais velhos (categorias de 55 a 64 anos e de 65 anos ou mais) e mais novos (categoria até 18 anos e 18 a 24 anos), com a finalidade de promover reflexões acerca da memória dos profissionais do jornalismo nas faixas etárias mais opostas do grupo estudado. Quando todos os nomes válidos citados por cada grupo formarem uma lista com menos de 10, hífen sinalizaram que não foram encontrados outros resultados para preencher as lacunas nas tabelas.

As diferenças de memórias de acordo com a faixa etária são perceptíveis já na comparação sobre os nomes de jornalistas esportivos mais citados. Enquanto o grupo mais velho ainda tem forte lembrança de Galvão Bueno e Juca Kfourir, figuras icônicas por décadas no jornalismo esportivo, o grupo mais jovem tem Fernanda Gentil e Nadja Mauad mais presentes em suas mentes, indicando uma maior identificação com vozes femininas como representantes dessa editoria jornalística (**Tabela 2**).

Tabela 2 – Jornalistas esportivos mais mencionados

TOP 10 (Total)	TOP 10 (55 anos ou mais)	TOP 10 (até 24 anos)
Galvão Bueno	Galvão Bueno	Fernanda Gentil
Nadja Mauad	Juca Kfourir	Nadja Mauad
Fernanda Gentil	Léo Batista	Galvão Bueno
Juca Kfourir	Chico Lang	Mariana Becker
Mariana Becker	Alex Escobar	Marcelo Bechler
Nenhum	Ana Thaís	Juca Kgouri
Alice Bastos Neves	Caio Ribeiro	Alice Bastos Neves
Tino Marcos	Casagrande	Tiago Leifert
Glenda Kozlowski	Sérgio Maurício	Eric Faria
Tiago Leifert	Mylena Ciribelli	André Rizek

Fonte: Formulário elaborado pela autora (2025).

Em política e economia, Míriam Leitão mantém uma forte presença em ambos os grupos, sublinhando sua relevância contínua. No entanto, Andréia Sadi e Natuza Nery são mais citadas pelos jovens, o que pode indicar a ascensão de novas referências no jornalismo político para as gerações mais recentes (**Tabela 3**).

Tabela 3 – Top 10 Jornalistas Políticos/Econômicos Mais Mencionados

TOP 10 (Total)	TOP 10 (55 anos ou mais)	TOP 10 (até 24 anos)
Míriam Leitão	Míriam Leitão	Míriam Leitão
Andréia Sadi	Alexandre Garcia	Andréia Sadi
Natuza Nery	Natuza Nery	Guga Chacra
Guga Chacra	Andréia Sadi	Natuza Nery
Alexandre Garcia	Boris Casoy	Renata Lo Prete

Renata Lo Prete	Jorge Pontual	Alexandre Garcia
Ricardo Boechat	Andrea Dip	Ilze Scamparini
William Bonner	Goulart de Andrade	Ricardo Boechat
Boris Casoy	Kennedy Alencar	Samy Dana
Jorge Pontual	Luis Nassif	Sandra Coutinho

Fonte: Formulário elaborado pela autora (2025).

No jornalismo de variedades, por sua vez, Glória Maria demonstra um legado transgeracional, sendo muito citada em ambos os grupos (**Tabela 4**).

Tabela 4 – Top 10 Jornalistas de Variedades Mais Mencionados

TOP 10 (Total)	TOP 10 (55 anos ou mais)	TOP 10 (até 24 anos)
Glória Maria	Glória Maria	Glória Maria
Michelly Correia	Caco Barcelos	Michelly Correa
Fátima Bernardes	Sandra Annenberg	Ilze Scamparini
Pedro Bial	Bete Pacheco	Pedro Bial
José Carlos Fernandes	Ana Carolina	Carol Prado
Sandra Annenberg	Cid Moreira	Fátima Bernardes
Caco Barcelos	Cremilda Medina	Sandra Annenberg
Mari Palma	Fátima Bernardes	Ana Zimmerman
Tati Machado	Marília Gabriela	Camilla Veras Mota
Dulcinéia Novaess	—	—

Fonte: Formulário elaborado pela autora (2025).

Para apresentadores/âncoras, William Bonner é uma unanimidade em ambos os grupos, reforçando sua posição como um dos rostos mais reconhecidos do telejornalismo brasileiro. Nota-se, no entanto, que a presença de mulheres entre os

mais citados dobra no TOP 10 dos grupos mais novos, se comparado ao compilado dos grupos mais velhos (**Tabela 5**).

Tabela 5 – Top 10 Âncoras/Apresentadores Mais Lembrados

TOP 10 (Total)	TOP 10 (55 anos ou mais)	TOP 10 (até 24 anos)
William Bonner	William Bonner	William Bonner
Renata Vasconcellos	César Tralli	Renata Vasconcellos
César Tralli	Cid Moreira	César Tralli
Cid Moreira	Andréia Sadi	Sandra Annenberg
Boris Casoy	Chacrinha	Aldo Quiroga
Sandra Annenberg	Eduardo Oinegue	Maju Coutinho
Glória Maria	Renata Vasconcellos	Poliana Abritta
Maju Coutinho	Renata Lo Prete	Renata Lo Prete
Eduardo Oinegue	Emílio Surita	—
Ricardo Boechat	—	—

Fonte: Formulário elaborado pela autora (2025).

Analisando as respostas do questionamento diante das mulheres no jornalismo, as figuras de Glória Maria, Renata Vasconcellos e Fátima Bernardes prevalecem na primeira metade da **Tabela 6**. Entretanto, fica clara a aparência de nomes mais jovens, como os de Maju Coutinho e de Eliane Brum, entre as respostas dos grupos mais jovens, trazendo figuras das últimas décadas como referências.

Tabela 6 – Top 10 Jornalistas Mulheres Mais Lembradas

TOP 10 (Total)	TOP 10 (55 anos ou mais)	TOP 10 (até 24 anos)
Glória Maria	Glória Maria	Glória Maria

Renata Vasconcellos	Fátima Bernardes	Renata Vasconcellos
Fátima Bernardes	Renata Vasconcellos	Sandra Annenberg
Maju Coutinho	Cristina Serra	Maju Coutinho
Sandra Annenberg	Adriana Araújo	Fátima Bernardes
Míriam Leitão	Ana Paula Padrão	Eliane Brum
Eliane Brum	Cristina Graeml	Míriam Leitão
Renata Lo Prete	Dulcinéia Novaes	Renata Lo Prete
Dulcinéia Novaes	—	Ana Paula Padrão
Ana Paula Padrão	—	Dulcinéia Novaes

Fonte: Formulário elaborado pela autora (2025).

Por fim, com o intuito do recorte de representatividades femininas no jornalismo recente, a figura de Maju Coutinho é a que se destaca, por mais que nomes clássicos da imprensa nacional – como Glória Maria e Fátima Bernardes – também sejam fortes nas respostas recebidas (**Tabela 7**).

Tabela 7 – Top 10 Jornalistas Mulheres Mais Lembradas (Ascensão após os anos 2000)

TOP 10 (Total)	TOP 10 (55 anos ou mais)	TOP 10 (até 24 anos)
Maju Coutinho	Glória Maria	Maju Coutinho
Fátima Bernardes	Maju Coutinho	Fátima Bernardes
Glória Maria	Fátima Bernardes	Glória Maria
Renata Vasconcellos	Adriana Araújo	Renata Vasconcellos
Andréia Sadi	Andréia Sadi	Andréia Sadi
Sandra Annenberg	Cristina Serra	Eliane Brum
Eliane Brum	Glenda Kozlowski	Sandra Annenberg
Natuza Nery	Malu Gaspar	Ana Paula Padrão

Patrícia Poeta	Mariana Becker	Cristina Serra
Juliana Dal Piva	Natuza Nery	Júlia Reis

Fonte: Formulário elaborado pela autora (2025).

Fechando a análise do Bloco 2 do formulário, a **Tabela 8** apresenta a resposta à pergunta direta sobre o impacto da presença feminina no jornalismo. A maioria dos respondentes acredita que a entrada de mulheres trouxe mudanças significativas para a profissão.

Tabela 8 – Crença sobre Mudanças na Profissão devido à Entrada de Mulheres

Resposta	Número de Participantes
Sim	223
Não	25

Fonte: Formulário Elaborado pela autora (2025).

Essa percepção é consistente entre todas as faixas etárias, com grande adesão à opção “sim”. O dado evidencia que há um reconhecimento social amplo da contribuição das mulheres para a transformação do jornalismo brasileiro. Seguindo para a compreensão dos dados do terceiro e último bloco de perguntas, agora elaboradas de acordo com a Escala Likert, a **Tabela 9** mostra que mais da metade dos respondentes (174 dos 252) concorda, pelo menos em partes, tende a discordar diante da afirmação de que homens e mulheres têm as mesmas oportunidades no campo jornalístico.

Tabela 9 – Percepção sobre Oportunidades Iguais no Jornalismo

Nível de Acordo	Número de Participantes
Discordo Totalmente	80
Discordo	94

Neutro	32
Concordo	26
Concordo Totalmente	20

Fonte: Formulário elaborado pela autora (2025).

Seguindo com as análises, percebe-se que a maioria dos contribuintes da pesquisa concordam que ser homem ainda é um bônus positivo para maior visibilidade no jornalismo (**Tabela 10**).

Tabela 10 – Percepções sobre como ser homem contribui para uma maior visibilidade no jornalismo

Nível de Acordo	Número de Participantes
Discordo Totalmente	38
Discordo	26
Neutro	48
Concordo	83
Concordo Totalmente	57

Fonte: Formulário elaborado pela autora (2025).

Quanto ao impacto da identidade de gênero nas produções jornalísticas, o público respondente teve opiniões mais equilibradas. Mesmo assim, nota-se que 114 pessoas concordaram, pelo menos em partes, que esse fator interfere no viés da produção (**Tabela 11**).

Tabela 11 – Percepção sobre Interferência do Gênero na Produção Jornalística

Nível de Acordo	Número de Participantes
Discordo Totalmente	37

Discordo	77
Neutro	43
Concordo	30
Concordo Totalmente	65

Fonte: Formulário elaborado pela autora (2025).

Para finalizar a sessão de observações quanto aos resultados da pesquisa, há uma quase unanimidade na opinião dos respondentes quanto à importância do estudo da influência do gênero nas carreiras jornalísticas. O alto número de concordantes (214 dos 252 participantes) aponta que essa vertente de pesquisa precisa ser valorizada (**Tabela 12**).

Tabela 12 – Percepção sobre a Importância do Estudo da Influência do Gênero nas Carreiras Jornalísticas

Nível de Acordo	Número de Participantes
Discordo Totalmente	19
Discordo	3
Neutro	16
Concordo	29
Concordo Totalmente	185

Fonte: Formulário elaborado pela autora(2025).

A maioria dos respondentes reconhece que o gênero é um fator relevante e merece ser investigado academicamente ou profissionalmente. Esse dado também pode indicar uma crescente conscientização sobre questões de diversidade, representatividade e igualdade de gênero no campo da comunicação.

Diante das respostas do questionário, fica claro que o objetivo de pesquisa do TCC proposto neste documento teórico-metodológico é valorizado pelo público geral. Além disso, percebe-se a forte presença de jornalistas mulheres nos nomes

mais citados na maioria das categorias do jornalismo apresentadas, mostrando que elas são sim referências e, portanto, precisam e devem ser objeto de estudo e de futuras produções sobre a imprensa brasileira.

5.4 OBRAS QUE INSPIRAM

No âmbito da produção de livros-reportagem, gênero em crescimento no Brasil, juntando o editorial com o jornalismo, vários exemplos foram explorados como modelos para a produção. Entre as obras, *O Olho da Rua: Uma Repórter em Busca da Literatura da Vida Real* de Eliane Brum (2017), que combina técnica jornalística e perspectiva humanizada, que inspirou a construção narrativa do presente trabalho.

No caso de livros-reportagem com caráter biográfico, obras como *Olga*, de Fernando Moraes (1985), que narra a trajetória de Olga Benário, combinam pesquisa histórica e narrativa envolvente. Outro exemplo é *Chatô, o Rei do Brasil*, de Fernando Moraes (1994), que apresenta a vida do magnata das comunicações Assis Chateaubriand. Já *Elis Regina: Nada Será Como Antes*, de Júlio Maria (2015) explora a vida da cantora Elis Regina com uma abordagem biográfica rica e detalhada. E a autobiografia *Minha Razão de Viver*, de Samuel Wainer (1988), traz uma narrativa envolvente para retratar a vida do criador do Jornal Última Hora, trazendo um estilo de escrita próximo do almejado na produção do livro-reportagem. Essas obras exemplificam como o formato pode ser utilizado para narrar histórias pessoais e históricas de maneira aprofundada e acessível.

Como produto com a temática mais próxima do livro produzido, deve-se destacar a obra *Jurema Finamour: A jornalista Silenciada*, de Christa Berger (2022). Por tratar tanto do resgate biográfico de uma personagem quanto se relacionar com uma das mulheres que atuou nas redações brasileiras em meados do século XX, com uma narrativa interessante, ele se torna um dos principais inspiradores. O livro destaca a história da jornalista e escritora que atuou na revista Diretrizes e no jornal carioca *A Manhã* – importantes veículos nacionais, além de produzir alguns dos primeiros livros-reportagem brasileiros sobre União Soviética, China e Cuba durante as décadas de 1940, 1950 e 1960, e que, mesmo com tantos feitos, teve sua história praticamente escondida até poucos anos atrás, mostrando diversas similaridades com a proposta apresentada nesse documento teórico-metodológico.

Outras obras que servem de inspiração direta para o trabalho proposto são os

dicionários ilustrados *Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX e Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XX (1900-1949)*, ambos de Constância Lima Duarte (2016 e 2023, respectivamente). Os catálogos conduzem os leitores a conhecerem jornais voltados para o público feminino, sendo produzidos ou não por mulheres, desde os primeiros exemplos do nosso país, resgatando pedaços da história em um conteúdo dinâmico – como o produto do TCC 2.

Por fim, o material que possivelmente é a maior referência gráfica, editorial e de conteúdo disposto nas páginas, é a coletânea *Elas ocuparam as redações: Depoimentos ao CPDOC* – material organizado pelas pesquisadoras Alzira Alves de Abreu e Dora Rocha (2006). O livro apresenta a história de mulheres relevantes do jornalismo da virada do século XX, com discussões acerca de gênero e jornalismo e capítulos de entrevistas com mulheres que conseguiram sucesso em suas carreiras em nível nacional.

5.5 O LIVRO DAS “SETENTINAS”

Após a análise dos materiais teóricos encontrados e compilados nesse documento teórico-metodológico, percebe-se a lacuna eminente que deve ser cada vez mais ocupada por mais produções, sejam elas científicas ou literárias, sobre a participação feminina na imprensa. Nesse sentido, o presente capítulo se dedica à apresentação do produto final deste Trabalho de Conclusão de Curso: o livro-reportagem digital *"Setentinas": As jornalistas que enfrentaram o perfil masculino da imprensa paranaense na segunda metade do século 20 - reportagem, depoimentos e pesquisa*.

A construção textual de *"Setentinas"* não é aleatória; ela reflete a aplicação prática dos conceitos de jornalismo literário e do livro-reportagem que fundamentam este projeto. Para sua formulação, a apuração e o jornalismo de profundidade foram prioridade, valorizando a humanização dos dados e a ambientação do leitor nas memórias das personagens dessa história, por meio do uso do formato fluido e gênero híbrido. Portanto, o produto valida a subjetividade e a memória afetiva como elementos essenciais de verdade histórica e documental.

A obra consolida a pesquisa e as entrevistas realizadas, materializando o objetivo central de resgatar a trajetória das pioneiras da comunicação no Paraná. Mais do que um arquivo de memórias, o livro propõe-se a ser uma narrativa fluida e humanizada, onde o rigor da apuração jornalística encontra a sensibilidade

necessária para tratar de temas como gênero, mercado de trabalho e contexto político da Ditadura Militar.

A escolha do título se deu por meio da produção do material e de uma decisão estratégica. O termo “setentinas” foi utilizado para remeter ao primeiro grupo de mulheres a realmente se estabelecerem na imprensa paranaense. Para além, o subtítulo traz um resumo do intuito da obra, ao relacionar o livro a um trabalho de resgate histórico e biográfico, mostrando uma prévia do que o leitor pode encontrar ao iniciar sua leitura, tanto no conteúdo, quanto nos formatos de texto presentes.

A ideia de construção de um livro-reportagem digital, por sua vez, é pensada para atrair diversos públicos, sendo inclusive mais acessível por questões de menores custos, e por trazer possibilidades de interatividade com pessoas que precisam de outros recursos, como narração sonora integrada (Teixeira; Brandão, 2019).

5.5.1 A estrutura do livro

O livro-reportagem está organizado para trazer reflexões aos leitores ao longo das páginas sobre a presença feminina nas redações no estado do Paraná, desde as pioneiras até o grupo que realmente se estabeleceu nos jornais, mesclando a narrativa da autora com depoimentos editados de oito das doze entrevistadas.

A obra se inicia com uma *Apresentação*, onde é exposta a justificativa do projeto e a relevância de se estudar a presença feminina na imprensa sob a ótica da micro-história e o papel e a representação de mulheres na história.

Na sequência, o *Prólogo* e a reportagem *Quem foram as Setentinas?* contextualizam o cenário. Esses textos introdutórios situam o leitor na Curitiba das décadas de 1950 a 1970, apresentando as precursoras do colunismo social, como Rosy de Sá Cardoso e Celina Luz, e descrevendo a transição técnica das redações, a obrigatoriedade do diploma e o ambiente político que as “setentinas” encontraram ao iniciar suas carreiras.

O “coração” do livro reside na seção *Os Depoimentos*. Nele, a opção editorial foi privilegiar o relato das personagens, transcrevendo e editando as entrevistas no formato de depoimentos em primeira pessoa. Essa seção traz oito das doze entrevistas realizadas ao longo do projeto, selecionadas porque contém histórias diversas dos campos do jornalismo nos anos 60, 70 e 80 – das apresentações em

programas de rádio e televisão à vida no jornalismo impresso do dia a dia. Neles, o leitor conhece o por detrás do “fazer jornalístico”, os obstáculos que elas precisaram ultrapassar e as memórias mais intrínsecas dessas personalidades.

Por fim, a obra se encerra com um *Posfácio*, que reflete sobre o legado dessas profissionais e traça um paralelo com a situação atual das mulheres no jornalismo, apontando que, embora a feminização das redações seja uma realidade, desafios como a disparidade salarial, por exemplo, persistem.

O projeto visual busca valorizar a clareza textual e a riqueza dos depoimentos e dos demais textos. Para isso, o projeto é graficamente simples, mas pensado para que leitores do meio digital possam ter acesso a um material adaptado para esse tipo de leitura. A proposta simplificada também é um facilitador para a elaboração de um produto físico futuramente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo compilado neste trabalho demonstra a invisibilidade da participação feminina na história do jornalismo brasileiro, um fenômeno que aparece desde os estudos iniciais da comunicação no país (Barbosa, 2024). Se analisarmos as produções do campo da comunicação, percebe-se que elas são numerosas, mas que priorizam destacar homens antes de mulheres, em registros sobre feitos e acontecimentos considerados históricos para a fundamentação da imprensa nacional (Abreu, Rocha, 2006).

Apesar da crescente presença de mulheres na comunicação, suas contribuições foram sistematicamente desvalorizadas ou apagadas – uma consequência de uma lógica patriarcal que definiu os contornos da profissão e dos temas considerados relevantes para a cobertura jornalística desde o seu princípio.

O estudo da migração do jornalismo romântico para o moderno no Brasil, entre as décadas de 1950 e 1970, revela um período de significativa profissionalização da área e maior abertura para a inserção feminina, impulsionada pela valorização do diploma e pelos avanços tecnológicos. No entanto, essa inserção não se deu sem desafios, com a necessidade constante de as mulheres legitimarem sua competência em um ambiente ainda estranho, até conseguirem posições relativamente melhores em algumas redações.

Nesse contexto, o livro-reportagem digital proposto, “*Setentinas: As jornalistas que enfrentaram o perfil masculino da imprensa paranaense na segunda metade do século 20 - reportagem, depoimentos e pesquisa*”, tem a missão de contribuir com o preenchimento de parte das lacunas da história do jornalismo local.

Focando nas pioneiras da imprensa paranaense, que tiveram pelo menos parte de suas carreiras na década de 1970 – a que consolidou a presença feminina nas redações, a obra busca diminuir os espaços vazios da memória do jornalismo paranaense, que, assim como a nacional, carece de produções que destaquem as vozes femininas.

Atrelando-se ao jornalismo literário, livro-reportagem e a metodologia de pesquisa apresentadas neste documento, o produto final busca trazer a experiência dessas mulheres que, uma vez esquecidas, passaram por obstáculos que permitem que hoje o sistema de trabalho no jornalismo tenha mudado – pelo menos em partes – e, então, tornasse mais palpável para outras que tenham interesse na área da

comunicação no Brasil. A pesquisa de interesse público neste trabalho, mostra que a temática é de interesse da sociedade, e que grande parte dos cidadãos concordam que as mulheres trouxeram transformações ao jornalismo e que os estudos de gênero e suas interferências na história da imprensa são tópicos atrativos ao leitor, mostrando o potencial de trabalhos sobre o tema.

Sendo um projeto que busca sair do factual, o livro-reportagem pretende sensibilizar os interessados em sua leitura, trazendo um novo olhar para a história local. Mesmo que tardiamente, o projeto revela os nomes por trás de algumas inovações realizadas por mulheres no jornalismo paranaense, como criações de cadernos especiais e do modo de se fazer reportagem nas ruas do estado. O produto, por fim, presta homenagem a algumas das muitas profissionais que deram a oportunidade de explorar, com muito menos barreiras, um campo de conhecimento e profissionalização.

Ao tornar visível o que foi historicamente invisibilizado, o trabalho contribui para descortinar os critérios patriarcais que definem o que é relevante na história, reafirmando o papel fundamental das mulheres na construção do passado e do presente do jornalismo. Dessa forma, o livro-reportagem não é apenas um material de resgate de memória, mas um projeto que visa promover o debate contínuo sobre questões de gênero e inspirar futuras gerações de jornalistas, que terão acesso facilitado a essas histórias e conhecerão alguns dos motivos pelos quais possam ser jornalistas e comunicadoras no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970 – 2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ABREU, A. A.; LATTMAN-WELMAN, F.; MORAES, M.; ABREU, P. **A imprensa em transição: o jornalismo nos anos 50**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996.

ABREU, Alzira Alves de. ROCHA, Dora (orgs.). **Elas ocuparam as redações: Depoimentos ao Cpdoc**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ADAM, Felipe; GADINI, Sérgio Luiz. **A biografia como instrumento de resgate para a história do jornalismo brasileiro**. Triade: Comunicação, Cultura e Mídia, Sorocaba, SP, v. 7, n. 16, 2019. DOI: 10.22484/2318-5694.2019v7n16p122-144. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/3670>. Acesso em: 16 jun. 2025.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALVES, Aline Kedma Araujo. **Decoração e gênero: a construção histórica de um lugar feminino a partir dos periódicos do início do século XX no Brasil**. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31697> . Acesso em: 30 set. 2025.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: o tempo presente – Brasil, 1980-2010**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.

BERGER, Christa. **Jurema Finamour: a jornalista silenciada**. Porto Alegre: Libretos, 2022.

BORGES, Rogério. **Jornalismo literário: teoria e análise**. Florianópolis: Insular, 2013.

BREMBATTI, Katia. **A vida ela mesma traça**. Curitiba: Gazeta do Povo, 6 jun. 2015. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/perfil/a-vida-ela-mes-m-a-traca-cj6um61lqu8pw2j8wvi48jm8q/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

BRUM, Eliane. **O Olho da Rua: Uma Repórter em Busca da Literatura da Vida Real**. São Paulo: Globo, 2017.

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

CASADEI, Eliza Bachega. **A Inserção das Mulheres no Jornalismo e a Imprensa Alternativa:** primeiras experiências do final do século XIX. Revista Alterjor, São Paulo, Brasil, v. 3, n. 1, p. 1–10, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88218>>.. Acesso em: 15 mai. 2025.

CNN BRASIL. **Apesar de maior escolarização, mulheres têm menores rendimentos e participação no mercado de trabalho, diz IBGE.** 2024. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/apesar-de-maior-escolarizacao-mulheres-tem-menores-rendimentos-e-participacao-no-mercado-de-trabalho-diz-ibge>>. Acesso em: 5 nov. 2025.

DA COSTA JÚNIOR, J. F.; CABRAL, E. L. dos S.; DE SOUZA, R. C.; BEZERRA, D. de M. C.; E SILVA, P. T. de F. **Um estudo sobre o uso da escala de Likert na coleta de dados qualitativos e sua correlação com as ferramentas estatísticas.** CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES, v. 17, n. 1, p. 360–376, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.1-021. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/4009> . Acesso em: 13 abri. 2025.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa Feminina E Feminista No Brasil:** Século XIX– Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa Feminina E Feminista No Brasil:** Século XX (1900- 1949) – Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade.** In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Comunicação e Gênero no Brasil:** discutindo a relação. Revista Eco-Pós, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 103–138, 2020. DOI: 10.29146/eco-pos.v23i3.27643. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27643 . Acesso em: 15 mai. 2025.

FERNANDES, J. C. **O exército das orianas.** Gazeta do Povo, Curitiba, 2 dez. 2010. Vida e Cidadania.

GAZETA DO POVO. **Bem Perto da Gente.** Vídeos. Curitiba: Gazeta do Povo, 31 ago. 2011. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/videos/bem-perto-da-gente/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

HARA, Pietra Dissenha; ALMEIDA, Nayara Tays de; DOMINGUES, Emily Cristina de Oliveira; FERNANDES, José Carlos. **Celina Luz:** Representação Feminina na Imprensa Paranaense do Século XXI, 2024. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/06282024214123667f58337f8c6.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2025.

INSTITUTO VLADIMIR HERZOG. **Repórter-fotográfica foi a única a registrar, sob clima tenso, velório de Herzog**, 7 jul. 2014. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/reporter-fotografica-foi-a-unica-a-registrar-sob-clima-tenso-velorio-de-herzog/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

ITAÚ CULTURAL. **Vilma Slomp**. Enciclopédia Itaú Cultural, última edição em 6 de ago. 2024. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/5159-vilma-slomp>. Acesso em: 7 jul. 2025.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Mulheres jornalistas na Imprensa Brasileira**. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande – MS, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Ed. Unicamp, 2009.

LIMA, Myrian Regina Del Vecchio de; SILVA, Cláudia Santos; RASERA, Rafaela Cordeiro. **Memória jornalística e protagonismo feminino**: a mulher na redação e gestão de um jornal regional. Intexto, Porto Alegre, n. 55, e-129674, 2023. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.129674> . Acesso em: 20 mai. 2025.

LIMA, M. R. D. V. de; FERNANDES, J.C. **Protagonismos de resistência**: as vozes de dez mulheres jornalistas do Paraná, da ditadura militar à consolidação de uma trajetória profissional. In: SOSTER, D. de A.; ROVIDA, M. (org.) Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas protagonistas. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2021. p.1-15.

MELO, José Marques de. **Jornalismo brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MARIA, Júlio. **Elis Regina**: Nada Será como Antes. São Paulo: Master Books, 2015.

MEMÓRIAS PARANÁ. **Laís Mann da Silva**. Disponível em: <https://memoriasparana.com.br/lais-mann-da-silva/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

MENDES, Marcela. **Luto — Lúcia Maria Glück (jornalismo & arte)**. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 ago. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/falecimentos/luto-lucia-maria-gluck-jornalismo-arte/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

MORAES, Vaniucha. **Memórias, Biografias e Histórias de Jornalistas**. Revista TOMO, [S. l.], 2014. DOI: 10.21669/tomo.v0i0.3443. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/3443>> . Acesso em: 18 mai. 2025.

MORAIS, Fernando. **Chatô, o Rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.

MURAL DO PARANÁ. **Memória**: Sônia Nassar, a primeira cronista esportiva do

Paraná, [s.d.]. Disponível em:

<https://muraldoparana.com.br/memoria-sonia-nassar-a-primeira-cronista-esportiva-do-parana/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

OAB PARANÁ. **Rosy de Sá Cardoso e Sonia Nassar: as vanguardistas da palavra**, 28 mar. 2022. Disponível em:

<https://www.oabpr.org.br/rosy-de-sa-cardoso-e-sonia-nassar-as-vanguardistas-da-palavra/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

PATROCÍNIO, Lara Mireny Freitas; MATIAZZI, Valmir. **As particularidades do livro-reportagem no campo jornalístico**. 2021. Disponível em:

<<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij01/lara-mireny-freitas-patrocinio.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2025.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Revista Contracampo. Dossiê: Comunicação e Documentários. n. 7. p. 43 – 58. Universidade Federal Fluminense, dez. 2007.

PINHEIRO, Dinah Ribas. **Cultura: Dinah Ribas estreia coluna no Mural**. *Mural do Paraná*, [s.d.]. Disponível em:

<https://muraldoparana.com.br/cultura-dinah-ribas-estreia-coluna-no-mural/>.

Acesso em: 18 jun. 2025.

PORTAL MIRIAN GASPARIN. **Autor: Mirian Gasparin**, [s.d.]. Disponível em:

<https://miriangasparin.com.br/author/mirian/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

RAGO, Margareth. **Trabalho Feminino e Sexualidade**. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ROMANCINI, Richard e LAGO, Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

SINDIJOR PR. **Morre o jornalista Reynaldo Jardim**, 2 fev. 2011. Disponível em:

<https://sindijorpr.org.br/noticias/3682/morre-o-jornalista-reynaldo-jardim>. Acesso em: 18 jun. 2025.

TEIXEIRA, A. C.; BRANDÃO, E. J. R. **Internet e democratização do conhecimento: repensando o processo de exclusão social**. 2002. Disponível em:

<<https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/bisus/bisus2019/Desafio4.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2025.

TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras**. In: Priore, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 1 ed. São Paulo: contexto, 1997.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Perfil do jornalista brasileiro 2021**. Florianópolis - SC: Quorum Comunicação, 2022. Disponível em:

<https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/RelatorioPesquisaPerfilJornalis>

[t as2022x2.pdf](#) . Acesso em 03/04/2025.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> . Acesso em: 7 jun. 2025.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. São Paulo: Planeta do Brasil, 1988.

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE PESQUISA DE OPINIÃO

BLOCO 1 - IDENTIFICAÇÃO (PERGUNTA OBJETIVA)

- Para começar, qual é a sua idade?
 - Até 18 anos
 - 18 a 24 anos
 - 25 a 34 anos
 - 35 a 44 anos
 - 45 a 54 anos
 - 55 a 64 anos
 - 65 anos ou mais

BLOCO 2 - SUAS MEMÓRIAS (7 PERGUNTAS ABERTAS E 1 PERGUNTA OBJETIVA)

- Quando se fala em jornalismo esportivo, qual jornalista vem à sua mente?
- Quando se fala em jornalismo político ou econômico, qual jornalista vem à sua mente?
- Quando se fala em jornalismo de variedades (cultura/comportamento/cidade), qual jornalista vem à sua mente?
- Pensando nos apresentadores/âncoras de jornais, qual nome vem à sua mente?
- Pensando em mulheres jornalistas no Brasil, qual é o primeiro nome que vem à sua mente?
- Considerando mulheres jornalistas que se destacaram a partir dos anos 2000 no Brasil, qual nome vem à sua mente?
- De acordo com a pesquisa do "Perfil do Jornalista Brasileiro 2021", coordenada pelo Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 58% dos jornalistas no Brasil são mulheres. Você acredita que a entrada de mulheres no jornalismo trouxe mudanças para a profissão?
 - Sim
 - Não

- Se quiser, justifique a sua resposta da pergunta anterior.

BLOCO 3 - PARA FINALIZAR (ESCALA LIKERT)

Responda o quanto você concorda ou discorda das afirmações abaixo.

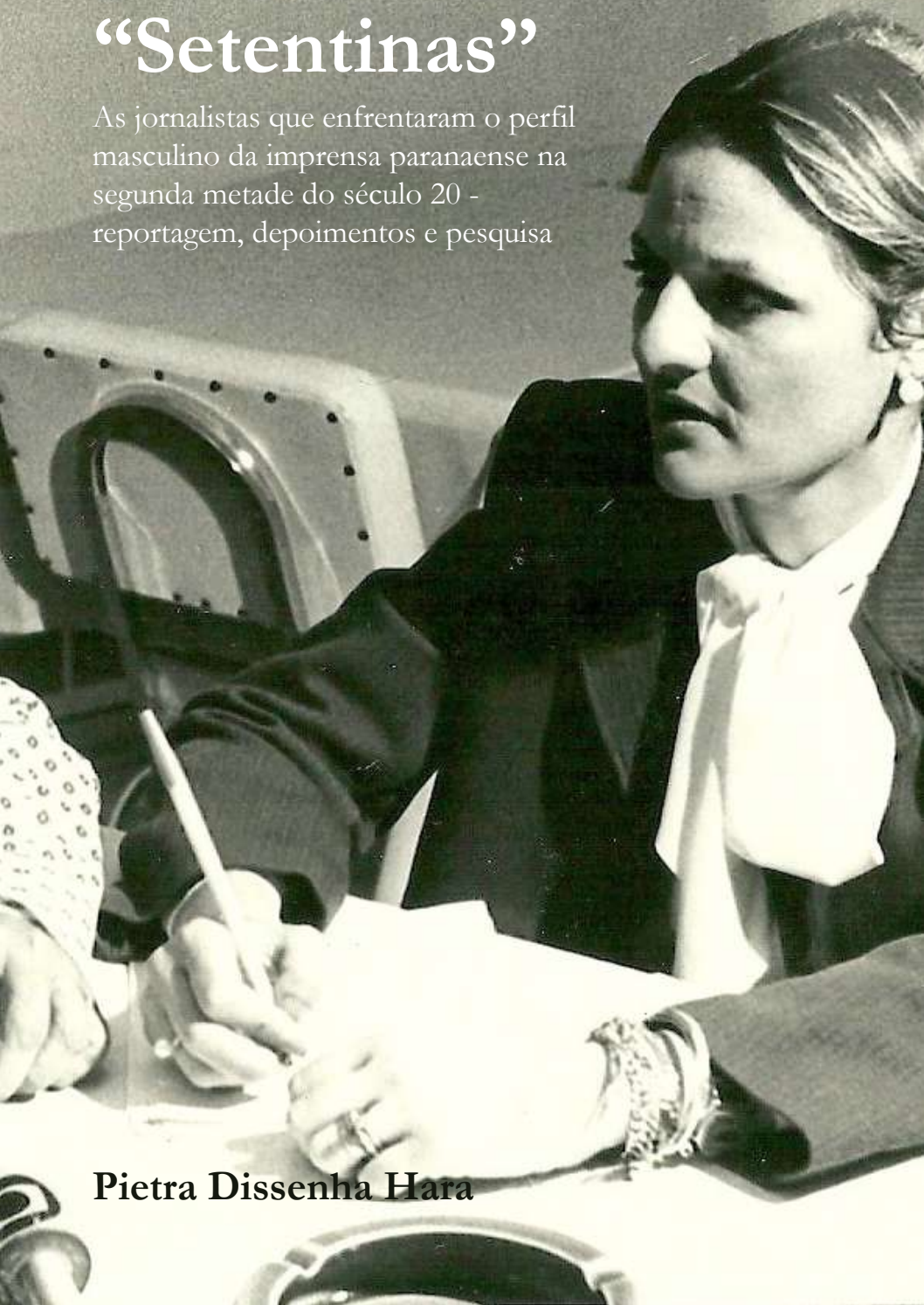
Utilize a seguinte legenda:

1. Discordo totalmente;
2. Discordo em partes;
3. Não discordo nem concordo;
4. Concordo em partes;
5. Concordo totalmente.

- Homens e mulheres têm as mesmas oportunidades no jornalismo.
- Ser homem contribui para uma maior visibilidade no jornalismo.
- O gênero ou sexo do autor de uma reportagem não interfere no resultado da produção jornalística.
- O estudo da influência do gênero nas carreiras jornalísticas é importante e necessário.

“Setentinas”

As jornalistas que enfrentaram o perfil masculino da imprensa paranaense na segunda metade do século 20 - reportagem, depoimentos e pesquisa



Pietra Dissenha Hara

“Setentinas”

As jornalistas que enfrentaram o perfil masculino da imprensa paranaense na segunda metade do século 20 - reportagem, depoimentos e pesquisa

Pietra Dissenha Hara

FICHA TÉCNICA

Curitiba-PR, 2025

Livro-reportagem apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Jornalismo, do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná

Autora: Pietra Dissenha Hara

Título: “Setentinas”

Subtítulo: As jornalistas que enfrentaram o perfil masculino da imprensa paranaense na segunda metade do século 20 - reportagem, depoimentos e pesquisa

Diagramação: Pietra Dissenha Hara

Orientação: Prof. Dr. José Carlos Fernandes

Formato: Livro-reportagem digital

Fotografia (Capa): Reprodução / Tribuna do Paraná (site tribunapr.com.br)

Nº de páginas: 112

Assunto: mulheres no jornalismo, história oral, imprensa paranaense

Para Marcia, Alexandre e Lorenzo.
Por, mesmo de longe, cuidarem de mim e me apoiarem tanto.

CONTEÚDO

APRESENTAÇÃO	1
PRÓLOGO	3
QUEM FORAM AS “SETENTINAS”?	8
OS DEPOIMENTOS	19
Laís Mann: “Não me sentia no meu lugar de direito”	20
Vania Mara Welte: de estagiária de diagramação a ganhadora do Prêmio Esso	33
Elvira Alegre: a londrinense e única fotógrafa do velório de Vladimir Herzog	43
Fernanda Castro: “Encontrei a fotografia. Foi o que me salvou.”	54
Elza de Oliveira Filha: Das redações à docência da comunicação	61
Nereide Michel: da Chegada à Redação da Gazeta do Povo à Criação do Viver Bem	72
Clarice de Alda: “Eu sou faca na bota”	79
Mara Cornelsen: Crimes e Minissaia	86
POSFÁCIO	101
REFERÊNCIAS	103
AGRADECIMENTOS	106
SOBRE A AUTORA	107

APRESENTAÇÃO

Os estudos que trabalham a história do jornalismo paranaense são escassos, e os poucos que remontam esse ofício no último século estão, geralmente, ligados a levantamentos dos periódicos que atuavam no estado, mas não no modo de se fazer jornalismo ou nas pessoas que estavam envolvidas nele (Abdalla, 2010).

Pensando nisso, fica claro que a presença feminina na imprensa ainda é uma parte pouco trabalhada em pesquisas. Seguindo a caracterização de “O Outro”, de Simone de Beauvoir (1980), elas foram, por muitos anos, o segundo plano das redações, o distinto desvalorizado e contrastante do masculino – o “normal” para o momento.

Pode-se dizer, portanto, que as mulheres se encaixam nos estudos de micro-história, de Ronaldo Vainfas, por serem um grupo raramente ouvido ao longo dos anos mas que podem – e devem – trazer pluralidade para as diferentes temáticas, como é o caso de uma reconstrução da memória do jornalismo regional. Para ele, “é preciso dar vida a personagens esquecidos e revelar enredos e sociedades ocultadas da história geral” (Vainfas, 2000, p. 103). Logo, a visão feminina traz novas perspectivas dessa história que segue em retalhos, buscando fechar esses buracos perdidos no tempo.

Este livro é resultado de meses de pesquisa e quinze horas de gravação com doze mulheres que se aventuraram no jornalismo no Paraná e se fixaram na profissão na década de 1970, sendo chamadas aqui de **“setentinas”**.

Elas, que são a alma dessa obra, fazem parte do primeiro grupo de mulheres que conseguiram, efetivamente, ultrapassar as barreiras que a sociedade e os veículos de imprensa regionais impunham anteriormente para a profissionalização feminina na comunicação. Antes disso, as redações eram grandes mares masculinos, salvo pelos casos de jornais com uma única repórter–

que ficava, ou não, dividindo o mesmo espaço físico que os homens.

Quando pensamos em jornalistas da atualidade, muitas vezes as primeiras figuras que aparecem em nossas mentes são mulheres. Mas, quem iniciou essa transformação na imprensa? O que as pioneiras viveram na pele para que o jornalismo fosse hoje montado por uma maioria feminina? Quais são as suas lembranças e reflexões acerca do que passaram?

Isso é o que o leitor encontrará nas páginas a seguir. Esse material contém um prólogo que estabelece o contexto, apresentando as mulheres que chegaram um pouco antes das **“setentinas”** no jornalismo local; uma reportagem que traça o perfil de quem eram essas mulheres que começavam a trabalhar na imprensa na década de 70; e, de forma contundente, os depoimentos transcritos e editados de algumas das entrevistadas, que compartilham suas vivências em suas próprias palavras. O projeto serve de porta de entrada para conhecer quem fez parte da mudança que permitiu que muitas outras mulheres, como eu, pudessem perceber que a carreira no jornalismo é possível para todas.

Boa leitura.

PRÓLOGO

A baixa visibilidade em espaços públicos, o tardio acesso ao letramento, o dever em ser cautelosa e não falar sua opinião e o estigma que o saber não era algo característico do feminino. Estes são alguns dos múltiplos obstáculos que as mulheres precisaram ultrapassar para chegarem no mercado de trabalho e começarem a ter suas próprias vozes – tanto em suas vidas, quanto na história.

No jornalismo, isso não é muito diferente.

Com mulheres buscando seus espaços para trabalharem a partir do século XIX, com o intuito de complementarem a renda de seus maridos (Rago, 1995), a comunicação começou a ser um caminho de interesse. Mesmo com esse desejo instaurado, ser mulher e ser jornalista ainda era algo muito distante. As redações eram construídas para os homens, sem espaços físicos, como banheiros específicos para mulheres, e caracterizadas pelos pesquisadores como “saunas bregas”, ambientes de caráter duvidoso pensados apenas para poucos (Lima & Santos & Rasesa, 2023; Ribeiro, 1988).

Mesmo com os preconceitos sobre a relação da mulher e o trabalho com a informação, algumas tentaram suas fichas na imprensa feminista. Esse foi o único espaço para muitas, até a entrada das primeiras mulheres nas tradicionais redações de jornais nacionais e locais, registrados a partir das décadas de 1930

e 1940.

A partir de então, uma nova oportunidade tornou-se palpável: a participação em jornais por meio da escrita de colunas femininas e cobertura de temáticas socioculturais – as temáticas consideradas mais “leves” e de “menor importância”, mas que as permitiram começar nesse mundo.

Nesse contexto, o colunismo social emergiu como um território ambíguo e estratégico. Historicamente, as editoriais voltadas à moda, decoração e sociedade eram desvalorizadas justamente por serem destinadas ao público feminino, uma questão enraizada na forma como a imprensa naturalizou estereótipos: política e economia seriam assuntos de homens, enquanto às mulheres restariam os temas domésticos e dos acontecimentos culturais (Alves, 2020).

O gênero social carregava o estigma de ser um espaço de vaidade, focado em noivados, batizados e jantares da elite, muitas vezes reduzido à ideia de “fofoca” e de um espaço do periódico “anti-jornalismo” (Galdino, 2013). Para autores como Gilberto Freyre, essas colunas alimentavam-se da frivolidade. No entanto, foi justamente nessa brecha que a inovação aconteceu.

Sob a aparência de um gênero “rebaixado”, o colunismo foi a janela aberta que as mulheres que queriam escrever notícia tanto aguardaram. Foi ali que as oportunidades começaram e que temas políticos e escândalos sociais puderam ser abordados por elas num primeiro momento. O que parecia ser apenas um registro de eventos culturais tornava-se, nas mãos dessas jornalistas, um palco para discutir de moda e eventos a questões políticas e o próprio papel da mulher na sociedade, subvertendo a lógica que tentava silenciá-las.

Entre os exemplos de mulheres que seguiram por essa vertente está Juril de Plácido e Silva Carnasciali, a primeira a trabalhar na redação da *Gazeta do Povo* de Curitiba. Filha de um dos pioneiros do jornal, o jurista, professor, jornalista e editor Oscar Joseph de Plácido e Silva, colaborou como colunista social no periódico por mais de 50 anos.

Entretanto, foi com Rosy de Sá Cardoso que as ligações entre o jornalismo paranaense e as mulheres se estreitaram. Curitibana nascida em 1926, foi criada em Paranaguá, onde iniciou a

trabalhar na *Rádio Guairacá* como cantora, ainda com 14 anos. O jornalismo surgiu um pouco depois, por conta do desenvolvimento de calos em suas cordas vocais, que, sem a possibilidade de se realizar uma cirurgia, a impediram de seguir carreira musical.

A mudança, entretanto, nunca foi um problema, pois logo se encontrou na comunicação – mesmo enfrentando discriminação e comentários ofensivos de seus conhecidos por ter escolhido este caminho profissional. De acordo com obituário de Rosy, publicado no site do Sindicato de jornalistas do Paraná, alguns de seus familiares a chamavam de “vergonha da família” por seguir esse rumo.

O primeiro trabalho de Rosy no jornalismo foi no jornal *O Dia*. Com 21 anos de idade, tornou-se a primeira colunista social do Paraná. Outros jornais impressos, como *Estado do Paraná*, *Diário do Paraná* e *Gazeta do Povo* estão em seu currículo – o último deles, inclusive, foi onde ficou por quatro décadas produzindo reportagens na editoria de turismo até a sua saída das redações, em 2017.

Para além dos tradicionais periódicos, Rosy trabalhou nas revistas *Divulgação*, *Alta Sociedade* e *Panorama* e atuou na produção e apresentação de programas de televisão em emissoras locais. Como outros feitos na profissão, Rosy teve a oportunidade de cobrir jogos de futebol no Maracanã, durante a Copa do Mundo realizada no Brasil em 1950.

Aparentemente, gostava de ser a pioneira em diversos meios. Além de ser a primeira mulher a ter registro de jornalista no Paraná e a se filiar ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, registros dizem que ela foi uma das primeiras curitubanas a dirigir e usar calças.

Assim como Rosy Cardoso, outra mulher se consolidou como colunista social em Curitiba antes da década de 70: Celina Luz. Esta ficou menos conhecida na região, provavelmente por apenas iniciar a sua carreira na capital do Paraná, mas teve sua importância como a única mulher a participar da sucursal do revolucionário jornal *Última Hora* na cidade.

Nascida em São Francisco do Sul, no litoral de Santa Catarina, Celina Luz mudou-se para Curitiba apostando em um caminho

para seguir para o sonho de ser jornalista. Com a companhia de sua irmã, a modelo e também repórter Rachel Luz, iniciou sua carreira publicando conteúdo informativo e literário em veículos de destaque local, como o *Diário do Paraná*, jornal do grupo *Diários Associados* com sede em Curitiba entre 1959 a 1961. Entre 1962 a 1964, Celina integrou a equipe do jornal *Última Hora*, sendo a única mulher a fazer parte do UH curitibano. Durante sua estadia no jornal, Celina conquistou seu espaço na imprensa paranaense. No primeiro ano, como colunista social, da *UH Sociedade*, no ano seguinte na seção *Eles & Elas*, em parceria com o jornalista Nelson Faria. Em seu último ano no periódico, a jornalista evidencia seu crescimento e qualidade na produção, lançando a seção *Jornal de Celina Luz*, voltando a liderar a coluna sozinha.

O espaço da coluna social foi idealizado pelo diretor do jornal, Ary de Carvalho. Ele propôs e lançou uma ideia inovadora, com um olhar mais sofisticado e informativo para a cobertura de festas e eventos na cidade. Logo nas primeiras edições, foi bem recebida pelos leitores e rapidamente se popularizou por sua facilidade em permear sobre temas políticos e econômicos enquanto mantinha as características do formato e escrita da coluna.

Com o sucesso, Celina seguiu trabalhando no *Última Hora* até o Golpe Militar de 1964, quando decidiu se exilar na França.

Ao longo de sua estadia em território estrangeiro, a jornalista atuou como correspondente internacional do *Jornal do Brasil*. Uma de suas façanhas mais impressionantes foi a entrevista com o ex-presidente e líder das forças militares francesas Charles de Gaulle, feita em Paris e inteiramente em francês, língua na qual a jornalista era fluente. Também fez toda a cobertura do Festival de Cannes para o jornal brasileiro, visto que se interessada pela sétima arte. Se manteve como correspondente internacional por cinco anos, até voltar para o Brasil, agora se estabelecendo no Rio juntamente com seu marido, o médico neurologista Sérgio Carneiro, com o qual dividiu sua vida até o fim.

Voltando para o Rio, a jornalista continuou trabalhando para o *Jornal do Brasil* e voltou para as redação do *Última Hora*, agora na sede carioca. Além disso, comprou em parceria com seu

marido os direitos da revista *Intervien*, se tornando diretora da publicação. Celina Luz acabou falecendo em 1999, em decorrência de um câncer no pulmão, deixando um legado de reportagens em seu nome em diversos veículos de comunicação.

A partir de Juril, Rosy e Celina, outras mulheres começaram a ter chance nos periódicos regionais no final dos anos 60, agora com a possibilidade de trabalharem em outras partes e dos jornais e demais veículos de comunicação.

Esse jornalismo que as “setentinas” começam suas carreiras era diferente do das pioneiras do colunismo social. Os veículos buscavam novas formas de produção, aliados a uma conduta ligada ao mercado e ao modo neoliberal que a imprensa adotou a partir de revoluções internas no fazer notícia, com novas obrigatoriedades e se desvencilhando, pouco a pouco, dos tradicionais e romantizados modos de escrita.

QUEM FORAM AS “SETENTINAS”?

Se a década de 1970 é lembrada por grandes transformações culturais, nas redações paranaenses ela marcou uma revolução silenciosa, mas definitiva: a entrada das mulheres na linha de frente da notícia.

O cenário era propício. O jornalismo vivia um período de transição, saindo das amarras do modo romântico de produção para se tornar moderno e mais próximo do atual, buscando a profissionalização. Essa mudança foi impulsionada por uma leva de eventos, como a crise mundial de petróleo, o fim do milagre econômico brasileiro e o crescimento das editoras, que buscavam inovação.

Para além disso, o aumento da oferta de cursos de comunicação e a obrigatoriedade do diploma, aquelas que antes se interessavam pelas letras, artes e formas de mudar o mundo encontraram uma brecha para transformar o idealismo em profissão.

A virada industrial e técnica

O terreno onde essas pioneiras pisaram estava em plena metamorfose. Entre os anos 1950 e 1970, o jornalismo brasileiro despiu-se de sua era romântica, herdada da escola francesa e da elite intelectual, para vestir o pragmatismo do modelo

norte-americano, marcado por mais valor à pluralidade e crítica e menos à opinião dos próprios repórteres.

Até meados do século XX, jornais como *O Jornal e Correio da Manhã* eram feitos por e para as camadas mais altas da sociedade. As páginas eram recheadas de crônicas, contos e folhetins, onde a notícia objetiva perdia espaço para o texto rebuscado. As redações eram redutos de escritores e intelectuais, além de ambientes masculinos e boêmios, distantes do grande público.

A mudança de chave começou no Rio de Janeiro, em 1950, com o *Diário Carioca*. Com as ações de Pompeu de Souza, o jornal lançou o primeiro manual de redação do país, importando dos Estados Unidos a técnica do lead e da pirâmide invertida. A notícia precisava ser rápida, clara e, acima de tudo, rentável.

Os jornalistas foram obrigados, pouco a pouco, a produzir textos mais curtos, escolher títulos sintéticos e se preocuparem com o uso de imagens e de uma diagramação interessante para o leitor. Essas mudanças acompanharam as transformações da sociedade, que presenciava momentos de avanços tecnológicos tanto mundialmente quanto nacionalmente.

O jornalismo deixava de ser apenas uma tribuna de opiniões para se tornar um produto de massa. À medida que o desenvolvimento industrial e o peso da publicidade aumentavam na imprensa e nas redações brasileiras, mudanças no setor da comunicação começaram a existir com maior potência. Com a urbanização acelerada e a tecnologia avançando, a imprensa precisou se profissionalizar.

Aliada a capitalização da informação e aos avanços tecnológicos que marcam o período, a consolidação desse novo modelo se articulou com a expansão do ensino superior em comunicação, que contribuiu para uma atividade jornalística mais técnica e para a reformulação das redações. Os veículos de comunicação clamavam por profissionais aptos para produzirem materiais de acordo com as mudanças da época. O Decreto-Lei nº 972, de 1969, e posteriormente o Decreto nº 83.284, de 1979, instituíram a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalista, medida que teve impacto direto sobre a composição e a lógica produtiva da imprensa.

O diploma como equalizador

Por mais que não fosse um resultado explicitamente esperado, a exigência burocrática e a busca por qualificação técnica abriram as frestas das pesadas portas das redações para as mulheres. A nova lógica de mercado, menos subjetiva e mais pragmática, precisava de mão de obra qualificada. E as universidades eram o caminho para isso.

Embora ainda raras no início dos anos 60 e enfrentando o preconceito de um ambiente historicamente masculinizado, o diploma auxiliou tanto as graduadas quanto as que tiveram a vida como escola – a exemplo de Laís Mann, apresentadora do *Show de Jornal*, líder de audiência da *TV Iguaçu* nos anos 70, que afirma que sua faculdade “foi a vida”. A academia validou a presença feminina onde antes só havia espaço para a boemia masculina.

É nesse cenário de ebulição que surgem nomes fundamentais para a imprensa do Paraná. Curitiba vivia a criação dos cursos de jornalismo e comunicação social na Universidade Católica do Paraná, atual Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), em 1956, e da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 1964, enquanto outras cidades do estado também preparavam suas formações universitárias nessa área. Foram essas graduações que permitiram a entrada de mulheres nos estudos de comunicação, preparando-as para se tornarem futuras jornalistas. Mulheres essas que, entre o final da década de 60 e o início dos anos 80, viveram na pele a transição do ofício e ajudaram a consolidar a presença feminina no jornalismo local.

Para ilustrar parte da vivência das primeiras jornalistas do Paraná, doze mulheres foram ouvidas: Adélia Lopes, Dinah Pinheiro, Clarice de Alda, Elvira Alegre, Elza de Oliveira Filha, Fernanda Castro, Laís Mann, Mara Cornelsen, Martha Feldens, Nereide Michel, Tonica Chagas e Vania Mara Welte. Elas fazem parte do grupo de mulheres que conseguiram chegar na imprensa paranaense durante esse período de transformações. Cada uma viveu sua trajetória até se firmar na profissão, mas suas carreiras compartilham sonhos, desafios e conquistas do início ao fim.

Motivações distintas, mesmo destino

De entrar no ramo por acaso até ser o caminho possível para almejar um sonho de infância. As razões para que essas mulheres se encontrassem no jornalismo são das mais diversas, mas as levaram para a mesma carreira, cada uma com suas especificidades.

Algumas se interessaram pela proximidade da escrita. Adélia Lopes, que atua na imprensa desde 1971, disse que sempre gostou de escrever, e que possivelmente por isso que se aproximou. “Gostava de fazer redação nas aulas. E as professoras sempre diziam ‘que bonita a sua redação’. Então acho que o instinto de ser começou já aí, na adolescência”. Nereide Michel, a criadora do suplemento Viver Bem da *Gazeta do Povo*, ressalta que a relação com os veículos de comunicação desde cedo a fez idealizar e tentar a carreira jornalística. “Lembro de na infância ler jornais e revistas, um mérito para os meus pais que nunca deixaram faltar estes veículos no cotidiano da família, e começar a recortar o que achava interessante, principalmente na área da Cultura, colando as notícias e fotos em meus cadernos”, confirma.

Para além de sonhos, uma figura serviu de inspiração para as mulheres dessa geração: a jornalista italiana Oriana Fallaci. Ouvida nas casas dos brasileiros que acompanhavam conflitos internacionais, Oriana se tornou uma voz conhecida e influente por sua dedicação à cobertura de eventos de risco, como a Guerra do Vietnã e conflitos no Oriente Médio.

Para Vania Mara Welte, Fallaci era sua inspiração desde muito jovem. A ganhadora do Prêmio Esso de Jornalismo em 1996 relembra que acompanhava as apurações da italiana na rádio de galena de sua casa, juntamente com seu pai. “Um dia, meu pai perguntou o que eu queria ser quando crescer, e eu respondi ‘essa mulher aí’. Eu seria a nova Oriana Fallaci”.

Além de ser uma figura marcante, Oriana Fallaci serviu de exemplo para que familiares dessas jovens se animassem com a ideia de terem filhas jornalistas, assim como afirma Elza de Oliveira Filha. “Acho que o fato de existir essa personagem, dela ser mulher, embora vivendo em situações muitas vezes de risco,

fez com que o meu pai não manifestasse a preocupação de eu ser mulher e querer ser jornalista”.

Vivências na Ditadura Militar

A formação acadêmica e os primeiros anos de trabalho deste grupo ocorreram durante a vigência da Ditadura Militar, contexto que alterou a rotina dentro das instituições de ensino e dos veículos de comunicação. O contexto político não era um fantasma distante; ele sentava-se ao lado, desde as salas de aula da graduação. Como disse Adélia Lopes, “era uma piada alguém querer ser jornalista exatamente em plena ditadura”.

Mesmo assim, essas condições não fizeram com que elas se assustassem com o jornalismo. Frequentaram a Universidade Federal do Paraná, a antiga Católica, atual Pontifícia Universidade Católica do Paraná, e tantas outras graduações com a presença de vigilantes nas salas de aula, além de vivenciarem, ainda como estudantes, situações de auxílio de procurados dos militares e de serem as próprias procuradas.

Dinah Pinheiro foi uma das moradoras da Casa da Estudante Universitária de Curitiba, a CEUC, durante os seus anos de faculdade. Moradora do segundo andar do prédio, caracterizado por ela como o “mais rebelde”, ajudou a abrigar a militante Palmira Amâncio da Silva em seu quarto. A fotojornalista Fernanda Castro, por sua vez, foi procurada ao ser uma das pessoas que viajaram até São Luís do Maranhão para um congresso de jornalistas, que nem chegou a existir. “Ficamos escondidos na casa dos professores e reitores da cidade, sendo atendidos pelo pessoal das universidades e da igreja. Seria uma semana de congresso, mas ficamos por lá quase um mês. Não podíamos voltar, éramos procurados”.

Ao iniciarem seus trabalhos em veículos de informação, acabaram presenciando a censura nesses ambientes, mas com pouco direcionamento a elas. De acordo com Nereide Michel, “a censura, na época, se concentrava mais nos temas de política e no jornal diário, com o próprio diretor do jornal exercendo uma autocensura para manter um bom relacionamento com as autoridades da época”.

A apresentadora do Jornal do Almoço da rede de televisão gaúcha RBS e depois editora de economia da *Gazeta do Povo*, Clarice de Alda, comentou que toda a semana precisava se deslocar de Pelotas para a cidade de Rio Grande com a programação dos veículos associados ao grupo da emissora para a verificação do material pela Polícia Federal. “Você não dava uma nota musical na televisão ou na rádio sem que a Polícia Federal aprovasse antes. Tinha que ter toda uma programação antecipada”, conta.

Apenas as que trabalharam na imprensa alternativa, ou “nanica”, sentiram a repressão de perto. A fotojornalista londrinense Elvira Alegre foi uma das colaboradoras do *Jornal Ex*, periódico progressista de São Paulo e um dos únicos a cobrir a morte do jornalista Vladimir Herzog, vivenciando o que realmente foi a censura. Após a cobertura do caso, que rendeu a venda de muitas cópias do jornal nas bancas paulistanas, a polícia apareceu nas dependências do jornal, buscando apreender materiais e até os integrantes da redação. “A polícia entrou e empastelou a redação. Só que, como a gente já imaginava que isso aconteceria, tiramos tudo lá de dentro”.

Primeiras oportunidades

A estreia profissional dessa geração se deu, majoritariamente, nas máquinas de escrever dos grandes jornais impressos, como o *Estado do Paraná*, a *Folha de Londrina* e o *Diário do Paraná*. Mas o mercado estava em expansão: as portas também se abriram nas ondas do rádio e na televisão — com a *TV Iguaçu* (antigo Canal 4) e a *Rádio Independência* — e no serviço público, através de estágios em órgãos culturais.

Os caminhos foram diversos. Enquanto Vania Mara Welte garantiu seu lugar na diagramação do *Estado do Paraná* ainda como estudante — após impressionar o diretor do jornal, Mussa José de Assis, com seus trabalhos de sala de aula —, Tônica Chagas desbravava a reportagem audiovisual nas televisões curitubanas.

Paternalismo e Preconceito

O convívio com as equipes, formadas quase que exclusivamente por homens mais velhos, oscilava entre o acolhimento paternalista e a desvalorização profissional. Para Laís Mann, a diferença de idade jogou a favor. "Como eu era muito novinha e meus colegas eram mais velhos, homens que já tinham filhos, tive uma certa proteção", relembra.

No entanto, essa "simpatia" muitas vezes mascarava o descrédito intelectual. Ideias vindas de mulheres eram frequentemente minimizadas. O caso de Nereide Michel é emblemático: ao propor a criação do suplemento "Viver Bem", na *Gazeta do Povo*, ouviu dos companheiros de redação que o projeto não passava de um "caderno de receitas da Nereide", classificado pejorativamente como "fogo de palha". A resposta veio nas bancas: em poucas semanas, o caderno se tornou um dos produtos dominicais mais consumidos pelos leitores, calando os críticos internos.

Apesar de algumas descreverem o ambiente como "interessante", a arquitetura das redações denunciava que aquele espaço não havia sido projetado para elas. Algo básico como um banheiro feminino exclusivo e privativo ainda era luxo inexistente em redações consolidadas do início da década de 1970.

Maternidade, salário e respeito: os maiores desafios

Após a chegada na comunicação, os desafios se iniciaram. A permanência dessas mulheres no mercado de trabalho contou com algumas questões dificultantes, principalmente relacionadas à maternidade, salário e desvalorização das repórteres pelas fontes e público.

Entre as doze jornalistas ouvidas, nove tornaram-se mães, mas apenas duas relataram ter conciliado a maternidade com a rotina de notícias sem grandes traumas. Para a maioria, o jornalismo e a criação dos filhos eram mundos em colisão constante, exigindo sacrifícios que variaram desde demissões até o arrependimento tardio.

Elvira Alegre, por exemplo, pediu demissão da *Folha de*

Londrina após um ultimato de seu chefe de redação. Ela havia retornado ao trabalho ainda amamentando, quando foi escalada para uma pauta que a deixaria 12 horas longe da filha recém-nascida. Ao argumentar que precisava amamentar, ouviu a sentença: "Você não pode recusar, você tem que ir". "Eu sofri porque eu tinha uma filha para amamentar. Foi aí que eu pedi demissão", desabafa a fotógrafa.

Laís Mann viveu o malabarismo de precisar levar seu filho prematuro para o estúdio da rádio, pela falta de ter alguém para deixá-lo, colocando-o no carrinho ao seu lado. "Tirava ele do carrinho e amamentava, falando no microfone", recorda. A criança era fruto de seu último relacionamento, que nasceu durante o processo de divórcio do ex-casal. O desfecho foi cruel: ao precisar comparecer a uma audiência judicial de separação no horário do programa, foi dispensada sumariamente pelo diretor. "Eu não tive nem tempo de me despedir dos meus ouvintes", ressalta.

Outro resultado foi o crescimento do sentimento de culpa. Clarice de Alda, hoje aos 70 anos, admite o arrependimento de ter priorizado a responsabilidade com a *Gazeta do Povo* — onde não havia horário para entrar ou sair — em detrimento do convívio com os filhos pequenos. "Eu me arrependo amargamente de ter abandonado meus filhos", confessa. A conclusão veio com o tempo: "O teu trabalho é só o trabalho, não é a tua segunda casa".

Mara Cornelsen ecoa o sentimento, lembrando de trabalhar grávida de sete meses subindo morro durante a explosão de uma fábrica de fogos e de retornar da licença sem condições financeiras para uma babá. Até hoje, seu filho, com 40 anos, "cobra isso", a ausência materna. Elza Oliveira Filha e Adélia Lopes chegaram até a levarem seus filhos para a cobertura de eventos e crimes, deixando-os em casas de desconhecidos e torcendo para que tudo ficasse bem. Tonica Chagas, uma das que não optou por não ter filhos, observou de perto a luta das colegas. De acordo com a jornalista, "elas sacrificavam os filhos em nome da profissão".

A desvalorização profissional não se limitava à falta de apoio materno. Ela também chegava no bolso. A disparidade salarial era

uma realidade ora velada, ora explícita. Adélia Lopes e Dinah Pinheiro sabiam que recebiam menos do que seus colegas de trabalho por serem mulheres. “Nós achávamos que não tinha preconceito contra as mulheres, não. Mas na verdade tinha sim. A gente ganhava menos”, afirmam.

Algumas, ao saberem dessas questões, conseguiram reverter esse problema. Laís Mann, ao descobrir a diferença no contracheque, confrontou o diretor do programa Show de Jornal, Renato Schaitza, que disse não entender o porquê dela receber menos. “Naquele mesmo mês, eu já comecei a receber o mesmo que os meus colegas ganhavam”, disse. Vania Mara Welte, por sua vez, iniciou a carreira impondo condições. Ao ser convidada para um estágio, exigiu ganhar o mesmo que os homens, rebatendo o argumento de que estagiários não eram remunerados: “Eu dizia ‘como que eu vou vir aqui, gastar mais em ônibus, ficar sem comer até de noite e eu não vou ganhar nada?’”.

Nas ruas, o preconceito se vestia de moralismo e assédio. Tonica Chagas foi barrada na Assembleia Legislativa pelo chefe do cerimonial após tentar fazer o seu trabalho. Ele disse que só poderia entrar na sessão de terno e gravata. No dia seguinte, improvisou uma roupa masculina de cetim para conseguir trabalhar. Elza Oliveira Filha também passou por situações parecidas. Uma vez, foi repreendida no Palácio Iguaçu por uma chefe de cerimonial que considerou “um absurdo ir ao Palácio vestida daquela maneira”, referindo-se à sua calça jeans.

Elvira Alegre ouvia obscenidades ao entrar em campo para fotografar jogos de futebol, e Laís Mann lidava com a objetificação na TV, onde se sentia vista como um “fetiche masculino”, enquanto seus colegas âncoras homens tinham permissão para envelhecer diante das câmeras. Mara Cornelsen, por sua vez, foi ameaçada por um delegado após denunciar tortura — “Sorte sua que não tem mais o AI-5” — e teve sua moral questionada em carta enviada ao jornal por usar minissaia, sendo chamada de “atentado violento ao pudor”.

Mesmo diante de todas as dificuldades, elas seguiram resistindo e, aos poucos, se consolidaram no ambiente jornalístico. O caminho foi duro, mas essas mulheres conseguiram chegar para ficar.

O momento atual

Cerca de 50 anos após suas estreias no jornalismo, as pioneiras seguiram caminhos diversos, mas o vínculo com a notícia permaneceu vivo. Tonica Chagas, que vive em Nova York desde 1996, define o ofício como algo fisiológico: "O jornalismo é bizarro, é doença, a gente não consegue viver sem ele. Eu tenho que escrever pelo menos um texto, nem que seja uma legenda por dia, senão eu morro".

Para algumas, a saída do jornalismo diário abriu portas para sonhos antigos. Mara Cornelsen, que entrou na faculdade querendo ser escritora e acabou engolida pela rotina da editoria policial por 35 anos, finalmente realizou o desejo da adolescência. Recentemente, ocupou a cadeira 39 da Academia Paranaense Feminina de Letras e publicou um livro de crônicas. "O jornalismo diário afoga essa parte literária (...) Acho que agora eu vou realizar aquele meu sonho de criança".

Para outras, o jornalismo não saiu completamente de cena. Adélia Lopes segue sendo colunista de moda para o jornal Indústria & Comércio. Dinah Pinheiro continua prestando serviço de assessoria de imprensa, e Nereide Michel, depois de sua aposentadoria na *Gazeta do Povo*, se dedica ao próprio portal digital de cultura e arte.

Ainda há aquelas que se encontraram na preservação da memória e na academia uma forma de continuar. Fernanda Castro segue trabalhando com seu acervo fotográfico e com as comunidades quilombolas que começou a registrar em 1978. Elza Oliveira Filha migrou para a docência, formando novas gerações, mas prepara-se para a aposentadoria, crítica aos rumos da profissão. Ela afirma que não voltaria às redações atuais: "Eu era uma jornalista daquela que fazia questão de acompanhar os acontecimentos in loco, fazia a questão de fazer apuração jornalística e não curadoria da informação".

Elvira Alegre, que parou de fotografar há três anos para cuidar da mãe idosa, confessa: "Eu voltaria sem pensar a trabalhar no jornalismo diário. Eu adoro aquela correria". No entanto, ela reconhece que o ambiente mudou: "A redação hoje não tem

barulho, não tem cheiro. Na minha época... tinha som”.

Para Laís Mann, a vida seguiu por um rumo diferente. Aos 75 anos, ela se dedica à música, cantando e morando com sua filha em Brasília. “Enquanto eu estiver viva, eu vou vivendo tudo que se apresenta para mim”.

Já Clarice de Alda, após a viuvez e a aposentadoria do Instituto GRPCom, recusou-se a ficar parada. Voltou à ativa na área de produção cultural do governo do estado, movida pela necessidade de se manter ocupada e pela própria natureza. Para ela, “ter uma atividade não deixa espaço para o Alzheimer e para depressão”.

A trajetória das “setentinas” é parte da história feminina no jornalismo paranaense. Se a entrada nas redações foi impulsionada pela obrigatoriedade do diploma e pela profissionalização técnica do setor, a permanência dessas mulheres foi garantida pela resiliência e enfrentamento do novo. Da convivência, mesmo que indireta, da censura da ditadura militar à conquista de espaços de chefia e reconhecimento, elas não apenas testemunharam a história, mas a escreveram em meio a uma época de grandes transformações culturais. Hoje, seja na literatura, na docência, na gestão cultural ou ainda na ativa da imprensa, essas pioneiras deixam como legado a prova de que a vocação e a coragem foram capazes de abrir as pesadas portas das redações, transformando uma revolução silenciosa em uma realidade definitiva para as futuras gerações.

OS DEPOIMENTOS

Laís, Vania, Elvira, Fernanda, Elza, Nereide, Clarice e Mara.

O que cada uma delas viu e viveu.

LAÍS MANN: “NÃO ME SENTIA NO MEU LUGAR DE DIREITO”

Curitibana com família proletária, Laís Mann iniciou sua carreira na comunicação ainda com 16 anos, depois do início de seu trabalho como modelo. Sem graduação na área, foi encontrada por diretores de jornais locais, que a deram a oportunidade de se tornar uma das principais vozes da *TV Iguaçu* e da *Rádio Independência* aos 20 anos. Na televisão, foi âncora do Show de Jornal, o programa de maior audiência local e um de seus grandes orgulhos de carreira, mas que fez com que convivesse com assédios e problemas de segurança desde cedo. Ao apresentar os jornais, Laís sempre tinha que estar como uma boneca, com o melhor cabelo e maquiagem, seguindo os padrões de beleza e como uma jornalista mulher deveria ser fisicamente para obter sucesso. Hoje, com 75 anos, mora em Brasília e reflete sobre sua trajetória profissional, a convivência com seus colegas de estúdio e a conciliação da vida profissional com a maternidade.

(...) Depoimento a
Pietra Dissenha Hara

Eu era muito jovem e posso dizer, com toda a certeza, que entrei nesse meio por acaso. As coisas iam acontecendo na vida

da gente, era um outro meio profissional, uma outra cidade [Curitiba], praticamente interiorana.

Comecei trabalhando como modelo. Devia ter uns 15, 16 anos. A televisão era muito incipiente ainda em Curitiba. Enquanto trabalhava como vendedora numa loja, o dono dela comprou um horário numa rádio chamada Cruzeiro do Sul e eu comecei a apresentar um programa, lá por volta de 1967. O programa chamava-se Revista Feminina Mazer. Era um programa ao vivo duas vezes por semana, onde a gente interagia com o público, respondendo perguntas dos clientes da loja ao vivo. Era um programa pensado como uma forma de trazer clientes para dentro da loja e dar audiência para o programa. Meu chefe era um excelente comunicador e vendedor, era um judeu que conhecia o comércio como ninguém. E eu comecei assim.

Para ser bem sincera com você, eu não lembro exatamente qual foi o primeiro programa de rádio que eu fiz profissionalmente. Foram muitas as emissoras que trabalhei. Eu não lembro quando foi o começo [do trabalho] no rádio, mas ele permeou por toda a minha vida. Sempre que perguntavam para mim numa ficha a minha profissão eu sempre colocava radialista, porque dentro da comunicação é o que mais me atrai, é o veículo mais fantástico que existe na minha vida. Eu acabei me tornando uma comunicadora com o rádio.

Era sempre programa ao vivo. Eu que praticamente produzia, dirigia. A gente não tinha uma equipe que fizesse isso. Eu nunca fiz faculdade de jornalismo e nem outra faculdade qualquer. A minha faculdade foi a vida e as experiências que eu fui tendo ao longo dela dentro da comunicação.

Dando uma entrevista, em um canal de televisão, fui ficando conhecida e entrei para fazer um telejornal. (...) O rádio veio antes da televisão na minha vida, mas profissionalmente as duas coisas começaram a funcionar concomitantemente. Então, eu fui apresentar um telejornal em 1968, na TV Paranaense, o canal 12, que depois veio a ser a Globo.

Quando eu saí da TV Paranaense, já em 1970, fui convidada a

apresentar o jornal de maior importância jornalística local, o Show de Jornal. Ele passava na televisão do então governador Paulo Pimentel, a *TV Iguaçu*. Foi um jornal antológico. Marcou a vida do jornalismo em Curitiba. Muitos jornalistas participaram dele na época, jornalistas que estão aí até hoje, felizmente. (...) Trabalhei junto com o Adherbal Fortes de Sá Jr., ele era o diretor de televisão, e com o Jamur Júnior, meu colega de bancada.

Quem me levou para o Show de Jornal foi o grande Osni Bermudes, uma das figuras mais importantes na televisão do Paraná. Ele trabalhava na switch, fazendo a direção da TV. Ele operava uma mesa enorme na switch sozinho, amarrando barbantinhos nos dedos para conseguir operar os botões que estavam mais longe. É como se os botões daquela mesa fossem as marionetes dele.

(...)

[Durante o programa], as coisas vinham para gente na hora. A gente lia o script olhando para a câmera e interpretando aquele jornal. Éramos atores, na realidade. Tinha uma abertura onde a gente contava piadas. Eu acredito que o fato mais importante da minha vida, não desmerecendo nenhum deles, foi o Show de Jornal, que foi onde eu amadureci para [entender] o que é o jornalismo, para o bem e para o mal. Foi onde eu aprendi isso, onde eu aprendi avaliar notícias, fatos, o lado social político do país, do meu estado, da minha cidade (...) Eu acho que foi onde eu aprendi a ler a comunicação como jornalista. O jornalista tem que ter uma mente aberta para tudo, né?

Antigamente a gente dizia assim: "O jornalista sabe um pouco de tudo". Hoje ele já tem que saber muito de quase tudo, porque senão ele não se sustenta. E aí você tem que ter esse poder da improvisação, daquilo que você é como pessoa, antes de ser jornalista. Se você não fizer isso com sinceridade, sentindo exatamente o que você está fazendo... Você tem sim que levar aquilo para casa, não dá para você dar uma notícia e simplesmente deixar aquilo no estúdio ou seja lá onde for que você esteja trabalhando.

Eu acredito que a minha carreira inteira, a minha vida inteira

foi muito importante para mim. O que eu penso é que tudo que você faz na tua vida vai formando um “cabedal”, como a gente dizia antigamente. Um currículo de coisas onde você vai formar o profissional que você quer ser. Não dá para ser só a metade. Eu penso que não dá para ter um só fato na nossa vida que vai definir e decidir aquilo porque você é apaixonado pelo que você faz.

(...)

O Show de Jornal tinha uma audiência tão grande que a gente não podia sair na rua mais. Nós parecíamos celebridades. Eu não podia ir mais no salão mesmo que precisasse, já que eu tinha que ir todo o santo dia para fazer cabelo e maquiagem e parecer uma Barbie na tela, mesmo que fosse falar sobre assuntos políticos importantes.

Então, a dona de um salão importante, era de uma uma mulher importante, uma socialite importante, criou um ambiente diferente para que eu pudesse frequentar e me arrumar. As mulheres, na época, mulheres da sociedade, não estavam muito interessadas em assistir telejornal. Mulher assistia show, assistia programa de entretenimento. Quem assistia telejornal eram os homens.

Como o Show de Jornal era visto por 90% da população, aquilo ficou importante aos olhos das mulheres também. Então, na minha impressão, era importante para elas dizerem pros maridos: "Nossa, eu converso com a Laís Mann no salão e eu já sei que hoje vai acontecer tal coisa".

Isso porque eu virei também de uma certa maneira, um fetiche masculino, né? Aparecendo em plano americano, fui “carimbada” como um mito assim meio que sexual, sabe? Os homens me cantavam, porque aquilo tinha esse significado, como talvez até hoje tenha essa sedução pela mulher que senta numa bancada ao lado de um homem e faz um jornalismo tão ou mais eficiente e capaz do que ele, mesmo em estando num lugar de igualdade profissional. E naquela época era raro, porque era uma mulher, era uma apresentadora e vários homens fazendo aquele mesmo jornal.

Eu tinha muita vergonha. Não podia ir numa festa ou num lugar muito público, porque o assédio que eu sofria não era um assédio em cima de uma jornalista, era um assédio em cima de uma menininha bonitinha que fazia uma coisa muito importante. Eu era como se eu fosse uma coisinha meio rara. Eu não era um primor de inteligência, não tinha desenvolvido um desembaraço político para poder me circular nesses meios. Então, eu sempre me sentia muito constrangida e isso foi uma coisa que trouxe problemas para mim a minha vida inteira.

Eu era vista como um “idolozinho”. Não me sentia no meu lugar de direito. Eu sentia que as pessoas me olhavam dessa maneira, mesmo que eles não quisessem demonstrar isso. Então, os homens sempre fizeram questão de me tratar, como se eu fosse um um bibelozinho.

Quem seria essa mulherzinha bonitinha que faz uma coisa inteligente que só homem faz, né?

Logo depois [do início dos trabalhos na *TV Iguaçu*], comecei a trabalhar na *Rádio Iguaçu*. Ali, eu era simplesmente anunciadora de programação. Anunciava as músicas, era uma locutora. Depois que fui para a *Rádio Independência*, que era o primeiro lugar no Ibope. Era a rádio com os melhores programas, o melhor jornalismo, a melhor programação... Era um espetáculo. Tinha o Euclides da Cunha, um grande radialista, e o diretor na época era o Gilberto Fontoura, que era também um dos maiores homens de rádio que eu conheci. Eu tive muita sorte em trabalhar com essas pessoas.

A gente tinha na Independência, que era uma rádio grande, uma equipe. Tinha o repórter policial, tinha o repórter que ia para a rua para ver o que que estava acontecendo. Então, era aquela coisa do veículo, da polícia, do do ouvinte, era um jornalismo muito dinâmico para, inclusive, as condições precárias que a gente tinha na época.

Tudo lá era jornalismo. O programa era o seguinte: a gente tratava do que acontecia na nossa tribo, na nossa cidade. Isso que para mim é muito importante dentro da notícia. Eu quero saber o que acontece no meu bairro, na minha quadra, na minha cidade, né? Então, o jornalismo era isso. Se houve um acidente, se alguém matou, se alguém morreu, o que que aconteceu.

As mulheres que sofriam violência por parte do marido me procuravam. Eu tive uma ouvinte que foi assassinada pelo marido, casos isolados, felizmente, mas que lembro tanto. Claro que tinha música, que a gente tinha que entremear com esse entretenimento, porque o ouvinte precisa disso também. Mas era jornalismo feito dessa maneira.

Quem é radialista gosta do rádio, da notícia, do ouvinte. É isso que nos move a fazer rádio. São as pessoas que gostam do rádio como a gente. Porque as pessoas nos identificam através da nossa voz. Às vezes eu ia trabalhar meio adoentada, meio de mau humor, meio cansada e os ouvintes detectavam isso. Eles diziam: "O que que você tem hoje que a tua vizinha tá diferente"?

Acabava o programa de rádio e chegava o diretor, que era o Gilberto Fontoura. Ele dizia para mim: "O que você falou hoje?" Eu respondia: "Não sei, porquê?". Então, ele dizia: "Não, porque tá cheio de táxi lá na rua, tá tudo alaranjado, eu não sei se estão aqui para brigar, o que que você falou?" Porque eu fazia o programa com o que tinha acontecido comigo no meu dia, né?

Eu gosto de interagir com o público, mas eu gosto do estúdio. Eu nem sei se eu fiz muita matéria na rua, não era a minha vibe. O meu negócio é estúdio mesmo, nem sei.

Como eu era muito novinha e os meus colegas eram mais velhos do que eu, eu tive uma certa proteção, sabe? Era um protecionismo por parte deles. Meus colegas eram mais velhos que eu. Eram homens que já tinham filhos e filhas. E talvez eu tenha sido beneficiada por isso. Eu lembro que, quando eu arrumava um namorado, eles ficavam todos meio que de olho. (...) Eu tive muitos mentores sim, tive muito mais pessoas que me ajudaram do que pessoas que me atrapalharam. Talvez a pessoa que tenha mais me atrapalhado tenha sido eu mesma, mas tive muita ajuda de muita gente de dentro dos jornais, já eu não sabia nem direito o que era jornalismo, porque nunca fiz faculdade.

(...)

Nos lugares onde eu trabalhava, existia o banheiro masculino e feminino. Nós tínhamos condições de trabalho até porque trabalhavam muito poucas mulheres. Então, nosso banheiro era limpo. Às vezes, tinha a locutora e a outra mulher que tinha era a mulher do cafezinho, ou a faxineira.

Mas, na *TV Iguaçu*, o banheiro feminino era no corredor de entrada. Então, era um banheiro que tinha uma ante-sala e alguns box de banheiro. Só que você veja que coisa curiosa: o cafezinho onde os marmanjos todos ficavam o tempo todo era dentro do banheiro feminino. A gente ficava constrangida que a gente entrava para fazer xixi e tava cheio de homem ali tomando café. Óbvio que eles faziam aquilo com a intenção de nos constranger, certo? E eu só fui perceber isso dando uma entrevista muitos anos após o período em que trabalhei lá. Conteí esse fato porque ele me chamava a atenção, e depois que fui me tocar da problemática disso.

(...)

Mas eu sinceramente não tive muito isso [assédio nas redações]. Tive alguns episódios isolados ao longo da minha vida, que a gente tem até hoje e quando você começa a perceber isso de uma forma diferente, é aí que você percebe onde está havendo esse esse preconceito, né? (...) Um dia um colega resolve te dar um beijo de língua, você pensa que ele vai te dar um beijinho de uma noite, ele enfia a língua dentro da tua boca, você diz: "Pô, o que que é isso? Dá licença". E aí ele se constrange e a coisa não volta a ser repetida. Então, óbvio que eu tive esses episódios, tá?

Namorei colega de televisão, casei, mas isso é diferente, é outra coisa. Teve uma cena de um diretor de televisão, em que eu tinha um namorado que me levou na sala dele e disse: "Veja como ela está bonita hoje". Ele disse: "Ah, mas se ela tirar essa roupa eu vou poder avaliar melhor". Eu meio que levei na brincadeira. (...)

Tinha machismo? Evidentemente que tinha, mas se eu for ser bem sincera com você, a gente nem percebia. Era quase tão normalizado e tão natural, talvez, que a gente não percebia muito isso, né? Essa misoginia, esse abuso, o mesmo que a mulher sofre

até hoje, mas que hoje ela tá consciente.

Mas tinham outros casos. Eu tinha um diretor de jornalismo, um grande jornalista, que é o Renato Schaitza. E um dia numa conversa eu disse: "Renato, eu acho que eu ganho menos que os meus colegas". Ele disse: "Como assim? Como você ganha menos?" Eu falei: "Então, porque eu ouvi o que que numa conversa quanto lá que o fulano ganha. Mas eu não ganho isso não, eu ganho um pouquinho só além da metade do que ele ganha. Por quê?" Ele disse: "Não sei te dizer". Ele não usou a palavra machismo, mas ele usou uma palavra nesse sentido e depois disse: "Não, não, isso tá errado e nós vamos corrigir isso imediatamente". E já foi corrigido. Naquele mesmo mês, eu já comecei a receber o mesmo que os meus colegas ganhavam.

Houveram mulheres que me antecederam, tanto quando eu estava lá no no canal 12. Tinha Adalgisa Portugal, que era apresentadora. Ela não fazia telejornal, mas ela fazia propaganda, fazia novela. Tinha algumas mulheres sim, dentro da televisão.

A primeira apresentadora do Show de Jornal foi uma chilena chamada Lota Moncada. Foi ela que foi a primeira precursora do do de uma forma diferente de se apresentar o jornal. Depois teve a Hortência Tayer, que era uma mulher linda. Hortência veio do meio acadêmico, veio de uma formação em jornalismo. Os diretores queriam pessoas que fizessem jornalismo, fossem jornalistas, mas isso era só com as mulheres que ele queria, porque os homens, inclusive a maioria deles, eram advogados, não eram formados em jornalismo.

(...)

Também teve uma Miss Paraná, que foi a Deuzi Captain. Eu acho interessante falar sobre isso, porque a mulher tinha que ser bonita [para ser apresentadora]. Ela não podia ser só uma grande jornalista. Não é que não podia, mas não interessava muito. Se você não é bonita, não importava que você fosse a maior, expert em comunicação, você tinha que ser bonita.

Aliás, até hoje, se você perceber (...) Agora me parece que tá começando a acabar isso, mas os os os homens apresentadores, os âncoras de jornal, podem ser velhos, ter cabelos brancos, rugas. Agora que as mulheres estão começando a aceitar esses cabelos brancos, estão impondo isso, aliás .E isso é fantástico, porque eu sempre me sentia muito mal de ver os jornalistas homens podendo ser velhos e as mulheres tendo que ser jovens. Por quê? Né? Vamos demorar um pouco, um pouco ainda, eu acredito, mas já tenho visto isso.

Tive meus filhos trabalhando nos veículos de comunicação. Tenho quatro, cada um deles é filho de um veículo [risos]. (...) Foi bem difícil. Acho que esse é um lado da minha vida que eu nunca consegui resolver. Eu preservei tanto meus filhos, mantinha eles tão afastados de tudo, que isso também me trouxe uma vivência de muito afastamento dos meus filhos, né? Isso é uma coisa que eu tenho muita tristeza.

Quando eu estava grávida, tive que fazer uma cerclagem com 4 meses e meio, então eu ficava internada no no hospital, era um inferno.(...) Para manter o meu nome na na cabeça dos ouvintes, o Gilberto Fontoura fazia ao vivo do hospital, com concurso para adivinhar o sexo do bebê e qual seria o nome dele, com os patrocinadores dando relógio de ouro para os concursos [risos].

E quando eu fazia aquele programa na Independência, levava meus três filhos pequenos para o estúdio. O mais novo era pequenininho, ele nasceu prematuro de sete meses e meio. (...) Mas o meu programa de rádio ocupava o primeiro lugar de audiência na Independência, era um absurdo. Colocava ele no carrinho, tirava ele do carrinho e amamentava falando no microfone. Aí, fazia sinal para o contra-regra, ele chamava o comercial para eu poder fazer o pequeno arrotar...

(...)

Eu tive muitos problemas nessa época, porque exatamente quando esse meu terceiro filho nasceu, foi quando eu me separei

do meu ex-marido. Então, eu levava meu bebê para a rádio. Como eu disse, ele mamava, e daí quando ele fazia cocô, entrava um colega meu no estúdio para fazer o programa seguinte e ele dizia: "Meu Deus, que cheiro de merda nesse estúdio". Ele dizia: "Não, não é merda, é cocô, do neném, ele fez cocô, mas eu já vou trocar a fralda". Tinham alguns [colegas] que tiravam o bebê do estúdio e que chegavam a trocar a fralda dele.

No dia que eu fui assinar o meu disquete, eu fui demitida. Porque a audiência com o juiz era bem na hora do meu programa, e eu não podia faltar. Quando eu cheguei na rádio, o próprio Gilberto Fontoura, disse para mim: "Eu não posso mais segurar você. Eu tô te demitindo, amanhã não precisa para você vir". Então eu não tinha nem tempo de me despedir dos meus ouvintes.

(...)

É muito difícil ser mãe e ser profissional. Eu acredito que seja muito difícil em qualquer área. E eu fiz isso tendo quatro filhos. Também é difícil você dizer: "Cara, não tenha tanto filho ou não seja tão profissional". Eu não sei qual seria, hoje, a dosagem que a mulher deveria ter.

A mudança na mulher foi muito grande nesses últimos 40 anos, talvez 30 mais marcantes. A mulher vem evoluindo e conquistando coisas, mas ela está se sobrecarregando cada dia mais. Ela acha que ela está se tornando independente, mas ela está pegando mais coisas para o controle dela. Eu não sei como é que a mulher consegue dar conta.

Eu tive muita ajuda da minha mãe, muita ajuda. Se não fosse a minha mãe, eu não teria conseguido. E hoje eu me arrependo muito de ter sobrecarregado tanto a minha mãe. Quando eu tive o meu primeiro filho, eu tinha 23 anos e a minha mãe tinha 43 anos, ela era 20 anos mais velha do que eu. Então, com 43 anos, a minha mãe passou a viver uma vida de avó, como se ela se anulasse como mulher aos 43 anos. (...) Eu sacrifiquei a vida de uma outra mulher para que eu pudesse atender as necessidades da minha vida. Eu tinha dinheiro para pagar uma babá, tinha dinheiro para pagar uma enfermeira quando os nenês nasciam, só

que isso não basta. Isso não chega. Isso é muito pouco, e a carga que você traz de culpa e de frustração é muito grande.

Até hoje tenho um problema seríssimo em relação à vida que eu tive com os meus filhos. Se eu pudesse hoje, voltaria atrás e faria talvez diferente, eu não sei. Mas isso é bobagem o que eu estou dizendo, porque isso não vai acontecer. Mas o que eu quero dizer para você é o seguinte, eu restou uma culpa muito grande.

Hoje meu filho mais velho tem 51 anos e às vezes eu tenho vontade de pegar ele, deitar ele no meu colo e fazer ele dormir. Porque eu não tive como fazer isso quando ele era bebê tantas vezes como eu gostaria de ter feito. E pior que hoje eu nem lembro se eu fiz minimamente o suficiente disso. Sabe como é que é? Então é muito frustrante.

[Houve mudanças na estrutura do jornalismo ?] Sim. Não tão tão evidente, né? A gente foca tanto na gente e na vida da gente é tão atribulada que não tem tempo de se atentar para isso. Mas quando eu percebi isso, foi muito forte. E aí causava um estranhamento, inclusive na gente, sobre a mulher que estivesse nessa posição de liderança. (...) Eu fiquei muito assustada com as mulheres a partir do momento em que elas assumiram esses cargos de liderança, porque virou outro extremo. Como ela não tinha uma referência feminina, ela se viu nos modelos masculinos. E daí eu vi a mulher assumindo atitudes que pareciam mais atitudes de homens do que de mulheres.

Eu acredito que hoje, de uns 15 anos para cá, talvez, a mulher esteja sabendo agir por ela, como uma mulher age, porque é muito diferente a atitude de uma mulher e de um homem diante de um mesmo problema, de um mesmo foco. Eles agem diferente por razões óbvias, né? Então, eu acredito que hoje ela está plena. Eu espero que ela esteja ficando plena com ela mesma, dentro do que ela executa como uma profissional, que ela se dá tão bem, que ela mostra a competência que ela realmente tem e sempre teve.

(...)

Demorei muito para me reconhecer como pessoa, porque a gente vivia atrás de um modelo, do que é ser uma mulher que vai deixar todo mundo bem, que todo mundo tem que gostar de mim, que eu tenho que ser bonita para todo mundo. As pessoas tem que me amar, eu tenho que ser interessante, porque senão não vou ser aceita. Não posso sair na rua como eu quero, aí vou sair, mas eu tenho que passar o rímel no meu olho e tem que passar a base na minha cara e não sei que lá.

É muito difícil, sabe? Eu acho que isso para mim foi muito difícil. Eu venho de uma infância pobre, humilde, não estudei conscientemente. Não tive academia para me dizer que estava certo, errado, se tem nota, não tem nota, reprova, aprova. (....) Então eu sempre tive um foco voltado para tentar ser bacana, para agradar as pessoas, para ser aceita, sabe?

Eu achava que eu tinha que ser uma coisa perfeitinha, bonitinha, legal, para que as pessoas me aceitassem, para que eu pudesse estar desenvolvendo alguma coisa. E no fundamental, a gente vê que não é isso, né? Mas era esse modelo que a gente tinha, sabe?

Senta assim, senta assado, faz aulinha, porque quando a minha mãe viu que ela tinha três filhas mulheres, que a gente era pobre, que não tinha condições para fazer muita coisa, então ela nos colocou numa aula de etiqueta, que foi quando eu fui ser modelo, com 14 anos de idade. Para aprender a sentar com a perninha fechadinha, a menina não abre a perna. E aí você cresce debaixo daquilo ali, sabe?

Eu acredito que a mulher está trazendo [novidades] para o jornalismo e vai trazer sempre. Porque nós estamos em mutação. A própria mulher revê os valores dela.

Acho que o que a mulher está trazendo para o jornalismo essa visão que a gente não tinha muita coragem de assumir, porque a gente não sabia muito bem onde é que ela estava, que é essa coragem para ser criticada, contrariada, levar o pé na bunda, mas sair dali com dignidade para dizer: "Não, eu fiz aquilo e vou continuar fazendo, porque assim que tem que acontecer".

Eu nem quero falar que a mulher tá trazendo a emoção. Eu acho que ela tá trazendo para o jornalismo uma palavra que me

veio agora na cabeça que se chama coragem. Acho que ela está trazendo essa coragem feminina de defender o ponto de vista e a visão que ela tem, que ela forma a respeito daquilo que ela está assistindo, sabe? Do mundo. Acho que é essa coragem de ser.

VANIA MARA WELTE: DE ESTAGIÁRIA DE DIAGRAMAÇÃO A GANHADORA DO PRÊMIO ESSO

A trajetória da jornalista Vania Mara Welte é marcada pela combatividade e pioneirismo no Paraná. Inspirada pela italiana Oriana Fallaci e utilizando a palavra como sua arma, resolveu adentrar nas redações por seu amor pela escrita. Iniciou sua carreira como estagiária do jornal *Estado do Paraná*, onde exigiu o mesmo salário que os homens desde o primeiro dia no espaço, tornando-se a primeira mulher a trabalhar dentro dessa redação. Após altos e baixos na profissão, sua investigação do Caso Evandro, onde defendeu a inocência dos envolvidos, rendeu-lhe o Prêmio Esso de Jornalismo da região Sul, em 1996.

(...) Depoimento a
Pietra Dissenha Hara

Eu nasci em 1944, final da Segunda Guerra Mundial. Quando era criança, meu pai tinha um rádio galena. Ele ouvia a Oriana Fallaci e eu achava que eu entendia tudo. O que eu não entendia, ele me explicava. Achava o máximo. Pensava “nossa, essa mulher fala com presidente, vai na guerra, mostra a guerra, ela não tem medo de nada”.

Um dia, meu pai perguntou: "O que você vai ser quando crescer?". Eu falei: "Essa mulher aí". Eu ia ser a Oriana Fallaci.

Eu achava que ela era uma pessoa que ajudava as pessoas, que mostrava o mundo e que tinha coragem e ousadia. Eu queria tudo isso – e ainda escrever. Para mim, a palavra tem um significado muito próprio. A palavra se veste de sentimentos e robustez, mas fica quietinha, minúscula, se for preciso.

Tudo isso me levava para o jornalismo. Eu queria fazer alguma coisa de bom para a comunidade, e achava que o jornalismo era a minha ferramenta. E a minha arma era a palavra.

Meu pai, quando eu era pequena, não falava nada. Mas quando me viu moça, dizia: "Não, de jeito algum. Filha minha não vai ficar em um local onde só tem bêbado, onde só tem gente que fala piadinhas". Ele achava que era uma coisa não adequada à filhinha dele. (...) Mesmo assim, na primeira oportunidade, fui para as redações.

Quem me deu [a primeira] oportunidade foi o Mussa José de Assis. Eu entrei na faculdade [Universidade Católica do Paraná] para aproveitar o máximo que eu pudesse de todo o conhecimento. E o Mussa, quando foi lá, disse para gente que quem aprendesse melhor o que ele estava ensinando, iria ganhar um estágio no jornal *Estado do Paraná*. Aí, eu dei o máximo de mim.

Ele falou que isso seria no final daquele ano. Dois meses depois, ele disse assim: "Ah, eu disse que ia dar oportunidade no fim do ano para quem aprendesse melhor, mas eu acho que não preciso disso. Eu já sei quem aprendeu e quem aprende melhor. E é essa pessoa que vai agora para o estágio". Pensei "sou eu, sou eu, sou eu" até ele falar "É a Vania".

Daí eu falei: "Quando é que eu posso começar a trabalhar?". Ele respondeu "Hoje. Você liga para o seu pai lá na redação e nós resolvemos isso". "E que horas que eu vou trabalhar lá?" "Quando você terminar a aula". [A Católica] Era na Rua XV, e o jornal era na rua Barão [do Rio Branco].

Quando terminou a aula, fui a pé até a redação e ele foi

conversar comigo. Ele disse o que pretendia de mim e perguntou: "E você, o que você pretende?". Aí, eu falei assim: "Eu pretendo ganhar igual aos homens".

Daí, ele falou assim: "Mas você vai fazer um estágio. Estágio não é remunerado". Eu falei assim: "Mas eu preciso ser remunerada. Como que eu vou vir aqui, gastar mais em ônibus para vir, para voltar, ficar sem comer até de noite, se for preciso, e eu não vou ganhar nada? Claro que eu tenho que ganhar". Daí ele falou: "Tá bom. E quanto você quer ganhar?". "Igual aos homens". Desde então, ele me pagou o salário igual ao dos homens.

No meu segundo dia, apareci na sala do Mussa de novo. Ele perguntou se ele tinha esquecido algo e eu disse que tínhamos esquecido, então ele me perguntou o que era. "Olha, Mussa, desculpa, mas eu também faço xixi. Onde que eu vou fazer isso?" Não havia banheiro para mulheres na redação. A Teresinha não trabalhava lá. Ela trabalhava na rua, então não tinha esse problema.

"Meu Deus do céu, é mesmo. E agora?". E eu respondi: "Não sei, o problema é seu". Daí ele ligou pro João Féder [criador da *Tribuna do Paraná*] e disse que havia um problema na redação. "Onde a Vania vai fazer xixi?". (...) Ele se ligou disso no mesmo instante.

O Féder resolveu que, a partir daquele momento, eu poderia pegar a chave do banheiro reservado dele com a secretária da redação. "Na hora que ela precisar do banheiro, ela liga para a secretária, pega a chave e vai".

Tudo bem, aceito, combinado. (...) Mas eu continuava segurando, até quando não desse mais, para evitar escutar as gracinhas. Era só eu ligar para a secretária que todo mundo dizia "Hum, lá vai ela".

E eu tinha que ser rápida, né? Se não, ia morrer de vergonha. A gente tem vergonha dessas coisas, não deveria ser, mas tem. Aí passou a ser um xixi anunciado.

Não havia espaço para mulher na redação. Não tinha lugar para mulher ficar, não tinha banheiro. Mas esse foi o machismo que eu senti, nada além disso.

(...)

Meu estágio foi na diagramação, mas eu queria escrever. (...) Ele precisava de um diagramador, daí eu fui fazer diagramação. Tudo bem, não importa o que dava para fazer, eu já estava lá dentro. E daí eu ficava atenta a todos os jornalistas que trabalhavam ali: o [Francisco] Camargo, os jornalistas da área política... Também ficava atenta à Terezinha Cardoso, que fazia jornalismo policial e era estudante como eu. Ela foi a primeira mulher a trabalhar [no *Estado do Paraná*], mas não dentro da redação. Ela trabalhava lá fora. Eu fui a primeira a trabalhar dentro.

Quando eu tinha espaço, dizia: "Mussa, vou sair com a Terezinha". Ele dizia "vá", então eu saía. A gente fazia matéria policial e eu via o que faziam com a Terezinha. Eles tratavam ela muito mal, assim como se ela fosse um homem. E comigo era assim também, indiferente. Era aquela coisa que você finge que não vê, para não se incomodar, nem criar problemas. Mas a Terezinha e eu fizemos boas matérias, passamos por momentos de pavor também, porque correr atrás de bandido na cidade não é fácil, né?

Quando chegavam pessoas para dar entrevista que não tinha jornalista para fazer a matéria, o Mussa me chamava. "Vai lá, faz a entrevista com ele". "Quem é ele? Onde que eu vou?". Tinha que correr atrás, o que que era, o que que ele fazia. E no fim saíam matérias legais.

(...)

Eu chegava, saía da faculdade às seis horas [da tarde], e ia direto para lá. De vez em quando tinha batida policial na rua e tinham moças que trabalhavam durante a noite na região. Elas se socorriam no jornal. (...) Se escondiam lá, entravam correndo e ficavam escondidas. E nós não falávamos nada. A Polícia entrava, procurava e não via.

Daí, nesse meio tempo, eu cansei daquilo, não era o que eu queria. Não queria ficar fazendo diagramação a vida inteira, eu queria fazer matéria. Queria trabalhar no texto. Então, eu acabei

indo embora, fui embora para São Paulo. Deixei minha prima no meu lugar. Terminei a faculdade e fui embora.

Em São Paulo eu não podia [trabalhar], porque eu ganhei um bebê. Daí não me quiseram. Eu fiquei um tempo sem carteira assinada, só trabalhava fazendo freela, mas nada especial.

(...)

Quando eu voltei de São Paulo, entrei de cabeça. Eu tentei fazer matérias no jornal *Estado do Paraná*, fiz algumas reportagens de pesquisa, mas sem ganhar um centavo. Eu ia lá e trabalhava para eles porque eu queria fazer alguma coisa, e eles não estavam me contratando. E não iam contratar uma pessoa que não tinha experiência. Isso com meu filho pequeno ainda.

Daí quando eu voltei, pensei: "Eu tenho que arranjar um trabalho de verdade em jornalismo". Daí eu soube que na Secretaria da Saúde estavam precisando de um jornalista. Daí eu cheguei lá, fiz um currículo, levei, mostrei. O chefe olhou e falou assim: "Muito bom, mas depois eu vejo. Vem aqui amanhã". (...) Eu fui todos os dias, uns 60 dias, e ficava sentada ali esperando ele. O Zeca [Corrêa Leite] estava lá. Ele dizia assim: "Vania, eu não acreditava que você estava lá de novo". "Eu estava, pois ele disse que ele ia me dar o trabalho".

Eu queria o trabalho. Até que um dia ele me contratou. Daí quando ele me contratou, ele falou assim: "Pena que eu não contratei há mais tempo".

Foi aí que deslanchei. Dava o meu melhor. Lá na assessoria tinham outras mulheres bem boas. Por exemplo, uma delas tinha um texto bem bom. Mas, toda vez que ela fazia um texto, o nosso chefe pegava, lia uns trechos e dizia "Olha o que eu faço com esse texto", pondo o material no lixo. E ela chorava, chorava, chorava... Eu tinha vontade de ir e sentar a mão na cara dele.

Um dia, cheguei para ela e falei assim: "Não ligue. Você vê como ele fala do meu texto, como ele diz que é maravilhoso. Eu vou te provar que ele está mentindo". Daí ela falou: "Como?".

Falei: "Pede para ele mandar você fazer alguma coisa". Daí ele mandou ela fazer um texto e saiu. Quando ele saiu, eu falei: "Dá aqui o teu, eu vou fazer". Daí fiz tudo para ela, dei para ela e falei: "Põe na tua máquina". Quando ele chegou, ela tirou da máquina e falou: "Tá aqui". Ele leu e falou assim: "Ó, o que eu faço com o teu texto" e fez a mesma coisa de sempre. Daí ela melhorou, nunca mais sofreu.

Fiquei um trabalho prazeroso [na Secretaria da Saúde], e depois fui para o Palácio [Iguaçu]. (...) Fui para lá porque o Ney Braga perguntou se eu podia ajudar já que ele gostava do meu texto. Ele queria que eu fosse ajudar a mulher, a filha e o genro dele. O genro era o secretário da saúde, Oscar Alves. A Silvia era a mulher do secretário e a mulher dele, dona Nice Braga, cuidava do Provopar. Então eu fui.

Aprendi muito sobre saúde pública com o Oscar Alves. (...) Ele tinha voltado dos Estados Unidos, onde havia feito um doutorado em doenças como a meningite, e então fez um trabalho que mudou todo o modo de tratar [doenças] aqui no Brasil. Ele instituiu a vacinação em massa, que não existia. Fez isso contra poliomielite, sarampo, todas as doenças.

(...)

Para fazer a mudança dentro da área de saúde, o Oscar chamou todo mundo que trabalhava na saúde pública e deu um curso para as pessoas. Entrava a faxineira, o motorista, todo mundo tinha que fazer aquele curso. Os jornalistas, os médicos, os enfermeiros. (...) Ele explicou, no curso de cerca de um mês, que a área de saúde é um fio único. Se você está fazendo a comida suja, você infecta todo mundo. Se eu estou limpando a casa e deixo uma coisa suja, eu infecto.

Tudo que ele fez aqui hoje é aplicado no país inteiro.

Só que ele era durão. As pessoas achavam que ele era irritante, metido. Um dia ele me chamou no gabinete para falar de uma matéria. E eu falei para ele sobre a matéria e ele começou a berrar

comigo. E o Zeca [Corrêa Leite] estava ali. E eu falei assim: "Quem não está entendendo é o senhor". Daí ele: "Não grite comigo". "Então não grite comigo". Daí ele parou, ficou olhando assim para mim. Daí eu falei assim: "Quer que eu explique direitinho para o senhor? Eu explico". Daí ele falou assim: "Tente". Daí eu expliquei de novo, daí ele entendeu. Ele não estava entendendo o que eu estava falando. Daí ele falou assim: "Tá, agora sai da minha sala". Eu falei assim: "Com o maior prazer". E o Zeca me cutucava: "Não grita, não responde". "Quem não responde? Tenho que gritar sim".

No dia seguinte, alguém, ou o Zeca ou eu, teria que ir com ele para Cascavel. Daí, quando a gente saiu, ele mandou me chamar de novo. Daí eu fui lá e ele falou assim: "Gostei do teu jeito. Você diz o que você acha que tem que dizer. Eu quero você amanhã na viagem". A partir daí, sempre viajava com ele. Adorei trabalhar com ele, porque eu aprendi muito.

Quando mudou o governo, o Alves saiu. Um outro homem entrou para ser o nosso chefe, mas ele era uma pessoa que dedurou jornalistas na época da Ditadura e fez com que colegas nossos fossem torturados e presos. E eu sabia disso. (...) Quando colocaram ele como chefe da gente, eu falei que eu queria ir embora. "Não trabalho com delator, não quero saber de você. Imagine ser subordinada a um delator".

Daí ele falou assim: "Ah, o que que você pode fazer contra mim?". Eu olhei do meu lado e tinha um grampeador. Então falei que podia atirar o grampeador na cara dele, e ele falou assim: "Atira". Eu peguei e atirei.

Ele se afastou e falou "Agora você vai embora", e eu disse "Sim, com o maior prazer", e saí. (...) No mesmo dia, já havia sido contratada novamente.

Depois disso, meu marido conseguiu uma proposta de emprego no Rio de Janeiro e eu consegui uma transferência para

lá. Fiquei no Rio um tempão. Trabalhando lá eu aprendi muitas coisas. Principalmente a lidar com TV.

Eu já tinha trabalhado em TV aqui, fui diretora de Jornalismo da *TV OM*. O fundador da *TV OM*, o José Carlos Martinez, dizia assim: "Vânia, eu quero que você desbanque a Rede Globo". [risos] E assim eu fiz.

Chamei todo mundo, montamos um trabalho. Nós fizemos um jornal-revista. Na segunda-feira, a gente mostrava um bairro, dissecava ele. Nas terças-feiras, a gente fazia um debate. Sempre com grandes nomes. Era Jaime Lerner para debater com o Roberto Requião. (...) As conversas dos dois eram sempre muito boas.

Na quinta-feira a gente fazia a mudança dos espetáculos. O cinema mudava tudo toda semana. E na sexta-feira a gente fazia os roteiros do que fazer no final de semana para os diferentes bolsos.

(...)

Tinha tanta audiência que a gente pautava os jornais. Tudo que a gente fazia, pautava o jornal. E daí quando eu ia embora para o Rio, ele [Martinez] falou assim: "Eu tenho uma dívida de gratidão muito grande com você, porque você ganhou da Rede Globo". Aí ele fez um jantar de despedida.

Tudo isso foi antes de eu ir para o Rio. A Secretaria da Saúde era concomitante, porque você trabalhava meio período em cada lugar.

Daí eu fui embora para o Rio e fiquei trabalhando lá. Eu deixei de trabalhar na *TV OM* para trabalhar na TV do Rio TVE, mas pelo trabalho do governo. Fui emprestada. Daí quando fecharam o escritório, tive que voltar.

Voltei e fiquei trabalhando aqui. (...) Então o João [marido] começou a ficar muito doente.

Estávamos na era Collor. Ele fez a gente perder tudo. O João perdeu todo o dinheiro que tinha, e não conseguimos superar

isso. Ele ficou mais doente e não tínhamos mais dinheiro. Vendemos as casas, vendemos tudo. (...) Então eu tinha que trabalhar, porque eu não podia dizer para o João "vá você trabalhar". Ele estava doente.

Então, comecei a ter cinco trabalhos. Trabalhava de manhã até de madrugada.

Daí eu fui trabalhar no jornal Hora H, porque não queria deixar o meu jornalismo de lado. A primeira matéria que eu fiz descobri que tinha um homem e uma mulher dentro de um túmulo ali, que era da Maria Bueno. E eles estavam obrigando as pessoas a deixarem dinheiro ali para eles. Descobri tudo sobre aquilo, era tudo uma tramóia deles. E daí eu fiz a matéria mostrando: "Em nome da Maria Bueno, você está sendo roubado". O Cícero Cattani [fundador do Hora H] adorou, vendeu o jornal para caramba.

Um dia eu sei que ele [Cícero] falou assim: "E agora? Qual que você vai fazer? Que tal falar sobre o caso Evandro?". Eu falei: "Eu não, você tá ficando louco. Vou fazer uma matéria sobre gente que bebe sangue de criancinha, mata criancinha? Não, uma energia muito negativa, eu não vou fazer um negócio desse". (...) O Cícero perguntou se eu já tinha lido sobre o caso e eu disse que não, então comentou que eu estava sendo preconceituosa. Foi um tapa na minha cara.

Saí da redação, fui para biblioteca e comecei a ler tudo sobre o caso. Eu não tinha lido nada, era tão nojento.](...) Levei um caderninho e comecei a anotar as questões contraditórias e a perceber alguns furos no caso.

Tentei falar com a família envolvida, com os Abagge e com os outros. Ninguém queria nem me ver pintada de ouro. Só depois de eu comentar que queria fazer uma matéria falando que eles eram inocentes que eles ficaram encantados com a ideia e falaram comigo.

Então eu comecei a fazer as matérias e ganhei o Prêmio Esso. Foi um momento.

(...)

Na mesma época, eu também trabalhava como assessora do Jaime Lerner. Quando ele soube da premiação, ligou para mim do gabinete: "Vânia, é verdade que você foi chamada para ir para o Rio, porque você está selecionada para ganhar o prêmio Esso?". Eu falei: "É, Governador, é verdade". Ele falou assim: "Filha, quer que eu pague a sua passagem, o seu hotel?". Eu falei: "Não, Governador, eles dão a passagem, dão a estada".

Fui para o Rio com duas colegas. Chegamos lá e fomos para um hotel maravilhoso, depois para a premiação.

Para dizer quem tinha ganhado, eles apagaram as luzes. Então veio o "Para Vania Mara Welte. Primeiro lugar do prêmio de jornalismo da regional Sul".

Eu fiquei parada, sentada. As meninas batiam na minha perna: "Vania, é você!". Eu lembro até hoje de ir andando até o palco com as luzes me acompanhando. Foi muito legal.

(...)

Mas o trabalho não parava. No dia seguinte, eu tinha que cobrir uma matéria com o Lerner no interior. Saímos no domingo de lá, pegamos o carro e seguimos viagem. Fomos buscar o Lerner no aeroporto [de Curitiba].

Foi o Lerner descer do avião que ele começou a perguntar. "E então? E então?". E eu comecei a pensar se não tinha esquecido de algo que deveria ter feito para ele.

Daí, eu falei: "Ai, governador, desculpa, eu não sei o que que eu tinha que fazer para o senhor. O que que era?". "Eu só tô perguntando se você ganhou". Aí eu falei: "Ah, ganhei, sim, ganhei!". [risos] Ele veio correndo, deu um pulo no ar e disse que era um governador muito feliz porque era o único do país que tinha uma assessora de imprensa ganhadora do Esso na redação".

ELVIRA ALEGRE: A LONDRINENSE E ÚNICA FOTÓGRAFA DO VELÓRIO DE VLADIMIR HERZOG

Criada numa família tradicional de classe média de Londrina, Elvira Alegre sempre estudou em colégio particulares tradicionais, sendo uma aluna encenqueira, mas que tirava ótimas notas. Filha única, estudava para o vestibular de medicina e vivia em uma redoma – até conhecer uma equipe de jornalistas progressistas convidados a criarem o *Jornal Panorama*. Desde o primeiro contato, se apaixonou pela fotografia, começando a conhecer uma outra realidade da sua cidade. Com seu espírito rebelde, se jogou de braços abertos para São Paulo, vivenciou a censura da Ditadura Militar e é a autora das únicas fotos tiradas do velório do jornalista Vladimir Herzog – tudo isso com apenas 19 anos.

(...) Depoimento à
Pietra Dissenha Hara

Comecei muito cedo e foi meio que sem querer mesmo. Eu tinha 18 anos, era o segundo semestre de 1974. Estava me preparando, fazendo o terceiro ano [do Ensino Médio], para fazer medicina. Eu era uma ótima [aluna], eu era muito mal

comportada, fui expulsa cinco vezes do colégio, mas era uma aluna que tirava só nota boa [risos].

Num dia de aula, uma amiga falou: "Olha, vão montar um jornal novo em Londrina e estão oferecendo estágio ali na Rua Pio XII. O pessoal que faz o primeiro ano de comunicação da UEL está trabalhando lá. Passa lá, vai lá ver se você gosta". E eu acabei indo.

Naquela tarde eu fui e comecei a frequentar aquela casa, que era uma sucursal da, na época, TV Coroados. O Paulo Pimentel, que era o governador, tinha TVs. Aqui [em Londrina] chamava-se TV Coroados. E ele queria abrir um jornal. Ele já estava construindo um prédio ali na Avenida Tiradentes para abrir esse jornal. (...) Naquele estágio, começou a nascer uma turma da onde saíam pessoas que iriam para esse jornal. Era um núcleozinho que o Mauro Ticianelli coordenava. E eu comecei a sair com aquela turma para fazer reportagem para TV.

Numa dessas, fui convidada a ir conhecer o prédio que estava sendo construído para o jornal, que iria se chamar *Jornal Panorama*. (...) Então eu fui conhecer as pessoas que estavam montando a redação dele, ainda na garagem desse novo prédio, ainda em construção. Lá, eu conheci o fotógrafo que estava montando o departamento fotográfico, chamado Cachimbo, e o Negativo, que era um outro fotógrafo que estava montando a parte técnica, o laboratório. (...) Comecei a me interessar por aquela linguagem ali.

Papo vai, papo vem, chegou um jornalista, o Délio César. Ele tinha trabalhado na *Última Hora* em São Paulo e conhecia os grandes jornalistas da época de lá. Esses conhecidos eram aqueles jornalistas que tinham montado a revista Realidade, a revista Veja, Jornal da Tarde, Placar... Tinha acontecido algumas demissões da editora Abril e esse pessoal estava meio que solto. Eles faziam um jornal chamado Ex. Chamava Ex porque todo mundo que trabalhava lá era ex-alguma coisa: ex-Realidade, ex-Folha de São Paulo, ex-Jornal da Tarde...

Como Délio César conhecia todo esse pessoal, ele começou a convidá-los para montar o *Jornal Panorama*. Eu comecei a ficar muito entusiasmada com os nomes que eu via que estavam sendo convidados. Falava: "Gente, mas é aquele repórter da Realidade,

ele vai vir". Nisso, comecei a frequentar lá [a redação]. Ao mesmo tempo, eu tinha que fazer inscrição para medicina, mas comecei a ficar envolvida ali no jornal. Por isso eu fui lá e fiz inscrição para [o curso de] Comunicação.

E eu fiz isso tudo escondido dos meus pais. Eu sou filha única. Meu pai achando que eu estava estudando para fazer medicina e eu já estava partindo para uma outra realidade.

(...)

Depois de um tempo, chegou o Jorge Bordokan, que era esse jornalista de São Paulo que veio para montar a redação do *Panorama*. Ele quis conversar com a meninada [estagiários] para ver o que cada um queria fazer. (...) Como eu estava frequentando o laboratório, falei: "Olha, eu quero ser repórter fotográfica". Ele falou: "Olha, que bom, você tem sorte. Chegaram oito equipamentos novos, as oito Pentax". (...) Eles queriam contratar oito fotógrafos, e já tinham sete nomes.

Então, o Bordokan falou assim: "Eu vou fazer um teste com você então. Passa lá no laboratório, pede para o Cachimbo, ele vai te dar uma máquina". O Cachimbo me deu uma máquina fotográfica, não dos equipamentos novos, com dois filmes. Ele falou: "Vai para a cidade e faz lá umas fotos". Eu fui para o centro de Londrina, fiz umas fotos. Voltei, eles revelaram os filmes. O Cachimbo deu uma olhada no contato, mandou para o Bordokan, que viu umas cinco fotos e falou: "Você é ótima, eu vou te contratar".

E foi assim que eu comecei, fazendo estágio lá. Ele falou: "Olha, o oitavo equipamento é seu". Fui lá, peguei o equipamento, aprendi a mexer naquela Pentax SP2, mecânica. Foi com ela, com uma lente 50 [milímetros] e uma tele fixa 200 milímetros. A gente não usava flash porque trabalhava com filme 36 preto e branco Tri-X, que é um filme que dá muito recurso até hoje.

(...)

Começamos a trabalhar na redação do *Panorama* em outubro

de 1974. A gente saía para a rua e fazia reuniões de pauta com aqueles jornalistas maravilhosos que eram da Realidade: o Narciso Kalili, Mylton Severiano da Silva e o José Trajano. Era esse pessoal quente, os melhores da época mesmo. A gente trabalhava como se o jornal estivesse na banca. Tínhamos as pautas e saíamos na rua para fotografar. As rotativas estavam sendo testadas, o jornal estava se moldando. Eram feitos aqueles "números zeros". A gente ficava lá até de madrugada para ver sair da rotativa. Aquela coisa maravilhosa. Sabe o que é ver um jornal rodando na rotativa e depois sair aquela página com uma foto que você fez? Aquilo era muito empolgante. Fora que era um contato com um pessoal que veio de São Paulo que tinha uma outra cabeça. O mundo começou a se abrir.

(...)

O jornal mesmo iria para a banca só no dia 1º de março de 1975. E até lá nós ficamos trabalhando como se o jornal fosse diário.

Em janeiro de 75, um pouco antes da minha faculdade começar, eu fiz duas matérias grandes com uma jornalista que veio de São Paulo chamada Norma Freire para ser feito o número 1 do *Jornal Panorama*. Uma delas chamava-se "A Mulher no Norte do Paraná".

Eu fazia treino do Londrina [Esporte Clube]. Fotografava no Vitorino Gonçalves Dias, o VGD [estádio do time] (...) uma menina de 18 anos, entrava para fotografar o treino do time de futebol. Era uma coisa impressionante, porque nunca ninguém tinha visto uma mulher entrando no campo. Não era na arquibancada, não. Eu entrava no campo para fotografar o treino. Você imagina, o que eu escutava... era uma loucura. Porque era uma novidade e eu era uma menina. Era muito raro.

Fiz matérias em lugares que nunca uma mulher tinha ousado fazer. E isso tudo escondido do meu pai, tá? Meu pai não sabia. [risos]

(...)

Meu pai foi saber que eu estava fazendo isso numa outra situação. Fui cumprir uma pauta, que está nesse número 1 do *Jornal Panorama*, sobre as sessões da Câmara de Vereadores de Londrina, que naquela época eram à noite. (...) Eu estava fazendo as fotos, mas meu pai é um homem muito conhecido e um dos vereadores era muito amigo do meu pai.

Uns dois dias depois, meu pai chegou muito bravo em casa perguntando o que eu estava fazendo em uma sessão da Câmara à noite, sendo que eu disse que estava estudando para o vestibular de medicina na casa de uma amiga. Aí, eu fiquei sabendo logo que esse vereador se encontrou com ele e falou que tinha me encontrado lá. Meu pai ficou muito bravo.

Então, eu contei para ele que todas as vezes que eu falava para ele que ia estudar, eu não estava estudando não, mas que eu estava fazendo um estágio no jornal que seria lançado em março [de 1975]. Também falei que não queria fazer medicina, mas faria comunicação. (...) E eu acabei passando no vestibular, então iria começar a faculdade.

Meus pais aceitaram porque sou de uma geração rebelde e já tinha um histórico rebelde. Essa história de estudar em colégio de freira e ser expulsa. [risos] O grande problema é que eles diziam que eu era uma liderança, mas ao mesmo tempo eu era uma ótima aluna em nota. Então, meus pais estranharam, mas eles aceitaram. Eu já tinha uma outra forma de pensar.

Eu estava fazendo uma coisa que ninguém fazia. Ia no campo de futebol, na favela, na delegacia... Ao mesmo tempo, eu era uma filhinha de papai, era conhecida, era da sociedade londrinense. Eu circulava em todos os lugares, mas aí as pessoas começaram a estranhar que eu estava chegando no Country Club para fazer uma foto para um jornal. Eu já estava desbravando mesmo.

Eu cursei um pouco [da faculdade], depois abandonei porque fui embora para São Paulo. O jornal ficou na banca do dia 1º até o dia 31 de março de 75, com essa grande equipe. Aí houve um desentendimento do diretor de redação, o Narciso Kalili, e do

chefe de reportagem, o Hamilton de Almeida Filho, com o proprietário, o Paulo Pimentel, e eles foram demitidos.

Mas foi uma coisa assim bem política mesmo, porque o jornal começou a tomar um volume muito grande, foi uma revolução na cidade. E eles tinham umas ideias muito progressistas. Eu acho que o interesse era meio político do proprietário, então, estava indo um pouco contra. Aí a redação inteira fez uma carta de demissão, assinou e pediu demissão em solidariedade aos dois que foram demitidos. Eu fui uma das que assinou. Isso ainda com 18 anos.

Aí, em abril, eu acabei indo para São Paulo. Conheci um jornalista de São Paulo e ele me convidou para ir para essa cidade, então fui. Abandonei tudo aqui e fui embora para São Paulo.

O jornal continuou mais um pouco, mas só com o pessoal aqui de Londrina. Aqueles grandes jornalistas que vieram implantar o jornal foram todos embora. O *Panorama* ainda continuou mais um tempo com outras pessoas seguindo as determinações do proprietário, os interesses dele. A ideia desse pessoal que veio de fora é que ele seria um grande jornal diário nacional, mas na realidade era interesse político, então o jornal morreu.

E lá em São Paulo, como eles [os jornalistas paulistas] tinham o *Jornal Ex*, nós fomos trabalhar nele.

[Sobre a imprensa e a Ditadura Militar] O *Panorama* teve esse caráter bem progressista. Tanto que houve essa demissão em massa. Mas foi em São Paulo que eu senti mesmo essa repressão. O *Jornal Ex* é um jornal da "imprensa nanica", a imprensa alternativa. E era um jornal muito combativo, ele não se submetia à censura. Naquela época existia censura. O Ex não se submetia. E eu fui trabalhar num lugar desse.

[Em São Paulo] Fui morar numa casa que era uma casa coletiva, uma comunidade onde todos eram jornalistas. A redação do Ex era composta por grandes jornalistas e grandes escritores. Era um lugar de grandes pensadores. Então ele era muito visado [pelos militares]. Tinha o Ex, o *Pasquim* no Rio de Janeiro e o

Movimento.

Então foi no *Ex* que comecei a sentir a censura. Eu ainda estava saindo da casca do ovo, como dizia minha mãe. A vida em São Paulo era diferente. Aí eu cresci na marra ali, rapidamente.

E aí aconteceu aquele caso que transformou o histórico brasileiro, que foi o assassinato do Vladimir Herzog. O *Ex* teve um papel muito importante nesse episódio. Eu tive a sorte, a oportunidade e a coragem, que eu estava lá nessa época. E eu fotografei o velório e o enterro do Vladimir Herzog, o Vlado, que são as únicas fotos que existem desse episódio, e o *Ex* foi o único jornal que soltou uma matéria cronológica falando como culminou no assassinato do Vlado.

Foi assim uma época bem difícil. Quando mataram o Vlado, a nossa casa foi cercada. A gente escutava lá fora aqueles carros, a repressão, o pessoal do Doi-Codi. Eles andavam com Opala ou Veraneio. A gente sabia que eles estavam ali.

A matéria foi escrita no *Ex* número 16, que tem aquela manchete "Liberdade, liberdade, abra as asas sobre nós". O *Ex*, como não se submetia à censura, rodou o jornal, foi para a banca, vendeu tudo, 50 mil exemplares. Foi uma loucura. Aí nós pegamos esse dinheiro da venda, rodamos mais 30 mil e aí todo mundo saiu [da redação], porque a gente tinha certeza que a polícia ia lá depois dessa matéria. E aconteceu mesmo. (...) A polícia entrou e empastelou a redação. Só que, como a gente já imaginava que isso aconteceria, tiramos tudo lá de dentro.

Eu tinha ampliado algumas fotos do velório do Vlado. A minha sorte é que eu levei e salvei os negativos. São poucas fotos, é um filme de 36 fotos só. Mas, como eu tinha ampliado, algumas fotos tinham ficado na redação, então o Dácio Nitritini, um dos outros jornalistas, ficou com essas fotos na pasta dele.

Depois nós voltamos e fizemos mais dois jornais, "O melhor do *Ex*", que foi apreendido antes de ser distribuído, e outro, chamado "Mais um". Eles [os militares] deixaram a gente a pão e banana, porque, como a gente vivia da banca, eles deixaram a gente sem dinheiro. Apreenderam. Aí acabou mesmo.

Então fui trabalhar com outra coisa. Fiquei um tempo na TV, sendo coordenadora de produção do Globo Repórter, lá em São Paulo por 2 anos. (...) Depois fiz um outro programa na Bandeirantes chamado "Variedades 90 Minutos", mas que também acabou, porque tudo o que a gente fazia era tão progressista que não durava. Não tinha jeito.

Aí voltei para a fotografia. Fui trabalhar com Samuel Wainer, na *Última Hora* de São Paulo, e freelancer para várias publicações.

Já nos anos 80, resolvi voltar para Londrina. Eu, filha única, voltando para os meus pais, que continuavam morando na cidade. Eu estava com uma filha, a Joana, que tinha nascido em 1976. Eu voltei para cá e fui trabalhar na *Folha de Londrina*. (...) Voltei para o jornalismo diário, que é o que eu sempre gostei.

Como era ser mulher na década de 70 trabalhando com o fotojornalismo? Na realidade, sofria o que toda mulher sofre até hoje, que não mudou muito. Ouvir frases agressivas, ofensas. Quando eu entrava para tirar foto do treino do Londrina, [escutava] coisas obscenas. As pessoas te julgam, que você não presta, que você é uma mulher da vida. Eu sofri esse tipo de coisa, um assédio moral. Tipo assim: "Olha, mas você não é para estar aqui. O que você está fazendo aqui?".

Quando eu comecei, naquela época dos anos 70, nós usávamos calça Saint-Tropez e miniblusa. Aos 18 anos eu andava assim. Era uma das coisas que provocava muito. Quando eu entrava lá no VGD com a barriga de fora, era um horror, as ofensas que eu ouvia. Ou eu me intimidava ou eu encarava.

Por exemplo, eu fiz uma matéria numa penitenciária. Quando eu entrei, o diretor deu uma olhada assim, tipo: "O que que essa pessoa tá fazendo aqui? Ela vai entrar lá no corredor, fazer foto dos bandidos?". Existiu muito isso. Se você se deixar abalar, você não insiste. Você precisa ter coragem, senão você não continua.

Também fiz uma matéria também com uma das primeiras delegadas do país, lá em São Paulo. Ela era delegada de Osasco, que era o lugar mais violento que tinha. E eu fui fazer uma matéria com ela. Então, assim, a gente sofria esse tipo de

violência mais psicológica. Agora, eu nunca fui assim assediada, ou sofri violência física. Isso nunca sofri. Mas essa violência de gênero, essa coisa existe. Existe até hoje, imagina 40 anos atrás.

Na redação não. Nunca percebi. Pelo contrário, eu sempre fui muito admirada. Talvez pelo meu jeito de ser também. Eu nunca tive rejeição na redação. Pelo contrário, eu sempre fui muito agregadora. E saía mesmo, saía com os meninos. Eu era sempre a única mulher. O motorista era homem, o repórter era homem. Na TV também. Quando eu trabalhava na Globo, não tinha cinegrafista mulher. Se eu tivesse continuado na TV, eu teria partido para fazer câmara também.

Eu nunca tive problema com isso, nunca. Sempre me coloquei muito firme assim no meu propósito.

Com relação à maternidade, eu tive quatro filhos. Minha segunda filha quase nasceu na redação. Meu editor da *Folha de Londrina* falou assim: "Você não me volte aqui na segunda-feira, porque senão você vai ter esse bebê aqui na redação". E dito e feito, ela nasceu na segunda seguinte.

Naquele tempo, eram 3 meses de licença maternidade. Eu voltei para redação, mas ainda amamentava minha filha. (...) Nós tínhamos um chefe de redação, o "Purinho", que me mandou uma pauta que eu teria que ir para uma cidade aqui no Norte Velho [do Paraná]. Iria de manhã e voltaria à noite. E eu falei: "Ó, Purinho, não acho que não vai dar para eu ir, porque eu tenho que amamentar minha filha, ela é pequena". Aí ele falou: "Olha, você não pode recusar, você tem que ir", e eu falei que não ia. Foi aí que eu pedi demissão da Folha. Eu sofri porque eu tinha uma filha para amamentar e a minha pauta era num lugar que eu ia ficar 12 horas fora. Isso eu sofri numa redação.

[E o salário, era desigual?] Não sei. De freela sempre ganhei muito bem. E quando trabalhei na Globo ou na Bandeirantes, ou aqui na *Folha de Londrina*, sempre foi equiparado. Para mim nunca teve [diferença]. Tem o piso, ganha aquilo. Nunca tive problema com isso não.

Hoje em dia eu falo assim: "Ai, gente, que saudade". Nossa, eu voltaria sem pensar a trabalhar no jornalismo diário. Eu adoro aquela correria. É diferente, que a redação hoje não tem barulho, não tem cheiro. Na minha época não, a redação tinha cheiro, tinha som. Mas eu adoraria. Eu gosto daquela coisa de chegar no jornal e pegar pauta, ir para rua. Sempre gostei.

Hoje em dia, você também tem que ter coragem. O fotojornalista é aquele que chega primeiro. O repórter tá junto, mas quem tá na frente ali é o fotojornalista. Hoje mudou um pouco, porque tem muito repórter que é repórter fotográfico, que é uma coisa que eu lutei muito para não acontecer. Eu acho que tem as diferenças.

Tem glamour, né? Porque você tem portas abertas. Eu não tinha porta fechada para mim, não. Nunca tive. Eu sempre entrei em qualquer lugar. A máquina fotográfica é, ela te dá um poder muito grande. É uma arma mesmo. Você tá com poder ali.

Mas você tem que ter coragem de botar a máquina na cara. Senão, não sai. Você não vê agora? Eu estava vendo o que tá acontecendo na Faixa de Gaza, por exemplo. 300 jornalistas mortos nesse genocídio. Não é uma profissão fácil. Você tem que ter coragem. Não tem jeito.

O todo da minha carreira é muito importante. Para mim é muito importante, porque cada fase me trouxe experiência, conhecimento e me tornou a pessoa que eu sou. É uma profissão muito, para mim, de trazer experiências muito grandes. Talvez se eu tivesse continuado na medicina, ia ser outra experiência.

Eu sou uma pessoa que me preocupo muito com o outro, acho que por conta disso. A minha janela se abriu. E eu não fiquei ali acomodada, criada aqui em Londrina, com aquele casamento tradicional. Abriu a janela da minha vida e eu aproveitei e saí voando.

FERNANDA CASTRO: “ENCONTREI A FOTOGRAFIA. FOI O QUE ME SALVOU.”

Nascida em Arapongas, no norte paraense, Fernanda Castro é referência no jornalismo feito por mulheres e pessoas negras e uma das primeiras mulheres a trabalhar com a fotografia jornalística no estado. Formada em Jornalismo pela UFPR, foi na faculdade que se encantou com a comunicação visual, trabalhando em veículos como *O Estado do Paraná*, *Correio de Notícias* e *Gazeta Mercantil*, além de ter lecionado fotojornalismo na PUCPR e UEPG. Sempre interessada no jornalismo social, Fernanda desenvolveu trabalhos ligados às comunidades quilombolas e indígenas do Paraná, e avalia que a fotografia faz com que as pessoas se reconheçam e comecem a ativar suas memórias.

(...) Depoimento à
Pietra Dissenha Hara

Eu comecei a fazer o curso de jornalismo na Católica, parei e, quando voltei, fui para a Universidade Federal do Paraná. (...) Saí da universidade e fui morar na Argentina, onde estudei medicina lá, numa época muito agitada politicamente. A minha formação política foi na Argentina. Acho que fiquei uns 3 anos, e não gostei. E eu já tinha feito um ano de jornalismo. Aí era mais

cômodo voltar para ele. Então eu voltei e encontrei a fotografia. Foi o que me salvou.

Nós tínhamos vários professores, e o Paulo Keller era quem dava aula de fotojornalismo. (...) A Elizabeth Vasconcelos dava aula de artes e fotojornalismo. Quem era nossa professora também era a Lúcia Camargo.

Tinha um laboratório de fotografia analógica. E foi aí que eu me encantei por fazer fotografia, por revelar. E quando eu fui para o jornal, eu já fui para a fotografia. Não fui para a redação, só fui direto para a fotografia mesmo.

Na universidade, eu não peguei essa época que tinham militares olhando o que as pessoas estavam fazendo. A única coisa que aconteceu comigo em relação a isso [censura e busca de jornalistas na Ditadura Militar] foi quando eu fui num congresso de jornalistas em São Luís do Maranhão. (...) Acho que foi em 1975, eu ainda era estudante.

Primeiro, fomos num congresso de jornalistas em Goiânia. Lá no congresso, foi anunciado que haveria esse outro evento em São Luís do Maranhão. Então eu fui para São Luís, com um colega de São Paulo. Íamos um grupo [de Curitiba]. Só que eles souberam antes que o congresso não ia sair, e não foram. Mas nós fomos de ônibus. A gente não sabia, não tinha celular para saber.

Chegamos lá e o congresso tinha sido cancelado por causa dos militares, que estavam nos perseguindo. O congresso tinha sido suspenso e a gente não tinha como voltar. (...) Eu fiquei lá. Ficamos escondidos na casa dos professores e reitores da cidade, sendo atendidos pelo pessoal das universidades e da igreja. Seria uma semana [de congresso], mas a gente ficou lá quase um mês. A gente não podia voltar, éramos procurados.

O pior foi a minha família, que ficou apavorada. (...) Quando a gente é jovem, as coisas são diferentes, não damos muita importância. Mas a família fica mais preocupada. Depois, a gente veio embora, e o congresso não chegou a acontecer mesmo.

O meu primeiro estágio foi na Cinemateca [de Curitiba]. Foi super bom, o Valêncio Xavier era o diretor. Através dele que acho que fiz a minha primeira reportagem, onde fotografei uma comunidade quilombola da Serra do Apon, em Castro. Coincidentemente, esse ano eu concluí esse trabalho nessa comunidade.

Depois disso, através da Lúcia [Camargo], fui para o jornal Correio de Notícias e depois para o *Estado do Paraná*.

(...)

Na primeira vez que fui trabalhar no Correio, ele ficava perto da universidade, e fiquei por lá uns três meses. Depois comecei a trabalhar no *Estado do Paraná*, onde eu fiquei mais tempo como estagiária e depois fui contratada.

A rotina era igual [como estagiária ou efetivada]. Você tinha que chegar e pegar a pauta, sair, fotografar, voltar e revelar. Na época, você saía com um cara do texto, um fotógrafo e fazia a reportagem. E tinha uma pessoa que fazia pauta. Acho que era até a Tonica [Chagas] que fazia pauta. Então você ia fazer as reportagens, voltava, revelava, copiava e levava bronca ou elogios.

Acho que fiquei um ano e alguns meses no *Estado do Paraná*. A gente trabalhava por setor: policial, político, cultural. Era conforme o que estava acontecendo. O político sempre foi a pauta mais diária.

O fotojornalista desempenhava de tudo. Eu gostava muito da cultura. Esportes eu fiz muito pouco e não gostava da policial. Não tinha como trocar. Tinha que ser muito rápido, tinha que revelar, tinha que entregar. O jornal tinha tempo para a máquina, não podia atrasar.

Você tem que entender essa rotina, que hoje poucos lugares se mantêm. Tinha os setores, o pauteiro, o diretor do jornal, que mandava em tudo. Aí tinha que ir para a diagramação. Era todo um ritual.

Sobre os créditos [para fotojornalistas], ainda não tinha. A gente brigava muito por isso. Eu fui presidente da Associação dos

Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Paraná [Arfoc] nos anos 80. Era uma batalha diária para ter o crédito, não queriam nos dar os créditos. Era uma reivindicação. Foi um bom tempo [de luta]. Aí virou lei. Antigamente não era lei.

(...)

As redações eram maiores do que agora. A redação do *Estado do Paraná* era enorme, porque o Estado era grande. (...) No *Estado do Paraná*, tiveram épocas de equipes de cinco ou seis fotógrafos. Hoje não sei quantos fotógrafos têm nas redações. Não acredito que tenha cinco fotógrafos numa redação aqui em Curitiba.

Pelo menos na fotografia, a gente seguia fotografando as coisas, não tinha essa censura de militares. Pelo menos no meu trabalho eu não tinha, provavelmente tinha lá na diretoria. A gente pegava a pauta e tinha que fazer e pronto.

Acho que depois que eu saí do *Estado do Paraná*, voltei para o Correio meio que direto. Quando voltei para lá, também tinha a Rosirene Gemael. (...) Nesse período, junto com ela, trabalhei muito na cultura. Era uma época que tinha poucos fotógrafos na cidade. Então a gente tem um material que poucas pessoas têm. Hoje em dia não, todo mundo fotografa.

[Sobre ser mulher na redação], eu trabalhei no *Estado do Paraná*, por exemplo, e era a única mulher fotógrafa lá. Trabalhava com eles, com os meninos. E para mim foi bom, sabe? Eu não tenho essa lembrança de ser discriminada neste momento. Trabalhava muito, fazia um trabalho profissional. (...) Nós tínhamos o diretor que era o Mussa [José de Assis], um cara muito justo, muito especial e que sabia lidar com as pessoas. Foi assim mais tranquilo. Tínhamos outras mulheres lá [na redação], a Adélia Lopes, a Tônica Chagas...

Quando voltei para o Correio de Notícias também tinha a Rosirene Gemael e uma outra jornalista que fazia a editoria de política que já é falecida. (...) Tinha uma outra jornalista que foi pioneira, a Terezinha Cardoso, e a Mara Cornelsen. Então nunca

senti nenhuma discriminação nas redações, não.

Sobre salário, não sei se mulheres estavam recebendo menos. Para mim, não.

Quando eu fiquei grávida da minha filha, eu não trabalhava mais em empresa, eu trabalhava no governo do estado. Tinha um cargo de fotojornalismo lá. Eu trabalhava e só tinha homens também. Acho que tinha uns sete homens. E eles me tratavam muito bem. Eles ficavam cuidando de mim, era um pessoal mais velho do que eu. Então, não tive esse problema.

Quando o Mussa, que era o diretor do *Estado do Paraná*, trabalhou no governo, ele me chamou para trabalhar na Secretaria da Cultura. Foi uma coisa boa. (...) Gostei muito, era um outro tipo de trabalho. Na Secretaria de Comunicação Social, uma coisa mais tranquila, você cobria algumas secretarias, viajava com o governador. Eu trabalhei na Cultura, que foi bem interessante. Trabalhei no GT Clóvis Moura, foi onde eu comecei a trabalhar muito mais com as comunidades quilombolas. Isso foi muito importante para mim. Era uma comissão, e eu trabalhei muito com a comunidade quilombola nessa época, que foi um trabalho extenso.

Depois disso, eu dei aula na PUC, em Ponta Grossa. E teve um período que eu trabalhei como freelancer para o Jornal Gazeta Mercantil. Isso já era nos anos 90. Gostei [de dar aula], mas era Ponta Grossa, tinha que ir e voltar. Quando você é funcionária pública, você pode ter mais um trabalho se você é jornalista, que tem a carga horária de 5 horas. Mas chegou uma hora que eu disse: "Não, eu vou ficar só em Curitiba". Pedi demissão [de Ponta Grossa] e continuei trabalhando na comunicação social do Palácio do Governo. Eu me aposentei faz uns 7 anos. Quando estava para me aposentar, eu pedi para trabalhar no Museu Paranaense. Eu queria conhecer mais e eu tinha um pouco do meu acervo lá.

Quais trabalhos foram mais marcantes? Numa exposição, me perguntaram qual a fotografia que eu mais gosto. Olha, é impossível dizer, porque todas as fotografias têm uma relação muito direta com o fotógrafo. Mas tem fotografias que têm episódios marcantes.

A primeira vez que eu estava fotografando no *Estado do Paraná* e saí com um fotógrafo para ver como que era. Nós passamos na Rua XV e tinha uma mulher que tinha se jogado de um prédio. Estava lá o corpo no chão. Ela tinha um sapato de salto. Então, eu me lembro que meu amigo [fotógrafo] disse: "Não, o corpo está coberto, vamos pôr esse sapato aqui para ter identificação que é uma mulher que está se suicidando". Então, foi uma das coisas que me marcou muito.

Tem também um episódio que foi muito forte para mim, que foi quando teve a greve dos professores, a batalha no Centro Cívico [em 1988]. Eu tive a sorte de não estar trabalhando no governo, estava em licença premium e fotografei. Então, foi muito marcante para mim.

E as comunidades quilombolas foi um envolvimento, na verdade. Eu já tinha feito o primeiro trabalho logo que eu tinha me formado, em 1978. (...) E depois foi outro envolvimento, quando o governo, nessa época, do Requião, trabalhava contra o pensamento do "Paraná que se achava branco". A gente falava que não, que tem pessoas negras aqui. Então a gente trabalhou para realmente mostrar que existiam pessoas negras e onde que elas estavam, no caso, longe das cidades.

A gente mapeou. Era uma equipe, eu como fotógrafa. E eu fui me envolvendo nesse trabalho, com as comunidades quilombolas e indígenas. Então eu trabalho até hoje com esse acervo. Agora mesmo estou com duas caixas de fotografias enormes de uma exposição de Castro, que foi a exposição que começou esse trabalho em 1978.

Eu fui para Castro, recém-formada. Fotografei em preto e branco, ainda na [câmera] analógica. Aí voltei em 2000, 2004, 2005, e voltei agora. Então esse é um trabalho, um histórico. Porque as pessoas quase não tinham fotografia. Quando você leva as fotografias, as pessoas se reconhecem e começam a ativar a suas memórias, começam a contar as histórias. Eu sou autora

desse acervo e procuro fazer outros trabalhos. Visitei todas as comunidades, acho que em torno de mais de 20, quase 30. Um dos meus objetivos é esse, de levar esse trabalho para eles. Para que eles constituam as suas histórias.

Coincidentemente, [Castro] foi a minha primeira reportagem, que ficou guardada durante todo esse tempo. E daí eu voltei com o GT Clóvis Moura e agora voltei e fiz uma exposição. Estou trabalhando com catálogos que contam essa história também, através de uma professora de história. Porque eu não ousou contar toda essa história. Meu objetivo é que as pessoas possam pesquisar, possam ver tudo isso.

Quantas fotos eu já fiz? Adoraria ter essa informação. Como eu trabalhei demais, eu fotografei demais. Eu nunca tive muito tempo para olhar as fotografias. Então agora esse exercício de olhar as fotografias me deixa muito satisfeita.

ELZA DE OLIVEIRA FILHA: DAS REDAÇÕES À DOCÊNCIA DA COMUNICAÇÃO

Ao crescer com familiares que se interessavam pelo jornalismo, Elza de Oliveira Filha iniciou sua carreira na área em um fluxo natural. Com passagens por jornais locais e *O Globo*, onde trabalhou por mais de 20 anos, vivenciou momentos de censura e machismo de perto, ao mesmo tempo que presenciou o que o jornalismo poderia trazer de mudança na sociedade. Desde 1999 deixou as redações de lado para se dedicar à docência universitária, após descobrir esse novo lado de si mesma.

(...) Depoimento a
Pietra Dissenha Hara

A minha proximidade com o jornalismo vem de uma história familiar. Meu pai sempre foi leitor de jornal. Meu avô, lá no começo do século passado, morava numa fazenda no interior de Minas Gerais e era assinante de jornais do Rio de Janeiro. Os jornais chegavam com quatro, cinco dias de atraso, mas existia esse hábito familiar de leitura. Quando meus pais vieram para o Paraná, esse hábito se manteve. Com todas as dificuldades, inclusive financeiras, meu pai fazia questão de pelo menos comprar as edições de domingo.

Era uma coisa que me aproximava muito dele. Muitas vezes,

eu lia as reportagens dos jornais para ele. Era uma forma de interação da gente. Mesmo que eu não entendesse tudo, saindo da infância, com 12, 13 anos. Acho que essa minha proximidade com o jornalismo vem daí, desse hábito familiar e da percepção da importância do jornalismo na sociedade.

A despeito de quando eu fiz a opção pela universidade nessa área, a gente vivia um momento de censura, um momento de cerceamento da liberdade de imprensa. Tanto que no primeiro ano da universidade eu tinha desistido. Falava que ia sair, ia fazer outro vestibular, porque ficava lendo os jornais e de repente parava lá, no meio da matéria, com um pedaço de um poema dos Lusíadas.

Eu me lembro que eu tinha um primo que estava exilado no Chile e eu escrevi para ele, dizendo: "Olha, eu vou desistir do jornalismo, porque tá muito difícil. A gente percebe que as informações não estão circulando por força do cerceamento". Mas, logo em seguida, começaram a aparecer algumas possibilidades de trabalho, ligado aos nascentes movimentos daquele momento histórico, que acabei levando. Fui ficando e não me arrependo de jeito nenhum.

Nunca houve um desaprovo dos meus pais sobre eu querer ser jornalista. A minha mãe tinha um orgulho imenso da gente estudar. Ela sempre falava: "Não fique dependente nunca. Vá fazer sua carreira, vá fazer sua vida, vá estudar". Ela foi uma pessoa que não teve oportunidades, se casou aos 16 anos. Nós somos três filhas, três mulheres na família, e essa foi uma coisa que ela o tempo inteiro colocou muito na nossa cabeça.

Ir para a faculdade foi uma realização muito importante para ela. Fui a primeira do núcleo familiar que conseguiu chegar na universidade e completar um curso.

Para o meu pai, acho que até por força desse vínculo com a atividade jornalística, ele não se opôs.

Nós tínhamos uma pessoa que gostávamos muito, eu e ele, que era uma jornalista italiana chamada Oriana Fallaci. Era um nome super importante do jornalismo nessa época, que cobria

grandes acontecimentos, uma correspondente de guerra. (...) Acho que o fato de existir essa personagem, dela ser mulher, embora vivendo em situações muitas vezes de risco, fez com que o meu pai não manifestasse esse tipo de preocupação. Se ele falou alguma coisa, deve ter sido tão episódica que não me marcou.

Sobre a minha turma (...) Todos de comunicação começavam juntos, as três habilitações [jornalismo, publicidade e propaganda e relações públicas]. Entrávamos em 100 pessoas. Eu penso que já naquele momento, somando as três habilitações, a maioria já era feminina. Depois, quando a gente se dividiu e ficou o jornalismo, talvez tenha sido meio a meio. Tinha um número bem significativo de mulheres na minha turma.

[Na universidade] a gente tinha o movimento estudantil organizado. Eu participei do DARPE [Diretório Acadêmico Rocha Pombo]. A gente fundou um centro acadêmico do jornalismo na época, eu presidi esse centro acadêmico, provavelmente em 75.

Eu tive uma passagem muito episódica, de semanas, no Diário Popular, que era um jornal próximo da universidade e que estava nesse binômio esporte-polícia, meio na linha da *Tribuna do Paraná*. O Arnaldo Cruz, meu veterano na universidade, estava no Diário Popular e me convidou para a redação e então eu fui para lá.

Logo depois eu tive a oportunidade de ir para o *Estado do Paraná*. Foi em outubro de 74, eu estava ainda no segundo ano [da faculdade].

Nos primeiros momentos no *Estado do Paraná* me davam todos os dias a pauta que era falar mal da primeira linha da canaleta exclusiva de ônibus, que era do Santa Cândida até o Capão Raso. A grande novidade que o Jaime Lerner estava fazendo era dividir a rua em três pistas, deixar a pista do meio para circulação dos ônibus. E o Paulo Pimentel era adversário político do Jaime Lerner e o dono do jornal, por isso essa cobertura tão crítica.

A minha única pauta era essa: falar mal. Tinha que percorrer [o trajeto do ônibus] e achar alguém que falasse mal, algum comerciante que dissesse que as obras estavam incomodando,

alguém que falasse que essa mudança era um absurdo.

Até que chegou um dia que eu cheguei na redação e falei: "Não aceito mais fazer essa pauta. Não é possível ficar tirando leite de pedras desse jeito". Aí me passaram para editoria de abastecimento e agricultura. E daí eu fiquei até o final no *Estado do Paraná* trabalhando nessa editoria.

[O direcionamento para agricultura] foi porque, num primeiro momento, eu fui cobrir férias de alguém da editoria e acabei ficando. E eu criei uma relação muito boa com o diretor-geral da extinta Sunab [Superintendência Nacional de Abastecimento], o Pedro Tocafundo. Ele acabou virando uma fonte bem importante e rendia muitas matérias interessantes.

Teve um fato ligado a essa editoria que me fez perceber a importância do jornalismo. Foi numa das grandes geadas no Paraná, a "geada negra", que dizimou os cafezais. No primeiro dia da geada, eu fiz a matéria para o *Estado do Paraná*. O Mussa mandou para o Estadão, que deu uma chamada de primeira página. E isso provocou uma alta muito significativa naquele mesmo dia no preço do café na bolsa de mercadorias de Londres. Então eu percebi muito a força do que a gente faz, o que significa mesmo até no plano mundial, na capacidade de alterar a realidade.

Em 1976, quando eu estava no último ano da universidade, fui contratada pela sucursal do Estado de S. Paulo, o Estadão. (...) É interessante saber que esse convite do Estadão veio a partir de um contato que nós tínhamos feito, eu e a Ruth Bolognese, que era minha colega de turma.

Aconteceu aqui em Curitiba um Congresso Nacional de Jornalistas. A Ruth e eu, ainda estudantes, resolvemos fazer uma "tese" para o congresso, falando da formação dos jornalistas no Paraná, basicamente em Curitiba.

Lá no congresso, a gente teve a oportunidade de se aproximar da delegação de São Paulo, que era chefiada pelo Audálio Dantas. Também estava presente na delegação o Dirceu Martins Pio, que era o chefe da sucursal do Estadão no ABC [Paulista]. A gente contou como funcionava o esquema na redação do *Estado do Paraná*, no qual nós trabalhávamos.

Tinha aquela história do Mussa, o Mussa José de Assis, diretor

do *Estado do Paraná*, mandar as nossas matérias para São Paulo. Ele fazia pequenas edições nos textos, dando um tratamento um pouco mais nacional, e mandava. As nossas matérias eram publicadas com bastante frequência no Estadão. E, claro, a gente não recebia nada.

(...)

Era uma prática usual. Assim como era usual a gente botar quatro folhas de lauda com três papéis carbono na máquina de datilografia. Quando a gente acabava de escrever, dobrava as matérias e ia colocando nos escaninhos. Uma era entregue para o chefe de reportagem do *Estado do Paraná*. Outro a gente colocava no escaninho endereçado à *Tribuna do Paraná*. O outro era endereçado ao canal 4, que era a *TV Iguaçu*, e o outro era endereçado à rádio do mesmo grupo. A gente trabalhava nos quatro veículos. Éramos contratados pelo *Estado do Paraná* e eventualmente a TV usava, a rádio usava, a *Tribuna* usava. Era um sistema de exploração realmente bem intenso.

A gente contou isso num tom meio de denúncia. E o pessoal de São Paulo ficou indignado e levou isso para a direção do jornal. Um ano depois, o próprio Pio veio para Curitiba para montar a sucursal. E daí ele acabou me convidando para ir trabalhar lá.

Daí foi um ano que eu praticamente não fui para a universidade, só ia lá para fazer as provas. Fiquei no Estadão até maio de 77. Foi um período bem curto, porque logo depois ele entrou nas crises do jornalismo. A empresa em São Paulo contratou uma consultoria, e a solução que os caras deram foi que "tem que demitir". A sucursal de Curitiba foi profundamente reduzida e nessa leva eu fui.

Além do *Estado do Paraná* e do Estadão, trabalhei em diversas outras redações, como na Indústria e Comércio e na *Folha de Londrina*. Depois, fui chamada para trabalhar no *O Globo*. Comecei em janeiro de 1978 e fui registrada em primeiro de maio. (...) Fiquei lá quase 21 anos, até outubro de 1998.

No Estadão e na *Folha de Londrina*, acabei fazendo [jornalismo] mais diverso. Era uma equipe pequena. Quando tinha alguma coisa de agricultura, cabia muito a mim fazer, porque eu já conhecia bem o setor, já tinha muitas fontes: a Federação da Agricultura, a Secretaria da Agricultura, sindicatos rurais. Mas fazia de tudo.

Na *Folha de Londrina*, no segundo momento que estive lá [em 1998], eu fui editora do caderno Curitiba, do caderno Capital. Na época, o José Eduardo de Andrade Vieira, dono do Bamerindus, tinha se tornado sócio do grupo Folha Comunicações. Ele pretendia fazer da *Folha de Londrina* uma catapulta para lançar o nome dele nacionalmente. (...) Queria estruturar o terceiro jornal do Mercosul. Eles criaram um plano que era fazer quatro edições do jornal todos os dias. Uma para a capital, uma para a região de Londrina, uma para o noroeste [do Paraná] e uma para Cascavel. Aqui em Curitiba sempre era uma sucursal maior. Criaram um cargo de edição do caderno Curitiba e daí eu fui trabalhar lá. Fiquei acho que uns seis, sete meses.

Os 20 anos de Globo foram com altos e baixos, porque era um jornal difícil de trabalhar, super ligado à ditadura. Eu entrei lá em 78. Mas o fato de eu trabalhar fora da sede [foi uma vantagem]. Eu comecei trabalhando como correspondente, da minha casa. Tinha um aparelho de Telex instalado na sala da minha casa. (...) Quando eram três horas da manhã, por exemplo, o Telex começava a funcionar com aquele barulho horrível, passando uma pauta.

Daí o jornal criou uma sucursal pequenininha, primeiro na Praça Zacarias, depois no Edifício Central, na Rua Ébano Pereira. Logo ela foi fechada. Lá no final, talvez nos últimos 3 anos, eu voltei a ser correspondente, voltei a trabalhar em casa.

A grande vantagem é que eu trabalhava longe da sede, então não sentia tão de perto essa pressão da linha editorial.

Só trabalhava com as coisas mais importantes, cobria o filé mignon do jornalismo, seja de qual área for. Eu tinha que fazer

de tudo. Quase nunca fazia esporte. Era polícia, era política, era economia, era cultura, mas eram as grandes matérias. Isso foi uma vantagem sempre muito grande.

[Sobre a ditadura], a gente tinha muitos cercamentos. O Mussa fazia uma coisa bem bacana lá no *Estado do Paraná*. Ele colocava no mural da redação todas as ordens que ele recebia dos organismos repressivos, em relação ao que não podia ser noticiado. Então, a gente sabia, pelo menos, que alguma coisa estava acontecendo no Vale do Ribeira, quando vinha lá uma ordem: "Estão proibidas notícias a respeito de movimentações de tropas no Vale do Ribeira". A gente sabia que alguma coisa estava acontecendo, mas não sabia o que era e nem ia atrás para cobrir.

O *Estado do Paraná* tinha vivenciado, no começo da década de 70, aquela experiência de ter sofrido a censura prévia. Então o Mussa era bem avesso a se posicionar colocando em risco qualquer situação de apreensão de edição do jornal, que significava sempre um prejuízo muito grande. Eram momentos difíceis, a gente tentava driblar tanto a censura quanto a autocensura.

Depois no *Globo*, logo que eu entrei, em 78, teve o caso da Operação Pequeno Príncipe. Foram as prisões daquelas pessoas que tinham as duas escolas aqui em Curitiba, a OCA e a Oficina, acusadas de estarem ensinando marxismo para as criancinhas da pré-escola. O José Augusto Ribeiro, que era o diretor de redação do *Globo* no Rio, tinha trabalhado com o Edésio Passos [um dos presos] na *Última Hora* e eles eram amigos.

Acho que tem duas justificativas [para a cobertura do *Globo*]: teve essa questão da amizade e tinha também a postura que, aparentemente, a família Marinho estava mais propensa a apoiar o [General] Golbery do Couto e Silva do que o Sylvio Frota. O Frota era a linha dura do regime e o Golbery já estava querendo caminhar para uma distensão. Eu acho que o *Globo* foi um peão nesse jogo de tabuleiro.

O jornal cobriu muitíssimo bem. Tinha chamada de primeira página quase todos os dias, eu fechava quase uma página de

jornal. E as minhas matérias, nesse caso, praticamente não eram editadas. Iam numa postura de demonstrar a insensatez que era aquilo. Foi esse episódio que me garantiu a minha respeitabilidade lá no jornal.

Teve uma vez que viria para Curitiba algum líder nacional, acho que no governo Figueiredo. Eu pedi para a quinta seção [militar] o meu credenciamento para cobrir a visita presidencial e foi negado. Veio um documento dizendo que a credencial não seria concedida. Aí eu resolvi recorrer. Mandeí um ofício pro coronel, argumentando que eu trabalhava como correspondente do *Globo* e que se eu não fosse capaz de cobrir a visita de um presidente, eu ia perder meu emprego.

Dois dias depois o coronel me liga dizendo que o general comandante queria conversar comigo. Aí eu liguei para o Desidério Peron, presidente do sindicato dos jornalistas, e falei "Ó, Peron, o general me chamou lá. Eu não vou sozinha, você vai comigo". E ele foi comigo. Quando a gente chegou na antessala, o ajudante de ordens falou: "Ah, o senhor não pode entrar". Eu entrei sozinha, mas pelo menos ele estava ali.

Fui lá conversar com o general, aquela sala imensa. E ele estava com a minha ficha em cima da mesa. Ia passando as folhinhas e perguntando: "Ah, mas a senhora participou do movimento estudantil, né? Ah, mas a senhora participou do movimento da anistia, né?". Sabia um monte de coisa. Mas foi uma conversa boa. Eu repeti o argumento. Ele acabou liberando a minha credencial e acabou virando uma fonte. Em alguns outros momentos, a gente se cruzava e ele me passava algumas informações interessantes.

Como era ser mulher no jornalismo naquela época? Era relativamente comum você marcar uma entrevista, chegar lá uma mulher e ter uma certa resistência ou insinuações de cantadas. Eu me lembro de que tive um entreviro com uma mulher que era chefe no cerimonial do Palácio Iguaçu. Eu fui cobrir alguma coisa lá no Palácio e fui com as roupas que eu trabalhava: de calça jeans e camiseta. E essa mulher me puxou no canto e disse que era um

absurdo ir ao Palácio vestida daquela maneira, que era uma coisa constrangedora. Me deu um esculacho.

Nas credenciais de cobertura presidencial, tinha isso também: você não podia ir cobrir o presidente da república de calça comprida. Dizia lá que a mulher tinha que usar saia ou vestido. Eu me lembro uma vez que eu não tinha nenhuma saia para usar e uma ex-colega de turma me emprestou uma roupa.

Mas eu não cheguei a enfrentar a situação de redações que nem tinham banheiro para as mulheres. Quando eu entrei no *Estado do Paraná*, o prédio foi construído já contemplando a presença feminina, embora a gente ainda fosse minoritária na redação.

Essa é uma realidade que era bem problemática. Eu não cheguei a vivenciar tantos cercamentos do ponto de vista da ascensão profissional, porque acabei ficando pouco tempo nos jornais locais. E no *Globo*, eu estava aqui. A estrutura era pequena e eu acabei chefiando.

Quando eu engravidei e saí nas licenças maternidade – eu tive três filhas ao longo do período que eu estive no *Globo* – nunca sofri nenhuma situação de pressão do jornal por conta disso. A gente tinha um período bem curto de licença, eram três meses só. Mas eu consegui administrar.

Quando as crianças eram pequenas, eu no geral evitava viajar, mas algumas vezes precisava. Algumas situações de conflito doméstico aconteceram, principalmente porque o meu marido também é da área do jornalismo. Muitas vezes a gente estava fora junto. Ainda bem que contava com meu pai e a minha mãe, que moravam aqui e sempre davam um suporte grande.

Me lembro de um domingo de carnaval que eu estava com as três meninas fantasiadas para o baile matinê. De repente, me ligaram do jornal dizendo que o Stroessner, ditador do Paraguai, tinha sido deposto e estava vindo para Curitiba. Ele tinha pedido autorização para descer o avião dele no aeroporto Afonso Pena. Pronto, acabou o baile de carnaval.

Sobre salário, quem era de sucursal ganhava, no geral, muito melhor do que o pessoal dos jornais locais. O pessoal local tinha um certo... sei lá. Existia essa disparidade em relação ao que nós ganhávamos. Mas quando eu trabalhei nos veículos locais eu

ganhei o piso, que não era grande coisa, mas era o piso que todo mundo ganhava. E nos jornais nacionais a gente sempre ganhou melhor mesmo.

Depois de muitos anos na redação, me tornei professora universitária de jornalismo.

[A mudança para a docência] tem nome: a Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, minha comadre. Quando eu fui demitida do *Globo*, no final de 98, tinha uma vaga aberta para professor substituto na Federal [UFPR]. E ela me liga e fala: "Venha fazer o concurso". Eu falei: "Tá louca, Rosa? Nunca dei aula nem para pré-primário". "Não, mas a disciplina é redação jornalística e quem mais sabe escrever do que você?".

Ninguém se inscreveu nesse concurso. Um mês depois, o departamento lançou outro edital. Aí meus documentos, que antes estavam no Rio de Janeiro, já tinham chegado e a Rosa: "Vem, vem, vem". "Ah, tá bom, vou lá me inscrever". Oito pessoas se inscreveram. Uma das pessoas era assessor de imprensa da PUC e tinha o título de mestre. Eu falei: "Bom, não tenho a mínima chance".

Mas enfim, fui lá. No dia da prova didática, esse assessor tinha mandado um fax para o departamento dizendo que por razões profissionais ele não poderia ir prestar a prova. Então, estava abrindo mão do concurso. Foi aí que eu entrei.

Comecei a dar aula em janeiro de 1999. Entrava nas salas de aula absolutamente tremendo as pernas, mas também absolutamente encantada com a relação com os estudantes. Foi uma coisa muito gratificante, muito motivadora. É até hoje.

Em março do mesmo ano eu comecei a trabalhar na Folha [de Londrina], na edição. Mas, em meados do mesmo ano, eu já tinha decidido que a minha opção ia ser a academia. Pedi demissão e fui me capacitar, fazer mestrado, doutorado.

Acho que não voltaria para as redações hoje. Porque as lógicas operacionais hoje são muito diferentes. Eu era uma jornalista daquelas que fazia questão de acompanhar os acontecimentos in loco, fazia a questão de fazer apuração jornalística e não

curadoria da informação. (...) Hoje, infelizmente, a gente vê que se usa muito essa expressão. As mudanças tecnológicas estão se processando de uma maneira muito veloz. Eu não estou dando conta de acompanhar mais.

Eu tenho a impressão que as mulheres jornalistas vivem uma quantidade muito menor de restrições hoje em dia. A despeito da sociedade ainda ser patriarcal, esse quadro já melhorou muito. Eu avalio que as mulheres já não entram com tanta dificuldade quanto a gente entrava nesse espaço. (...) Talvez nos processos de progressão de carreiras isso ainda exista. Mas eu penso que é um trânsito um pouco mais suave. Também há uma postura das mulheres de maior enfrentamento. Coisas que, há 40, 50 anos atrás, era mais difícil da gente fazer.

Se eu recebia uma insinuação de cantada, por exemplo, numa entrevista, eu tinha muita dificuldade. A postura mais comum era fugir do que enfrentar. Felizmente, não foram muitas situações, mas quando elas apareceram eu tive dificuldade de me contrapor com a figura masculina, porque o domínio era muito mais intenso.

Talvez seja um pouco de ingenuidade da minha parte achar que a gente já caminhou bastante quanto a essas questões, mas eu acredito nisso.

NEREIDE MICHEL: DA CHEGADA À REDAÇÃO DA *GAZETA DO POVO* À CRIAÇÃO DO VIVER BEM

A opção de Nereide Michel pelo Jornalismo veio da infância, com a leitura e o recorte de textos de jornais e a criação de um idealismo sobre a profissão. Mesmo sem o apoio inicial de seu pai, iniciou a graduação no tão sonhado curso em 1967. Após sua formatura, começou a trabalhar na redação da *Gazeta do Povo*, em um estágio numa redação onde apenas ela e outra estagiária eram mulheres. Entre uma breve saída e o retorno à Gazeta, se firmou e fez carreira neste veículo. Em 1983, ela transformou o convite de escrever para o suplemento de domingo do jornal em uma nova ideia: o projeto Viver Bem, que logo conquistou seu público. Apesar da desvalorização inicial de colegas, que o viam como um "caderno de receitas", o suplemento provou ser um sucesso, aumentando a circulação do jornal. Sua história é um testemunho de como a dedicação, a visão de futuro e a convicção na relevância de temas como bem-estar e cultura podem não só superar preconceitos, mas também elevar a circulação e marcar uma época do jornalismo paranaense.

(...) Depoimento à
Pietra Dissenha Hara

Vocação e idealismo. Será que estas duas palavras têm o mesmo peso quando o assunto abordado é a escolha de uma profissão? Sem me deter na profundidade do significado das palavras posso atestar que a minha opção pelo Jornalismo foi pautada por estas duas forças motivacionais. Olhando para o meu passado com vagar não consigo determinar quando este caminho começou a ser delineado. Lembro de na infância ler jornais e revistas, um mérito para os meus pais que nunca deixaram faltar estes veículos no cotidiano da família, e começar a recortar o que achava interessante, principalmente na área da Cultura, colando as notícias e fotos em meus cadernos. Pode ser que ali já estava sendo firmado o meu “contrato de trabalho” com a profissão.

Na adolescência, minha escrita se desenvolveu de uma maneira curiosa: eu criava o que chamo de “histórias inventadas”, que trocava com uma amiga sob a forma de cartas. Passamos pela Roma Antiga, praias de Ipanema e Leblon ao som da Bossa Nova, e hoje vejo que essa fase foi fundamental para aprimorar minha escrita e impulsionar a criatividade que me direcionou aos textos autorais, algo que sempre marcou a minha forma de trabalhar. Chegou a “Hora H” da escolha profissional e, embora eu soubesse o que queria, eu não sabia que existia um curso superior com diploma para o Jornalismo. A descoberta veio por meio de uma amiga, cujo namorado cursava Jornalismo na Federal. Aquilo foi a chave.

Minha decisão foi tomada: em 1967, eu integrava a turma de calouros do curso de Jornalismo da PUC, uma sala que já estava equilibrada, com muitas mulheres se interessando pela comunicação. Paralelamente, eu também estava cursando História na Federal, pois meu pai, que me apoiava, queria muito que eu fosse professora de História. (...) Ele me alertava sobre as dificuldades e os desafios da profissão de jornalista, mas, por uma coincidência de horários e, principalmente, por minha paixão pela Comunicação, eu acabei optando por me dedicar integralmente ao Jornalismo.

(...)

Na época, o curso de Jornalismo na PUC era relativamente novo, com apenas quatro ou cinco anos de existência. Nosso currículo incluía disciplinas como Teoria da Informação e Redação, com um mini laboratório composto apenas por máquinas de escrever. Mas o que eu considerava positivo era a presença de matérias de base, como Sociologia, Economia, Geografia e História do Paraná. Para mim, era importante ter professores ligados a diversas áreas, pois um jornalista precisa ter subsídios em economia, sociologia e geografia para produzir matérias consistentes.

Quatro anos depois, estava diplomada. E agora? Sem esquecer os conselhos “preocupados” do meu pai quando lhe comuniquei a minha decisão de prestar vestibular para o Jornalismo, fiquei atenta às oportunidades. Onde uma delas aparecesse estava disposta a abraçá-la com todo o meu entusiasmo idealista. Contanto que ela me abrisse as portas de uma redação de jornal.

A porta se abriu na Praça Carlos Gomes, em 1971. Esse era o lugar onde ficava a sede da *Gazeta do Povo*. A proposta era de um estágio de três meses, mas remunerados. Não tenho bem a certeza da quantia, acho que era 90 cruzeiros. Dividi a tarefa com outra estagiária, a Marilu Silveira, que na sequência destacou-se na área cultural. Nós duas e o resto da redação, integrada apenas por jornalistas do sexo masculino.

O banheiro da pequena redação da *Gazeta do Povo* da época era de uso exclusivo deles. O nosso ficava um pouco distante e era compartilhado com as demais funcionárias da empresa. Os colegas nos trataram muito bem, acho que por já saberem que de estagiárias não iríamos passar [com ironia].

Na década de 70, quando iniciei minha carreira, tudo era marcado pela ditadura. No entanto, devido aos temas que eu abordava, cultura, turismo, coisas mais leves — meu trabalho não sofreu uma grande influência da censura. A censura, na época, se concentrava mais nos temas de política e no jornal diário, com o próprio diretor do jornal exercendo uma autocensura para manter um bom relacionamento com as autoridades da época.

Lembro que a minha primeira pauta foi uma reportagem com o setor infantil da Biblioteca Pública do Paraná, nada mais feminino. Tive textos rabiscados, e muito, pelo chefe de redação da época, o Celso Nascimento. Uma boa e merecida aprendizagem. Terminado o estágio, lágrimas nos olhos, não fui admitida.

Sem desesperar e por uma das coincidências, as quais nunca se deve desprezar, voltei a trabalhar na *Gazeta do Povo* poucas semanas depois. Consequência de uma das matérias que escrevi sobre o Instituto de Cegos do Paraná: uma das patronesses dele me apresentou ao casal Murilo e Gecy Benatto. (...) Eles tinham uma sala na *Gazeta do Povo* onde produziram o caderno de Turismo do jornal e a sessão de compras, os famosos “classificados”. Os dois não eram registrados como funcionários da empresa mas contratados para o trabalho, como se fossem terceirizados.

Eles precisavam de uma jornalista para substituir a anterior, que havia saído por conta de uma gravidez. Aceitei sem pensar duas vezes.

Estava de volta à uma redação de jornal. Trabalhei com eles por um ano e pouco. Eles não me pagavam o piso [salarial], mas o suficiente para eu não desistir do meu idealismo. Um dia, me avisaram que estavam indo para outro jornal, e que se tudo desse certo me contratariam novamente.

Mas o meu destino já estava traçado. Assumi todo o trabalho que o casal fazia, tanto o caderno de Turismo como as páginas de “Shopping” continuaram saindo normalmente.

(...)

O meu empenho deu resultado. Acabei contratada pela *Gazeta do Povo* e uma nova fase profissional começou. Mas, de uma forma inacreditável para os tempos atuais: a minha primeira função com carteira assinada no jornal foi de auxiliar de escritório, já em 1972. Estranho, mas naqueles anos era o que se

tinha para o momento e eu não briguei, não bati o pé. Aceitei porque o idealismo gritou mais alto: estar no ambiente de jornal, trabalhar nele era tudo o que eu queria.

Felizmente, essa situação foi resolvida em 1974 pelo diretor do jornal, Dr. Francisco Cunha Pereira Filho, que me registrou corretamente como repórter de setor. O caderno de Turismo foi assumido por outro profissional e eu passei a trabalhar com os cadernos especiais de domingo, tendo como chefe o Wilmar Sauner.

No início, esses cadernos especiais eram recheados com matérias produzidas por agências internacionais, como a Ansa, France Press e outras. Traduzi muitas delas do espanhol. Foi mais uma aprendizagem importante – treinei bastante a minha redação, traduzindo as novidades do outro lado do planeta. Paralelamente continuei escrevendo textos para o guia de compras.

(...)

Esse meu idealismo, aliás, teve terreno fértil para vicejar uma vez que jornalistas não batiam cartão nos primeiros anos que trabalhei na *Gazeta do Povo*. Foi a chamada fase do “jornalismo romântico”. No meu caso, exacerbado. Não me preocupava com horário, só com a responsabilidade de entregar o meu trabalho. Afinal, jornalista é como médico, não tem hora para encerrar expediente. E a notícia e a informação não têm hora para acontecer, e jornalista que é jornalista não vai passar por ela e pensar, “não tenho nada a ver com isso. Já encerrei o meu expediente”. Ainda é assim?

A proposta do Viver Bem surgiu a partir do convite do Departamento Comercial para que eu assumisse o conteúdo jornalístico de uma página focada em Decoração, inserida na Revista da Tevê. Um produto, portanto, comercial. (...) O idealismo despertou com força total: era a oportunidade que eu estava aguardando há muito tempo.

Por isso, apresentei o projeto para ampliação dos temas nele tratados, incluindo moda, culinária, beleza, saúde e cultura, ao diretor comercial da *Gazeta do Povo*, que o levou à diretoria do jornal, que, em seguida, foi aprovado. Então, as páginas com o conteúdo ampliado, ainda soltas na Revista da Tevê na sua fase inicial, foram consideradas como um projeto do Depto. Comercial. Sem ligação ou responsabilidade da Redação sobre o seu conteúdo.

O material contou com a colaboração de profissionais curitibanos destas áreas. Os leitores logo se sentiram contemplados com assuntos que estavam relacionados com o seu cotidiano. Qualquer dúvida sobre os temas tratados, eles poderiam ser esclarecidos de imediato pelos profissionais de sua cidade.

A receptividade foi rápida: passamos de uma página, para duas, até oito, dispersas no Caderno da Tevê. (...) Em 1983, chegamos às 12 páginas. Foi aí que nasceu o suplemento Viver Bem. (...) Quando ele se tornou um suplemento, graças à sua receptividade junto ao leitor que deu respaldo para a sua valorização no mercado publicitário, esta autonomia já era um fato consumado. E assim continuou sendo.

No início, o Viver Bem foi desvalorizado por alguns colegas, que ou o chamavam de "caderno de receitas da Nereide" ou classificavam o projeto como "fogo de palha". Para eles, o Viver Bem se encaixava no perfil do suplemento feminino tradicional, ignorado pelo público masculino. Mas eu mantive o meu idealismo. A sociedade estava mudando: mulheres conquistaram mais espaço e os homens já superavam preconceitos e se interessavam por moda, beleza, decoração e até culinária. Por isso, nunca abri para titular o projeto como “suplemento *Gazeta do Povo*” ou “Suplemento Feminino”. O meu público-alvo era amplo, e a filosofia do Viver Bem era compartilhar o bem-estar com todos. A prova do acerto foi que o suplemento chegou a aumentar a circulação da *Gazeta do Povo* aos domingos, ultrapassando 120 mil exemplares. O suplemento começou com 12 páginas, mas logo passou para 24 e até mesmo 40. Uma vez, quando ainda fechava o Viver Bem sozinha, fiz uma edição com 90 páginas. (...) Digamos que tinha um certo caderno da Gazeta

que eu o pessoal brigava na banca para comprar. [risos]

Em 1987, finalmente, fui registrada como editora. Editei e idealizei o *Viver Bem* até 2003. Durante essa evolução, eu tive a liberdade para montar minha própria equipe, com repórteres, fotógrafos e arte-finalistas. Uma das inovações que implementei, para contornar o atraso na diagramação das minhas páginas, foi contratar uma arte-finalista para montar as matérias na própria sala do *Viver Bem*. Eu mandava compor os textos e ela montava a página no computador, coisa que eu fazia manualmente com cola nos anos anteriores. Considero esse um trabalho pioneiro que só anos depois seria feito em computador. Foi essa autonomia, essa criatividade no processo, que me permitiu quebrar as matérias, dividir as páginas e explorar o layout.

Talvez este depoimento pareça isento de dificuldades para mulheres em uma redação. Mas elas existiram, mas foram sendo diluídas à medida que mudanças de comportamento foram sendo anotadas na sociedade. Se, como estagiária, tive apenas Marilu Silveira como colega [feminina] de redação, aos poucos, mais jornalistas foram sendo contratadas pela *Gazeta do Povo*. A partir dos anos 80, o número entre eles e elas ficou equilibrado.

Se a receptividade do *Viver Bem* me garantiu uma posição confortável na redação, já que tive liberdade para formar a minha própria equipe de repórteres, fotógrafos e arte finalistas, ainda não esqueci que nos tempos iniciais do suplemento ouvi de colegas de redação que ele logo acabaria. Não reagi, a minha resposta foi continuar trabalhando, com o meu idealismo bem coladinho na minha máquina de escrever Remington.

CLARICE DE ALDA: “EU SOU FACA NA BOTA”

Natural de Pelotas, no Rio Grande do Sul, Clarice de Alda iniciou sua carreira no jornalismo em 1978, como segunda opção à paixão pela pintura, formando-se em 1981. Estando apenas dois anos na faculdade, já apresentava um jornal na *TV RBS*, nunca tendo sido estagiária. Após se mudar para o Paraná em 1986, retomou a carreira em 1987 na *Gazeta do Povo*, inicialmente como repórter geral em uma redação majoritariamente masculina. Na *Gazeta*, onde permaneceu até 2002, Clarice assumiu postos de coordenação e edição da seção de economia do periódico, destacando-se por sua determinação e flexibilidade. Criando e gerindo o Instituto GRPCom até 2014, período no qual se dedicou à responsabilidade social dos meios de comunicação, chegou a também fundar a diretoria da área na Associação Nacional de Jornais. Mulher forte e “amedrontadora” para muitos, Clarice cresceu no jornalismo se adaptando a todas as oportunidades que chegaram em sua porta.

(...) Depoimento à
Pietra Dissenha Hara

Na verdade, eu sempre gostei muito de pintura. Eu queria fazer artes plásticas, mas na época precisava trabalhar durante o dia. Então, optei pelo jornalismo, que era a faculdade que tinha à

noite em Pelotas. (...) Eu entrei em jornalismo como segunda opção, não era o que eu queria, mas não me arrependo. Eu adoro escrever, adoro esse cenário de redações. Entrei na faculdade em 1978 e me formei em 81.

Comecei a trabalhar no segundo ano de faculdade, como apresentadora do Jornal do Almoço na RBS. Depois de apresentadora, virei editora do Jornal do Almoço e, depois, editora geral de controle da programação da RBS TV Pelotas. Nunca fui estagiária. Sempre atuei como jornalista e responsável. Não senti que tivesse uma obrigatoriedade do diploma de jornalismo para trabalhar. Eu fiz teste para a RBS e entrei.

Isso tudo era bem na época da ditadura militar. Eu tinha que levar toda a programação da emissora e da Rádio Atlântida, que era vinculada à televisão, até a cidade de Rio Grande, onde a Polícia Federal aprovava, toda semana, a programação. Você não dava uma nota musical na televisão ou na rádio sem que a Polícia Federal aprovasse antes. Tinha que ter toda uma programação antecipada. Mas eu nunca senti perseguição, nem nada.

Eu me formei em 81 e vim para o Paraná em 86, porque o meu marido foi transferido do trabalho dele. Eu tinha dois nenéns pequenos na época: a Fernanda, de 11 meses, e o Eduardo, de 10 dias. Eu fiquei praticamente um ano sem trabalhar. Não tinha condições de cuidar de duas crianças pequenas, eu não conhecia nada na cidade, não conhecia ninguém. Foi aí que eu retomei a minha carreira em 87, quando a Gazeta abriu esse concurso. (...) Então fiz esse teste para a *Gazeta do Povo* e entrei.

Quando eu cheguei na Gazeta, em 1987, já tinham mulheres na redação. A dona Rosy de Sá Cardoso, por exemplo, já estava lá. A Gazeta nunca teve essa preocupação [com o diploma]. Era talento. Tu ias fazer o teste e quem passasse era contratado, independente de ser homem ou mulher.

Como era a redação da Gazeta em 87? Era um poleiro, um poleiro no sótão. Só tinha um telefone fixo. Todos os jornalistas que queriam marcar alguma entrevista usavam esse telefone fixo,

que ficava na mesa da secretária. Praticamente só tinham homens. Tinha três mulheres comigo. Depois entrou a Marian Guimarães, a própria Ana Amélia Filizola, e aí foi se diversificando mais. Tinha máquina de escrever Remington, um fax e um outro aparelho que recebia as notícias. E só.

Comecei como repórter geral. A gente cumpria o horário das 5 horas, que já era da época. Mas assim, precisava chamar de manhã, vinha de manhã; precisava chamar de tarde, vinha de tarde.

Eu fiquei de 87 a 2002 na Gazeta. Como repórter geral, devo ter ficado uns quatro ou cinco anos. Depois, quando comecei a ter cargos de coordenação, de edição – fui editora de economia e depois coordenação da redação – entrava às nove da manhã e saía dez e meia, onze horas da noite.

A Gazeta passou por um processo de reformulação, de criação de plano de carreira, que antes não tinha. Eu fui da primeira leva dos coordenadores de redação, junto com mais três jornalistas da redação. Nós éramos os quatro coordenadores numa primeira reformulação que a Gazeta fez, depois que ela recebeu uma consultoria da Espanha, da Universidade de Navarra. Até lá, as coisas eram [gerenciadas por] três chefes, e eles mandavam e gerenciavam tudo.

Sobre o ambiente, se era machista... Não. Nenhum [episódio]. Até porque eu sou faca na bota. Se me falarem alguma coisa que eu não goste, eu vou revidar na hora. Todo mundo na redação tinha medo de mim. [risos] Então, comigo não. Especialmente não tive assédio, não tive nada. Aconteceram episódios, mas risíveis, não foi uma coisa ofensiva.

Sobre a questão do salário, eu nunca soube se por ser mulher eu recebi menos. Nunca me preocupei em perguntar e nunca fui muito ativa no sindicato. Eu sei que, quando houve essa reestruturação da redação da Gazeta, todos passaram a ganhar a mesma coisa, independente de homem ou de mulher, dependendo apenas dos cargos e funções, porque tinha um plano de carreira que enquadrava todo mundo.

Sobre ser mãe e jornalista, hoje eu te digo que eu me arrependo amargamente de ter abandonado meus filhos. Porque eu priorizei o trabalho e a minha responsabilidade diante da Gazeta – sem horário para entrar, sem horário para sair – em detrimento de cuidar dos meus filhos. (...) Eu tinha uma pessoa que morava comigo que cuidava dos meus filhos e ficou morando comigo até eles terem uns 10 anos. Mas hoje, a Clarice, com 70 anos, diz que se arrepende de ter priorizado a carreira.

Com o tempo passando, você percebe que o teu trabalho é só o trabalho, não é a tua segunda casa, não adianta. Por mais que tenha esse sentimento, não é a tua segunda casa. A tua prioridade deve ser a tua família. Mas isso eu só fui saber e perceber depois de ficar velha.

Não tinha muita escolha também. Se eu tivesse pensado "vou optar pela minha família", não teria crescido profissionalmente. Isso é uma realidade. Porque uma das coisas que me fizeram crescer profissionalmente foi a minha disponibilidade.

Eu não segui para a editoria de economia por escolha. Aconteceu um problema com o editor, ele foi sumariamente dispensado, e olharam para mim e disseram: "Clarice, tu vai assumir". Eu disse: "Tudo bem, eu assumo". E gostei.

Eu sou uma pessoa muito flexível nesse sentido. Posso até não gostar daquilo que me deram para fazer, mas eu me proponho a passar a gostar. Tudo que eu fiz, mesmo que fosse com dificuldade no início, eu passei a amar na sequência, porque a minha proposta de vida é essa: não vou fazer nada que seja um incômodo. Vou transformar esse incômodo numa coisa prazerosa.

Fiquei na Gazeta até 2002. Saí para assumir o Instituto GRPCom.

Na verdade, eu criei o Instituto GRPCom. Eu estava meio cansada já da redação. Aí surgiu a ideia de criarem um instituto para o GRPCom, que já era GRPCom na época, para ele cuidar

do lado social, ambiental e até de questões internas. Por exemplo, o vestiário dos funcionários que trabalhavam lá na rotativa era horrível. A gente queria tentar fazer esse pente fino para melhorar a qualidade de vida dos próprios funcionários.

Eu quis assumir esse projeto, e pesquisei sobre como gerir um instituto. Tanto que eu fui fazer MBA em responsabilidade social, depois fui fazer curso de gestão e de gestão ambiental. Fiz cursos no Brasil e no exterior para me aprimorar, porque eu nunca tinha trabalhado com isso. Foi uma mudança que eu me propus.

Uma das coisas mais interessantes que eu fiz enquanto diretora do instituto foi criar a diretoria de responsabilidade social da ANJ (Associação Nacional de Jornais). Eu fui a primeira diretora de responsabilidade social e empresarial da ANJ. Tanto que eu ia de 15 em 15 dias para Brasília. Visitei jornais de todos os estados brasileiros falando de responsabilidade social dos veículos de comunicação, em especial os jornais.

O foco era trabalhar com a primeira responsabilidade social de um veículo de informação, no caso, como cuidar da informação que tu divulgas, com a qualidade das notícias. Se você não tem responsabilidade com isso, não dá para pensar em responsabilidade social. Mas também falávamos de outros pontos de vista. “O que você faz com o papel que sobrou da tua impressora? O que você faz com o resíduo da água da lavagem das máquinas? É jogado direto no esgoto ou tem uma mini usina de processamento para você não contaminar o lençol freático? Como é que você escolhe o teu distribuidor? Ele contrata as pessoas ou está escravizando?”. E por aí vai.

Eu fiquei no instituto até 2014, quando me aposentei. De 2014 até três anos atrás, fiquei ajudando meu marido no posto de gasolina e na transportadora que ele tinha. E ele faleceu. Nosso sócio comprou a nossa parte. Daí eu fiquei em casa, com dois filhos casados com as suas vidas, e sozinha, sem nada o que fazer. Digo: "Vou voltar a trabalhar, qualquer que seja o trabalho, para ocupar a minha cabeça".

Quem é que dá emprego para velho nesse país? O governo.

Entrei em contato com as pessoas que eram conhecidas e disse: "Ó, eu tô querendo voltar a trabalhar. Mas eu tenho duas condições: não quero ter equipe e não quero ser chefe".

Ser chefe dá muita dor de cabeça. No Instituto GRPCom eu tinha 35 pessoas sob meu comando, toda a equipe de Curitiba mais duas ou três pessoas em cada praça da RPC no Paraná. Eu queria ocupar a minha cabeça, mas não tenho mais idade para me incomodar.

Daí me ofereceram uma vaga na Secretaria de Comunicação. A princípio disseram que eu ia fazer projetos com a comunidade. Nunca cheguei a fazer nenhum projeto. Ou faltava verba, ou não era aquele momento. Daí, começaram a ter necessidade de gente para trabalhar na área de produção cultural. Eu digo: "Opa, eu vou para produção cultural, porque ficar todos os dias, bater ponto e não fazer nada, não é a minha cara".

Comecei a trabalhar com produção cultural e é com isso que eu tô trabalhando até agora. Trabalho com a agenda cultural e as notícias da rádio e TV Educativa. Como já disse, eu aprendo a gostar do que me propõem.

Aquele interesse por pintura lá atrás, por artes plásticas? Nada. Nunca mais. Me deu preguiça. Era coisa de adolescente mesmo.

Eu descobri que eu gosto de mandar. [risos] E para mandar, você tem que ter cargos. Eu gosto de planejamento estratégico, eu gosto de visão empresarial, eu gosto desse mundo da gestão.

Se sinto falta daquele tempo de carreira do jornalismo? Só da idade. Sinto falta de ser jovem, mais nada. O resto está tranquilo.

Meu prazo de validade [no cargo atual] é o ano que vem, porque sou cargo em comissão e o ano que vem tem eleição. Posso continuar como posso ser cortada já em abril. Mas estou bem tranquila com isso. Tenho interesse em continuar porque acho que é gratificante ter uma atividade. Não deixa espaço para o Alzheimer, não deixa espaço para depressão.

MARA CORNELSEN: CRIMES E MINISSAIA

Em busca de ser escritora quando crescesse, a curitibana Mara Cornelsen achava que a graduação em jornalismo seria um bom caminho para tal plano, mesmo com o desaprovo de seu pai. O que ela não pensava é que, aos 19 anos de idade, recebesse a oportunidade de trabalhar com o jornalismo policial desde o início de sua carreira – algo que contrastava com o seu medo de violência e armas, mas que agarrou com força e nunca mais soltou. Com 35 anos de profissão em jornais como o *Diário do Paraná*, *Estado do Paraná* e *Tribuna*, Mara trouxe um olhar sensível para as coberturas diárias, confrontando delegados e não se abalando com comentários sobre seu modo de se vestir. Agora, já aposentada, voltou a dar foco para o seu sonho de infância, escrevendo crônicas e planejando livros.

(...) Depoimento a
Pietra Dissenha Hara

Eu sempre tive muito carinho pelas letras. Desde bem pequenininha, com três anos de idade, meu pai, que era contabilista, trazia toquinhos de lápis para casa. A minha mãe comprava pão numa mercearia perto de casa que vinha enrolado num pedaço de papel grande. Então, eu pegava os toquinhos de lápis do meu pai e o papel de pão, deitava no chão e copiava as

letras das manchetes da *Tribuna do Paraná*, que meu pai comprava todos os dias. Fui aprendendo a fazer as letras de forma e as letras corridas. Meu maior sonho era começar a aprender a ler para poder escrever.

Comecei a escrever muito cedo. Tinha facilidade com a escrita porque também lia muito. Meu pai tinha muitos livros e eu sempre fui fissurada em ler.

Quando eu estava com 14 anos, queria ser escritora. Eu achava o máximo ser escritora, mas nada na minha vida me mostrava o que eu poderia fazer para me transformar numa. A coisa mais próxima, no meu entender, de uma escritora seria ser jornalista. Aos 14 anos eu decidi ser jornalista, porque eu gostava muito de escrever.

Aí falei para o meu pai que eu queria ser jornalista, e ele, para variar, proibiu terminantemente. Ele dizia que, naquela época, o ambiente do jornalismo não era para mulher. Na visão dele, todos os homens jornalistas eram bêbados, frequentadores de bares, e todas as mulheres jornalistas eram prostitutas. A filha dele não ia se meter nesse meio.

Aos 16 anos eu prestei o meu primeiro e único vestibular para a Universidade Federal do Paraná e passei para a Comunicação Social. Eu tinha feito o vestibular escondido; meu pai sabia que eu estava fazendo, mas ele achava que era para o curso de Desenho Industrial. Ele achou o máximo, o curso do futuro. Eu falei: "Tá, eu tô fazendo para Desenho Industrial". Ele assinou a autorização, porque menor de idade não podia fazer o vestibular. E passei. Tinha que ser na Federal, porque a gente era uma família muito simples, não tinha condições de pagar uma faculdade. Jornalismo na época era na Federal e na Católica. Católica era inviável. Se não passasse na Federal, ia estudar mais um ano. E eu passei no primeiro vestibular com 16 para 17 anos.

Fui para a faculdade meio menina do ensino médio, sem saber direito nem o que eu estava fazendo lá. Eu queria fazer o curso de jornalismo para escrever. Fiz o curso em 3 anos; na época eram 4 anos. Saí da Universidade Federal do Paraná, formada, com 19 anos.

Quando eu entrei, em 1977, nós estávamos começando a sair da Ditadura. Ainda estávamos sobre a era da ditadura. A maioria

[na turma] eram homens. Homens adultos já, não era molecada. Homens barbudos, cabeludos, daquela época, revoltados com o sistema, querendo mudar o mundo. O ambiente universitário era muito politizado. Era muito voltado a mostrar para o estudante que era impossível a gente ficar vivendo sob uma ditadura. Era um ambiente muito masculino. E eu me sentia um passarinho ali, fora do ninho.

Os professores vinham dos jornais. Eu nem sei se todos tinham sido formados na área. Eu acredito que não; os mais velhos talvez tenham cursado Direito. Não sei nem se o professor Danilo Costa Côrtes [diretor do curso de jornalismo da UFPR] era formado em jornalismo, mas ele era um jornalista de carreira. O mais engraçado de tudo é que nós não tínhamos aula de português no curso de jornalismo, o que para mim seria fundamental.

Primeiro, fiz um estágio na redação do *Estado do Paraná*, que era do Dr. Paulo Pimentel, junto com a *Tribuna* [do Paraná]. O *Estado do Paraná* era um jornal mais elitizado; a *Tribuna* era um jornal mais popular, voltado ao futebol e crime. Então fui para o *Estado do Paraná* para fazer matérias gerais.

Eu era muito rápida. Sempre datilografei com os 10 dedos. Fiz um curso de datilografia no Senac que foi uma maravilha [risos]. O que a gente fazia nesse estágio, normalmente, era "pentear release". Vinham um monte de releases das assessorias de imprensa. O Desidério Peron era o chefe de redação e também presidente do Sindicato dos Jornalistas. Ele distribuía aqueles releases para os estagiários para a gente melhorar aquilo e reescrever.

Eu lembro o dia que o Peron chegou na minha mesa, colocou as duas mãos e olhou bem para minha cara e disse: "Não aguento mais você". Eu quase me enfartei. Ele falou: "Não aguento mais você aqui na redação, não aguento mais te dar release, você é muito rápida, a partir de amanhã você vai para a rua". Aí foi a glória, né? Comecei a fazer matérias na rua e a sair com os fotografos.

Mas nós estávamos em muitos estagiários lá, acho que em 13. O Sindicato dos Jornalistas começou a questionar a direção do jornal, porque estava usando muita mão-de-obra de estagiário. O Dr. Paulo Pimentel ficou brabo com isso e mandou todos os estagiários embora. Demitiu todo mundo.

Nessa, o meu professor Danilo Costa Côrtes chegou para mim e disse: "Mara, você saiu lá do estadinho [*Estado do Paraná*]? Quer trabalhar no *Diário do Paraná*?". Então eu falei: "Quero, professor, mas eu não quero mais como estagiária, porque daqui quatro meses eu tô me formando". Ele falou: "Não, então você vai como profissional". Aí eu comecei como profissional no *Diário do Paraná* pouco antes de me formar.

Eu era muito menina, muito despreparada com a vida, porque até então eu só estudava. Eu não conhecia a rua. Eu fui aprendendo ali no dia a dia mesmo, na raça, na coragem, no peito aberto, na vontade de aprender.

Eu entrei [no *Diário do Paraná*] para fazer reportagem geral. Logo depois, o Luis Augusto Cabral, jornalista titular da editoria policial, pediu milhões de vezes e me convenceu que eu cobrisse as férias dele. A família dele era de Manaus e havia 3 anos que ele não conseguia ir para lá, porque ele não tinha ninguém para pôr no lugar dele no jornal. Eu falei: "Eu nunca entrei numa delegacia. Eu tenho medo de arma. Não quero". Mas fiquei compadecida e topei fazer um mês de policial.

No dia seguinte, ele me levou no Instituto Médico Legal, [disse] "aqui é o necrotério, aqui é a delegacia de furtos e roubos, aqui é a delegacia de homicídios e tchau que meu avião vai sair às 3 horas da tarde". Ele me largou ali. Mas eu tinha um fotógrafo parceiro muito bom, que é o Jorge Graf. O Jorge tinha toda a malandragem da reportagem policial. Ele falou: "Não, Marinha, a gente vai junto, eu te oriento". E nós fizemos uma hiper dupla.

Logo em seguida, aconteceu um sequestro da filha de um grande empresário aqui de Curitiba. Eu tive a felicidade de estar nos lugares certos, na hora certa, com os delegados certos e consegui as informações certas. Eu cobri muito bem esse sequestro, embora fosse super novata. Me sobressaí com essa cobertura. O *Diário do Paraná*, que era um jornal que já estava morrendo, estava em fim de carreira, pagava salários atrasados,

estava dando furo na questão do sequestro.

Terminado isso, o Cabral, que estava de férias, voltou de Manaus, mas aí eu não quis mais sair da policial. Eu gostei muito de fazer aquilo, porque achava que era um trabalho muito importante. Tipo um serviço público. Tive uma visão da reportagem policial diferenciada por ser mulher, e comecei a vislumbrar ali que o jornalismo policial me daria possibilidade de mudar muita coisa. Desde que fosse bem exercido, não ficasse naquela de só crime, sangue, manchete.

Mas o Cabral voltou (...) Nós ficamos um período trabalhando juntos até que eu sou retirada da rua e volto para a redação para fazer matéria de geral. Fiquei muito chateada. Nisso, o editor de polícia do Estadinho, que também olhava as matérias da *Tribuna*, o Oscar Milton Volpini, ligou para mim e me convidou para ir para a *Tribuna*. Isso, em 1980. E eu falei, num primeiro momento, que estava tranquila, que gostava do meu trabalho, para o Volpini.

Mas eu fui [para a *Tribuna*] por força do do mesmo Cabral que tinha me pedido para substituí-lo. (...) Eu disse para ele, no mesmo dia da ligação: "Você não sabe quem me ligou. O Volpini lá da *Tribuna*". E ele disse: "E você está aqui fazendo o quê?". Então eu falei: "Eu tô aqui trabalhando". E ele disse: "Vai já para lá. O jornal aqui tá falindo, tá acabando. Lá não, lá paga em dia, lá é segurança". Então ele arrancou o papel da minha máquina. Pegou minha bolsa, jogou minhas coisas dentro, me levou no ponto do ônibus e me botou no ônibus para descer na *Tribuna*. Eu fui no mesmo dia na redação da *Tribuna* e cheguei para o Volpini com a maior cara de tacho, dizendo: "Ah, eu pensei melhor, eu aceito". E ele falou: "Pode começar amanhã".

Foi aí que comecei na *Tribuna*. Fui contratada oficialmente no dia 1º de maio de 1980. Daí foram 30 e tantos anos, com um periodozinho que eu saí, fui até a Gazeta ficar 5 anos, e voltei para a *Tribuna*. Tudo na polícia. A minha carreira inteira eu fiz na reportagem policial. Eu nunca nem sonhei em pisar em uma delegacia, nem sonhava em código penal, em presídio, em arma, em violência, em sangue, em morte... Eu queria contar histórias bonitas e trabalhar em jornal para escrever. Mas acabou que a vida me serviu a reportagem policial e eu abracei.

Isso me diferencia um pouco, porque normalmente o repórter

entra na policial para aprender e daí vai para outras editorias. A policial é realmente uma escola. Na minha época, não tinha pauta. Você saía do jornal com um bloco, uma caneta, um saco de ficha telefônica enorme e um bip [pager de polícia] na cintura. O meu era o 926. Quando acendia a luzinha, era correr no orelhão, encher de ficha, ligar para central, dizer o número do bip e aí a telefonista te passava o recado. "Ah, tem um acidente na BR tal". Aí você tinha que ligar para o IML para confirmar, ligar para a polícia rodoviária (...) Minha média diária de matérias era oito por dia. Era uma corrida mesmo.

A violência também era menos. Era mais um assassinato a cada 10 dias ou cada semana. Hoje você vê 10 assassinatos num dia só.

Eu sempre disse para os meus repórteres: "Sempre olhe além do cadáver". Você vai no local do crime, não fica ali olhando o cadáver. Cadáver é cadáver, já morreu. Olha além, vá mais para frente, volte, veja do lado, veja tudo, porque a história está em volta. Aquela pessoa foi assassinada por um motivo. Qual foi o motivo? "Ah, envolvido com droga". Por que se envolveu com droga? Porque morava na favela. Por que morava na favela? Porque era pobre. E por que que era pobre? Porque a mãe veio do interior, casou, se separou, foi trabalhar de diarista, foi abusada... Sempre tem uma história social muito maior ou uma história triste que culminou no assassinato.

Eu tive mentores. O Cabral foi um parceirão. O Jorge Graf era um baita de um fotógrafo super entrosado. Também trabalhei com o Oscar Milton Volpini, que era o editor do *Estado do Paraná*. Ele foi um mestre para mim, porque ele era ultra rigoroso. Ele burilava minhas matérias. Foi uma pós-graduação. O próprio Francisco Camargo, editor-chefe da *Tribuna*, foi um outro mestre. Ele não tinha problema nenhum em elogiar a gente. Eu nunca esqueço uma vez que cheguei na redação com um furo e disse: "Camargo do céu, consegui esse furo, mas foi uma sorte". Ele olhou para mim: "Mara, sorte não. Sorte só tem quem trabalha. Você conseguiu porque você trabalha muito". Nossa, eu fiquei

super envaidecida, porque é difícil reconhecer, ainda mais o homem reconhecer o trabalho da mulher. O próprio Mussa José Assis, diretor de redação, foi um grande cara na minha vida também, me ensinou muito, com muita paciência.

Eu lembro que eu estava lá debulhando na máquina de escrever e o Mussa ficava parado atrás de mim. Eu parava e olhava: "Que que foi, chefe?". Ele: "Nada, só tô olhando". Daqui a pouco ele vinha: "Aquela palavra que você colocou ali, muda, faz assim". Ele estava lendo o meu texto. Uma vez, fiz uma matéria sobre um menino que vendia picolé e foi atropelado. Eu cheguei e disse: "O 'dolézeiro' fulano de tal...". Aí ele chega com a minha matéria na mão: "Senhora, você é de Curitiba, né?". Eu falei: "Sim, sou". Ele falou: "Porque 'dolé' só existe em Curitiba, 'dolezeiro' só existe em Curitiba. Negócio é picolé, ou sorveteiro". Eu falei: "Desde criança eu chamo 'dolézeiro'". Ele disse: "Mas é só aqui. É uma expressão bem regional. Não ponha isso no jornal que quem tiver a 30 km de distância não vai saber o que é". Fui aprendendo assim no dia a dia.

Naquela época não tinha outras mulheres [na policial], era só eu. Eu fiquei 17 anos e 4 meses na *Tribuna*. Então, até 94, era só eu de mulher. Antes de mim, teve a Teresinha Cardoso, que trabalhou um tempo. E depois quem fez um periodozinho pequeno também foi a própria Adélia Lopes, que chegou a editar a página policial da *Tribuna* por uns seis meses. Depois ela foi para a cultura e eu acabei continuando.

Depois, quando fui para a Gazeta, aí sim, foram contratadas outras. Teve a Ronise Vilela. Depois teve a Valéria. Daí já foi abrindo o leque. O pessoal em televisão também, as repórteres de televisão começaram a cobrir delegacias, a própria Dulcinéia Novaes. (...) Mas esse policial feijão com arroz, o dia a dia, de você sair com o bloco e a caneta, com a cara e a coragem, e bater de delegacia em delegacia, cavar sua matéria, investigar, pesquisar... Isso era mais difícil mesmo, eram mais os homens que faziam. E eu.

A mulher vê a coisa de uma forma diferente e sente de uma

forma diferente. Não é nenhuma questão aqui de macho ou fêmea, de feminismo ou de machismo, não. É de sensibilidade. A mulher é mais sensível, observa mais. Às vezes uma coisa pequenininha ali te dá uma matéria grande.

Eu fui uma vez cobrir no Parolin [um fechamento de] bingo clandestino. A polícia bateu lá. Eu fui, assim como foi o pessoal dos outros jornais, pessoal de televisão, a turma de rádio... Todo mundo descobriu, eu entrei, olhei, fiz a mesma coisa que os outros, mas eu olhei um policial militar que estava com um cinto vermelho. Ninguém percebeu. Deixei a muvuca passar, cheguei nele e disse: "O senhor é do corpo de bombeiros, né?". Eu falei: "O senhor tá com cinto vermelho, esse cinto é do corpo de bombeiro". Ele não sabia o que fazer, ficou vermelho, desconversou. Batata: tinha um bombeiro, e tinha um bombeiro de alta patente lá. Tipo coronel do corpo de bombeiros, jogando lá. Poderia ser só mais uma matéria. Mas um oficial, graduado do Corpo de Bombeiros, no bingo, numa quarta-feira à tarde, preso, aí sim, realmente era uma grande matéria. E eu dei essa matéria. Eu fuzei e descobri. Daí todo mundo que teve lá e que não teve a percepção daquele cintinho vermelho, ficou louco da vida. "Ah, a Mara tem informação privilegiada". Não, eu só observei que tinha um cinto vermelho na situação. Estava lá para todo mundo ver.

Fazendo a editorial policial, descobri que eu podia ajudar muita gente. Fazendo matéria de crianças necessitadas, de pessoas precisando de remédio. Às vezes uma notinha no jornal mudava a vida dessa pessoa. Quando tinha muitos crimes numa favela... na favela tem traficante, tem bandido, mas tem gente boa. Tem crianças que querem ir para a escola. O que eu fazia? Eu pegava minha equipe e todo dia eu fazia uma tarefa naquela favela. Todo dia, vamos lá, descubra, faça alguma coisa. Não tinha dúvida, uma semana depois a polícia ia lá, fazia um arrastão e a favela ficava trê, quatro meses tranquila. Eu descobri que eu podia fazer isso com o jornal.

Através do jornalismo conseguimos trazer duas crianças sequestradas: uma pela quadrilha da Arlete Hilu, que estava em Israel. Passei 2 anos fazendo matéria para a *Tribuna* sobre isso. E outra menininha que foi sequestrada por um andarilho, foi para São Paulo, ficou 7 anos sumida. A gente conseguiu achar essa

menina com a ajuda do Linha Direta da Rede Globo. Ela voltou 7 anos depois. Se eu não tivesse feito mais nada, só esses dois casos já teriam valido a minha carreira inteira.

(...)

Teve uma outra história de um garotinho de seis anos que cuidava da irmã, com quatro. Um sujeito invadiu a casa deles, tentou estuprar a menininha e ele pegou um pedaço de pau e deu na cara do homem e evitou o estupro. O menino virou herói. O sonho do menino era ganhar uma bicicleta e eles eram muito pobres. Eu coloquei tudo isso na minha matéria. O menino ganhou seis bicicletas naquele Natal, não sei quantas dezenas de cestas básicas. Foi tão lindo aquilo, tão maravilhoso poder proporcionar aquilo para aquela criança. Que felicidade ter escolhido essa carreira e ter poder fazer essas coisas.

Sobre a ditadura, já estava abrindo. Eu não tive matéria censurada. Mas sentia a forma como a polícia nos tratava. Uma vez, denunciei um caso de tortura. Um rapaz que foi torturado horrivelmente pela polícia. Ele se colocou nu na minha frente, mostrando todas as queimaduras, inclusive na área genital. Ele deixou ser fotografado, ele não podia pôr roupa, tava só com um lençol em cima, e contou as torturas que sofreu para confessar um sequestro que ele não tinha participado. Eu denunciei isso, foi uma capa de página inteira da *Tribuna*.

No dia seguinte, a polícia deu uma coletiva sobre aquilo, porque prenderam os verdadeiros sequestradores e o rapaz era inocente. E eu fui nessa coletiva. Ninguém acreditava que eu teria coragem de ir. O delegado saiu do lugar onde ele estava, atravessou o auditório, veio ao meu encontro, me peitou e disse assim: "Sorte sua que não tem mais o AI-5, porque senão você não sabe aonde você ia parar. Você é muito corajosa de ter vindo aqui". Eu olhei para ele e disse: "Eu fiz o meu trabalho. O senhor faz o seu, eu faço o meu".

Depois eu fui proibida de entrar em delegacia. E aí os meus

amigos de rádio, meus colegas, iam pegar [a informação] e passavam para mim. Eu dava a matéria do mesmo jeito. Discutia com o delegado, dizia: "A delegacia é um órgão público, eu posso entrar e sair a hora que eu quiser". E ia [na delegacia] todos os dias, do mesmo jeito, até que as brigas iam se arrefecendo.

Outra vez, o dono de um shopping, do primeiro shopping aqui de Curitiba mandou dois seguranças me levarem até a sala dele e perguntou: "Quanto você quer para não dar essa matéria?" (...) Eu tinha escrito sobre uma ameaça de bomba no shopping. Então falei: "O senhor me desculpe, mas eu ganho um salário por mês para dar essa matéria. Eu já sou paga para isso". Ele falou: "Tudo bem, acerto com seu patrão". Cheguei no jornal, fui direto na sala do Mussa [José Assis] e contei para ele. Ele falou: "Ele disse isso?", e eu: "Disse na minha cara. Perguntou quanto eu queria". Depois, ele disse: "Tá, vai lá e escreva a matéria. Só não põe o nome do shopping". Daí eu coloquei "o primeiro shopping construído em Curitiba".

Como era ser mulher numa redação? Era tranquilo. A redação era muito boa, era a segunda casa. (...) A redação do *Estado do Paraná* e da *Tribuna do Paraná* era uma redação diferenciada, um lugar de amigos. Eu tinha ali o Oscar Milton Volpini, que era bravo, mas era um mestre. Eu tinha orientação do Francisco Camargo. Nunca teve nenhum problema com os homens ali. Eu tinha coisas boas. Eu encontrava bilhetinhos no para-brisa do meu carro, me chamando de linda. O Aramis Millarch deixava pequenos poemas na minha máquina de escrever. Ele dizia que eu era a "musa da policial". Então, eu era assim, bem, até meio mimada.

Tive pouquíssimos problemas [externos]. Teve um delegado que chegou a mandar uma carta para o jornal dizendo que eu era muito indecente porque eu usava minissaia. Eu sempre usei minissaia, nunca tive problema nenhum com isso, desde criança usei minissaia, com as pernas de fora. Usava tênis, minissaia, rabo de cavalo, era menina, né? Nunca restringi minhas roupas por causa de trabalhar no jornal, na *Tribuna*, de ir para a delegacia. Eu

me vestia como eu queria e bem entendia e não tava nem aí para o que falassem.

Esse delegado não gostou de uma matéria que eu fiz, me proibiu de entrar na delegacia, me ameaçou, mas continuei fazendo as matérias. Ele ficou muito bravo, daí ele mandou uma carta para o jornal me esculhambando, dizendo que eu era um "atentado violento ao pudor", que as funcionárias da delegacia tinham vergonha quando eu chegava lá...

Daí eu até falei pro diretor de redação que ele poderia publicar a carta, mas só o pedaço que ele fala da matéria, que ele não gostou, que não estava certo e tal, não teria problema, ele tem direito a resposta. Mas ele não tinha direito de falar das minhas roupas e tudo mais. “Acho que essa parte da carta você não pode publicar. Não vai dar pano pra manga, sabe? Bater palma para o louco dançar, né?”. Então, o diretor de redação publicou a carta dele, mas só o pedaço que ele falava da matéria. A parte da carta sobre mim, deixou de ser publicada.

Sobre salário, se eu senti diferença? Com certeza. Eu nunca procurei saber a fundo para não passar raiva. Mas eu sabia que tinha colegas que trabalhavam metade do que eu trabalhava e ganhavam mais, isso tinha. Isso é uma tristeza que eu tenho. Tinha privilégios para homens que trabalhavam menos do que eu.

(...)

Na redação, não teve esse direcionamento [para editorias "leves"]. Nós tínhamos a Soninha Nassar fazendo esporte. Tínhamos a Bath Fortes na política. Já tinha uma mistura bacana. Uma vez, deixei de entrar num presídio em rebelião. Eu estava entrando, e o Mussa estava lá também. Ele me pegou pelo braço e me colocou para fora. Ele falou: "Não, não. É colocar tua vida em risco. Os homens estão armados até os dentes, já decapitaram não sei quantos lá dentro". Então eu voltei para a redação. O repórter Paulo Francisco foi para lá, pegou as informações, passou para mim por telefone e eu escrevi a matéria. Foi o único caso que eu não entrei.

Quando estava grávida de 7 meses, explodiu uma fábrica de fogos de artifício na Lapa, matou 14 funcionários, e eu fui subir o morro e descer o morro de barriga para cima e para baixo. Parei uma semana antes do meu filho nascer.

Tirei a licença de três meses, mais um mês de férias e voltei para o policial. Voltei ardendo, morrendo de saudade. Era duro porque não tinha babá, não tinha dinheiro para pagar babá. Foi bem difícil, acho que esse foi o período mais pesado para mim, porque eu tinha mais uma vida para cuidar. Foi até os 7 anos [dele].

(...)

Às vezes eu tinha que deixar ele com pessoas que eu não sabia direito quem eram, às vezes tinha que deixar com um vizinho... Até as coisas se ajustarem até ele crescer um pouquinho, mas ele não gostava muito, até hoje ele se ressentido disso. Meu filho está com 40 anos e ele cobra isso, de eu não estar tão presente.

Eu tinha muito medo que acontecesse alguma coisa com o meu filho, coisa assim, vingança. Então eu procurava deixar a minha vida pessoal mais de fora possível. Nunca quis trabalhar em televisão [naquela época], para não mostrar meu rosto.

Paralelamente a isso, eu fazia rádio. Trabalhava de manhã na rádio. O salário era ruim, você tinha que ter dois trabalhos. E depois tinha casa, filho e tudo mais. A famosa jornada tripla. Foram 35 anos de jornal, 35 anos de rádio. Trabalhei na Rádio Universo, Rádio Clube, *Rádio Independência*, Rádio Educativa. (...) Na *Rádio Independência* eu fazia o "Delegacia da Mulher". Eram inserções, eu gravava casos de mulheres abusadas e dava um conselho: "Procure a delegacia da mulher. Você é vítima, você não é culpada". Na rádio, a apresentação de programa policial era mais homens. Acho que por muito tempo fui só eu. Mas eu gostava mais de escrever. Sempre a minha paixão sempre foram

as letras.

O jornalismo diário, ele afoga essa parte literária. Ele meio que estrangula, porque você tem normas para seguir. Pensa 35 anos escrevendo daquele jeito. Aí eu pedi para o Rafael Tavares [diretor da *Tribuna do Paraná*] um espaço para fazer uma crônica semanal, porque eu queria voltar a exercitar esse meu lado de escrever histórias. Para voltar a treinar essa coisa, de escrever de uma forma diferente. Foram acho que 8 ou 10 anos de crônicas semanais.

Esse ano, fui convidada a ocupar a cadeira 39 da Academia Paranaense Feminina de Letras. Era a cadeira da fundadora. E eu aceitei e aí publiquei um livro de Crônicas, crônicas que eu já havia publicado na *Tribuna*. Porque eu acho que, para você entrar numa academia, você tem que ter um livro publicado, e eu não tinha.

(...)

Aquilo foi trazendo aquela paixão de adolescente de ser escritora. Me permitir fazer isso. Eu tenho um blog só de crônicas. Eu escrevo quando dá vontade. Tenho outros projetos agora de novos livros. Eu gosto muito de biografia, que é contar a história de alguém, que não deixa de ser um jornalismo. Talvez o meu próximo livro seja aí uma biografia de uma pessoa muito especial, uma pessoa desconhecida, mas uma pessoa muito valente, muito guerreira, uma mulher que teve uma vida muito sofrida.

Acho que o trabalho principal eu ainda vou fazer. O próximo que vier vai ser o principal. Mas o que mais me comoveu mesmo foram os das crianças que a gente conseguiu trazer de volta sequestradas. Esses realmente foram os mais especiais.

(...)

Meu pai? Virou meu maior fã. Aonde eu ia, ele me apresentava

assim: "Essa é minha filha Mara. Jornalista da *Tribuna do Paraná*. Grande jornalista, espetáculo". Desde que começou a ler minhas matérias publicadas, ele se encheu de orgulho.

“SETENTINAS”

POSFÁCIO

Esse livro é uma pequena parte de uma grande caminhada por lembranças pouco registradas ou perdidas no tempo. Os trabalhos para trazer à tona as experiências vividas por esse primeiro grupo de mulheres a se estabelecer no jornalismo paranaense é extenso. Essa obra é apenas uma amostragem de algo com chances de se tornar muito maior.

Muitas mulheres que se aventuraram na imprensa neste período ainda não foram entrevistadas, guardando em si novos ares para esse resgate. Noemi Osna, Dulcineia Novaes, Eunice Marsigli e Mirian Gasparin são apenas alguns dos nomes para o futuro desse estudo.

Entretanto, é possível trazer algumas conclusões prévias a partir dos depoimentos coletados até então.

Essas mulheres não se enxergam, na maioria das vezes, como parte desse longo processo de diversificação da prática jornalística. Para elas, as coisas foram naturais, já que o mundo era e funcionava daquele jeito – masculinizado e com pouca abertura para elas –, mesmo que para os seus pais e colegas suas escolhas eram classificadas como algo “corajoso”.

Para outras, o processo foi um pouco mais chocante desde o início, enfrentando estigmas da sociedade desde quando falaram em se tornar uma repórter, o que as levava a comentários degradantes de seus familiares e amigos. Depois da escolha, mais

desafios: a desqualificação do próprio trabalho nas redações, o culto da beleza inalcançável, questões salariais e o modo de se vestir são apenas alguns deles.

A partir desses relatos, podemos perceber que o ambiente jornalístico mudou para as profissionais de hoje em dia – mas nem tanto.

A feminização do jornalismo é algo real e constante. Atualmente, 58% dos jornalistas no Brasil, de acordo com a pesquisa "Perfil do Jornalista Brasileiro 2021", coordenada pelo Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), são mulheres. Entretanto, muitas das coisas relatadas de 50 anos atrás acontecem até hoje. A discrepância salarial ainda é forte e poucas mulheres alcançam as posições mais altas da hierarquia da imprensa, fora os casos de assédio psicológico e sexual vividos dentro e fora das redações.

Em suma, os relatos das Setentinas revelam uma conclusão agridoce. A trajetória dessas pioneiras não é apenas um resgate histórico, mas um espelho crucial que confronta o presente, mostrando que a grande caminhada pela diversidade e pela equidade no jornalismo ainda está em curso.

Que esse trabalho contribua para o resgate do início da presença feminina no jornalismo paranaense e que ele motive mais pessoas a pensarem no passado e o que ele reflete no presente e futuro da profissão.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Sharon Jeanine. **Lead e pirâmide invertida:** a influência do modelo americano no jornalismo paranaense. 2010. 136 f. Trabalho de conclusão de curso em Jornalismo. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010;

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970 – 2000).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ABREU, A. A.; LATTMAN-WELMAN, F.; MORAES, M.; ABREU, P. **A imprensa em transição:** o jornalismo nos anos 50. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996.

ABREU, Alzira Alves de. ROCHA, Dora (orgs.). **Elas ocuparam as redações:** Depoimentos ao Cpdoc. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ALEGRE, Elvira. Entrevista à Pietra Dissenha Hara, Curitiba, 2025.

ALVES, Aline Kedma Araujo. **Decoração e gênero:** a construção histórica de um lugar feminino a partir dos periódicos do início do século XX no Brasil. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31697>. Acesso em: 30 out. 2025.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa:** Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo:** A Experiência Viva. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

CASTRO, Fernanda. **Entrevista à Pietra Dissenha Hara,** Curitiba, 2025.

CHAGAS, Tonic. **Entrevista à Pietra Dissenha Hara,** Curitiba, 2025.

CORNELSEN, Mara. **Entrevista à Pietra Dissenha Hara,** Curitiba, 2025.

DE ALDA, Clarice. **Entrevista à Pietra Dissenha Hara**, Curitiba, 2025.

DE OLIVEIRA FILHA, Elza. **Entrevista à Pietra Dissenha Hara**, Curitiba, 2025.

HARA, Pietra Dissenha; ALMEIDA, Nayara Tays de; DOMINGUES, Emilly Cristina de Oliveira; FERNANDES, José Carlos. **Celina Luz: Representação Feminina na Imprensa Paranaense do Século XX**, 2024. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/06282024214123667f58337f8c6.pdf>. Acesso em: 7 out. 2025.

LIMA, Myrian Regina Del Vecchio de; SILVA, Cláudia Santos; RASERA, Rafaela Cordeiro. **Memória jornalística e protagonismo feminino: a mulher na redação e gestão de um jornal regional**. Intexto, Porto Alegre, n. 55, e-129674, 2023. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.129674>. Acesso em: 20 mai. 2025.

LOPES, Adélia. **Entrevista à Pietra Dissenha Hara**, Curitiba, 2025.

PINHEIRO, Dinah. **Entrevista à Pietra Dissenha Hara**, Curitiba, 2025.

MANN, Laís. **Entrevista à Pietra Dissenha Hara**, Curitiba, 2025.

NEREIDE, Michel. **Entrevista à Pietra Dissenha Hara**, Curitiba, 2025.

RAGO, Margareth. **Trabalho Feminino e Sexualidade**. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Perfil do jornalista brasileiro 2021**. Florianópolis - SC: Quorum Comunicação, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/RelatorioPesq>

uisaPerfilJornalistas2022x2.pdf . Acesso em 12/09/2025.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.

WELTE, Vania Mara. **Entrevista à Pietra Dissenha Hara,** Curitiba, 2025.

AGRADECIMENTOS

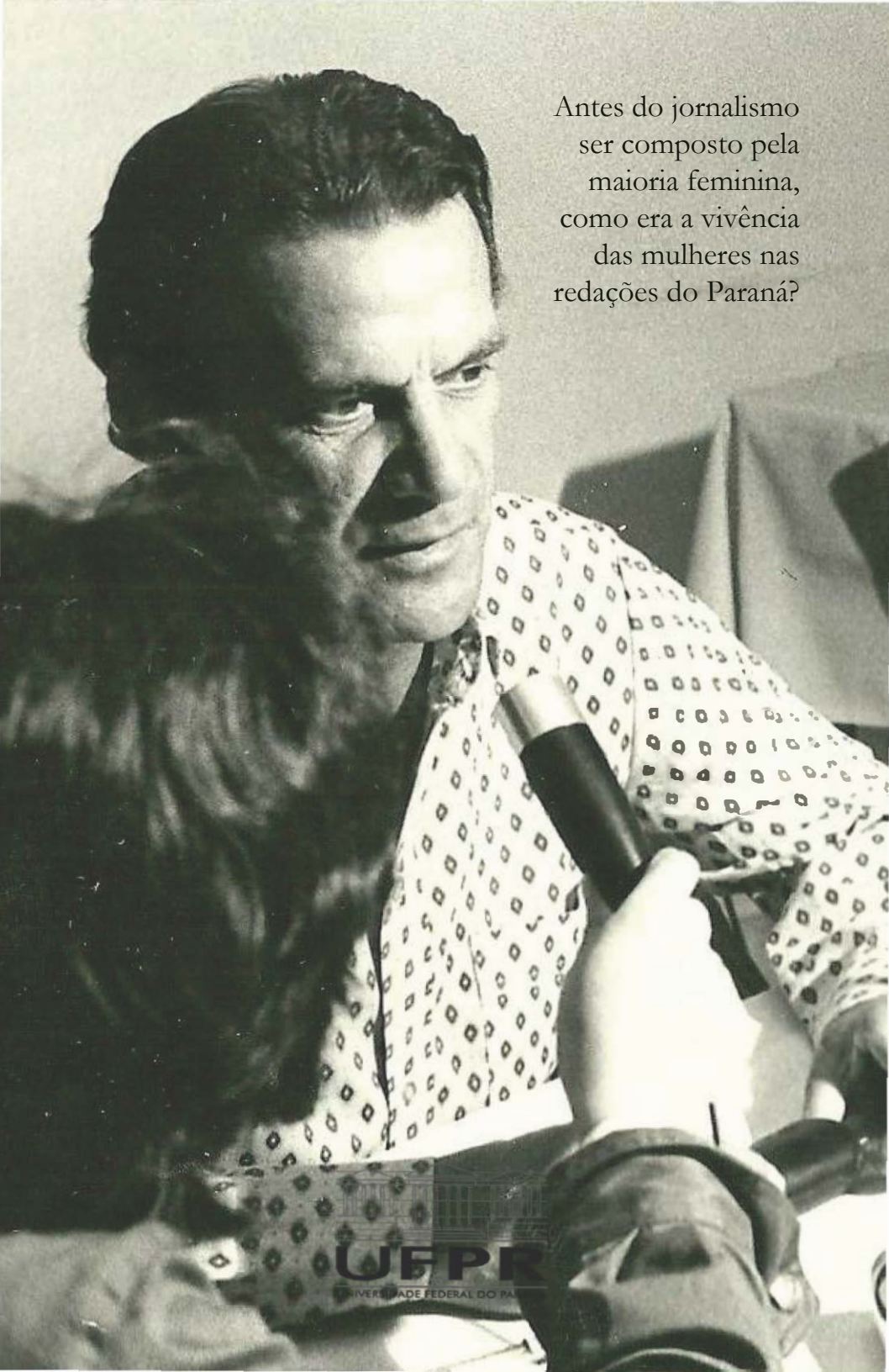
Aos meus pais e meu irmão, por terem apoiado a minha escolha de graduação desde o primeiro dia que, completamente do nada, acordei e disse que queria ser jornalista. Obrigada por serem os primeiros e maiores fãs do que faço.

Aos meus amigos da escola, faculdade e da vida, por serem a minha segunda família e meu refúgio para todos os momentos.

Ao meu professor orientador, José Carlos Fernandes, por alimentar e tornar esse sonho de produzir um livro realidade. E por fim, mas não menos importante, a Adélia, Clarice, Dinah, Elvira, Elza, Fernanda, Laís, Mara, Martha, Nereide, Tônica, Vania e a todas as mulheres que chegaram antes de mim e de tantas outras meninas que hoje sonham em seguir carreira na comunicação, por desbravarem esse universo e se tornarem essas figuras que mostram que é possível chegar lá.

SOBRE A AUTORA

Pietra Hara é natural de Curitiba e jornalista pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Durante a graduação, se interessou pelo resgate de personalidades femininas da história do jornalismo brasileiro, o que originou a ideia de produção do livro *Setentinas* como seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Unindo memória oral à apuração jornalística, tem planos de continuar essa pesquisa por muitos anos, por acreditar que é preciso revisitar o passado, e não esquecê-lo.



Antes do jornalismo
ser composto pela
maioria feminina,
como era a vivência
das mulheres nas
redações do Paraná?